

Universidade Federal de Juiz de Fora

Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Ana Cláudia Alves Netto Coelho

PALOMA VIDAL:

**UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA MULTITERRITORIALIZADA EM
*MAIS AO SUL***

Juiz de Fora

2017

Ana Cláudia Alves Netto Coelho

PALOMA VIDAL:
UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA MULTITERRITORIALIZADA
EM *MAIS AO SUL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora Prof^{ra}. Dr^a. Silvina Liliana Carrizo

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Coelho, Ana Cláudia Alves Netto.
Paloma Vidal: Uma reflexão sobre a Literatura Multiterritorializada em
Mais ao Sul / Ana Cláudia Alves Netto Coelho. - 2017.
115 f.

Orientadora: Silvina Liliana Carrizo
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de
Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos
Literários, 2017.

1. Deslocamento. 2. Memória. 3. Multiterritorialidade. I. Carrizo,
Silvina Liliana, orient. II. Título.

Ana Cláudia Alves Netto Coelho

**Título: PALOMA VIDAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA
MULTITERRITORIALIZADA EM *MAIS AO SUL***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de Concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 10/10/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Silvina Liliana Carrizo (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

p/Prof^a. Dr^a. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves (cf. ata)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Laura Barbosa Campos
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu suporte, ter me guiado e dado forças para continuar.

A meus filhos Mateus, Moisés e Camila, por serem fonte de amor e alegria para minha vida e por me fazerem mais feliz a cada dia.

Ao meu esposo Flávio, por ser companheiro, amigo e compreensivo.

À minha família, meu eterno e amado pai Antônio Jacintho Netto (in-memória), minha mãe Maria Helena, meus irmãos, sobrinhos, a meu sogro, a minha sogra (in-memória), cunhadas(os) pelo amor incondicional e o carinho.

A Silvina, pela dedicação, paciência e disponibilidade, por compreender minhas dificuldades e me auxiliar com seu conhecimento e sua amizade.

A todos os membros da banca de defesa, pelo carinho no auxílio desta pesquisa.

Aos meus amigos, pelo apoio e a amizade de sempre. Em especial a Fernanda Abrantes, Dayane Moura, Juliana Cardoso, Ana Beatriz Gonçalves, Warleson Peres e Lucas Esperança, que estiveram presente durante todo esse percurso, dando incentivo.

E a todos que, mesmo não citados aqui, de alguma forma contribuíram para que eu chegasse ao fim de mais um ciclo.

A todos, meu muito obrigada!

PALOMA VIDAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA MULTITERRITORIALIZADA EM *MAIS AO SUL*

Resumo

Nesta pesquisa, tem-se como objetivo analisar as narrativas do livro *Mais ao Sul* (2008) de Paloma Vidal – *corpus* deste trabalho. Nesse sentido, pretende-se investigar a produção literária da autora em histórias que se constituem por deslocamentos sociais, culturais, linguísticos e subjetivos, construindo, assim, uma obra literária marcada pelo processo migratório. Sua narrativa se confunde com a própria história de vida, ou seja, contém um ‘teor autobiográfico’ que marca a condição de estar ‘entre duas línguas e duas culturas’, uma vez que ela nasceu na Argentina - Buenos Aires, porém viveu a infância e a adolescência no Rio de Janeiro - Brasil. Assim, nota-se que essa dualidade trouxe implicações em seu universo ficcional, pois Vidal problematizou em *Mais ao Sul* a condição do imigrante, a hibridação cultural, o sentimento de não pertencimento, o processo de desterritorialização do sujeito em sua formação identitária e os aspectos da memória do sujeito imigrante. Diante do caótico cenário atual, tornam-se fundamentais debates em torno de tais temas, que possibilitem o esclarecimento sobre a situação à qual estão imersos os indivíduos que se encontram em processo migratório. No presente trabalho, salienta-se a análise da construção poética da obra de Vidal a partir da imersão de sujeitos multiterritorializados em aspectos que tratam do fenômeno conhecido como desterritorialidade (HAESBAERT, 2004; VIDAL, 2004; VIDAL, 2011). Nesse sentido, observou-se que as protagonistas das narrativas, em suas experiências de imigrante ou de seus herdeiros, relataram influências que determinaram a sua consolidação como expressão de identidade. Desse modo, elas foram construídas como sobreviventes de deslocamentos sociais, linguísticos e culturais que enfrentam diversas consequências do deslocamento (in)voluntário. Em suma, destacamos as reflexões iniciadas aqui como uma contribuição pelo reconhecimento da importância das literaturas migrantes e da inegável necessidade de compreensão de um dos fenômenos mais importantes da pós-modernidade: a interdependência cultural.

Palavras-chaves: Deslocamento; Memória; Multiterritorialidade.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar las narrativas del libro *Mais ao Sul* (2008) de Paloma Vidal- el corpus de este trabajo. En esa publicación, la autora produjo historias que se constituyen por desplazamientos sociales, culturales, lingüísticos y subjetivos autobiográfico, lo que construye una obra marcada por el proceso migratorio. Su narrativa se confunde con la historia de la propia vida, es decir, presenta un grado autobiográfico que señala la condición de estar entre dos lenguas y dos culturas, ya que ella nació en la Argentina/Buenos Aires, pero ha vivido la niñez y la adolescencia en Rio de Janeiro/Brasil. De ese modo, se observa que la dualidad conlleva algunas implicaciones en su universo ficcional, pues Vidal problematizó en *Mais ao Sul* la condición del inmigrante, la hibridación cultural, el sentimiento de no pertenencia, el proceso de desterritorialización del sujeto en su formación identitaria y los rasgos de la memoria del sujeto inmigrante. En este sentido, el análisis de la construcción poética de la obra se hace, en este trabajo, a partir de la inmersión de los sujetos multiterritorializados en aspectos que tratan del fenómeno conocido como desterritorialidad (HAESBAERT, 2004). Las protagonistas de las narrativas, a través de sus propias experiencias como inmigrantes o de sus herederos, relatan influencias que determinaron su consolidación como expresión de indetidad. Así, se constituyen como supervivientes de desplazamientos sociales, lingüísticos y culturales que se enfrentan a diversas consecuencias del desplazamiento (in) voluntario. En suma, destacamos las reflexiones empezadas en este trabajo como un reconocimiento de la importancia del análisis sobre las literaturas migrantes y de la innegable necesidad de comprensión de uno de los fenómenos más importantes de la postmodernidad: la interdependencia cultural. Ante el caótico escenario actual se hacen fundamentales debates que hagan posible aclarar la situación en la que están involucrados los sujetos que se encuentran en el proceso migratorio.

Palabras clave: Desplazamiento, Memoria, Multiterritorialidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: HISTÓRIAS EM TRÂNSITO NAS NARRATIVAS DE <i>MAIS AO SUL</i>	17
1.1- MULTITERRITORIALIDADE E IMIGRANTES EM <i>MAIS AO SUL</i>	23
1.2- EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NAS NARRATIVAS DE VIDAL	25
CAPÍTULO 2: MÚLTIPLAS VOZES EM <i>MAIS AO SUL</i>	39
2.1- MULTITERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E LINGUAGEM	45
2.2 -TERRITÓRIO E REPRESENTAÇÕES	54
CAPÍTULO 3: MEMÓRIA, UM REENCONTRO COM O PASSADO	63
3.1- MULTITERRITORIALIDADE E MEMÓRIA	65
3.2- IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA NAS NARRATIVAS DE <i>MAIS AO SUL</i> .	77
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	87

INTRODUÇÃO

Paloma Vidal nasceu em Buenos Aires, em 1975. Aos dois anos de idade, mudou-se com os pais para o Rio de Janeiro, onde passou a infância e a juventude. A autora, no entanto, não se naturalizou brasileira. Ela viveu a experiência de estar entre duas línguas e duas culturas. E essa condição trouxe algumas marcas para sua obra, tanto acadêmica quanto literária. Em 1999, graduou-se em Letras pela UFRJ e, no ano seguinte, ingressou em uma nova graduação (Filosofia) na mesma instituição, formando-se em 2006. Em 2003, publicou seu primeiro livro de contos, *A Duas Mãos*. No mesmo ano, passou a editar a Revista *Grumo*, publicação anual que aborda as relações entre a literatura brasileira e a argentina. Em 2004, publicou *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. Entre 2002 e 2006, elaborou sua tese de doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Realizou parte da pesquisa em Los Angeles, EUA, onde, paralelamente à escrita da tese, elaborou seu primeiro romance, *Algum Lugar* (2009).

Ainda em 2009, passou a lecionar na Universidade Federal de São Paulo, na área de Teoria Literária. Em 2008, publicou o livro *Mais ao Sul*. Em 2011, lançou o livro de ensaios *Escrever de fora: viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea* (Lumme Editor, 2011). Em 2012, lançou o seu segundo livro de romance *Mar azul*. Em 2014, lançou o livro *Três peças*. Em 2015, lançaram em dois livros as 100 primeiras entradas do seu blog, que foram publicados com os títulos *Dois: {lugares onde eu não estou}* e *Durante: {lugares onde eu não estou}*.

Vidal continua com o seu blog atualmente, no seguinte endereço eletrônico: <http://escritosgeograficos.blogspot.com.br>. Ela é responsável pelas traduções de suas obras, quando necessário. Em novembro de 2016, Vidal e Elisa Pessoa lançaram o livro *Dupla exposição*. Esse volume faz parte da inauguração da coleção Duplex, composto por imagens de Elisa Pessoa e histórias de Paloma Vidal, passeando por temas como memórias de infância, cenas do cotidiano, registros de sonhos e viagens.

Como afirma Maria Esther Maciel, na apresentação do livro, *Dupla exposição* é um trabalho “ousado que promove o diálogo entre diferentes formas narrativas e as imagens se potencializam mutuamente, num jogo de afinidades e dissonância, aproximações e desvios que resultam numa instigante experiência de leitura”¹.

¹Disponível em: <http://www.travessa.com.br/dupla-exposicao/artigo/ba1bf47a-f578-4902-93fa-636dfb68fd45---->. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

Para deixar um pouco mais claros os motivos e os propósitos desta dissertação, relatarei todo o percurso que me levou a eleger o livro *Mais ao Sul*, de Paloma Vidal, como *corpus* desta pesquisa. A autora trabalha com histórias que configuram vários aspectos linguísticos e culturais, construindo, assim, uma obra literária pelas marcas do processo migratório. Sua narrativa se confunde com a própria história de vida, ou seja, contém um ‘teor autobiográfico’ que marca a condição de estar ‘entre duas línguas e duas culturas’. Dessa forma, essa dualidade tem implicações em seu universo ficcional e Vidal problematiza em *Mais ao Sul* a condição do imigrante, a hibridação cultural, o sentimento de não pertencimento, o processo de desterritorialização do sujeito em sua formação identitária e os aspectos da memória do sujeito imigrante.

Tal *corpus* foi selecionado em 2014, quando iniciei os estudos na disciplina isolada de mestrado em Estudos Literários da UFJF - “Narrativas da modernidade” - com as professoras doutoras Ana Beatriz Gonçalves e Silvina Carrizo. Logo nas primeiras aulas, elas solicitaram a leitura de alguns textos e obras que tratavam da noção de território. O interesse foi imediato, de modo que me senti instigada a pesquisar sobre esse assunto e a, posteriormente, propor como projeto de pesquisa a questão do deslocamento e da memória que já me mobilizava há algum tempo.

As leituras acentuaram o desejo de aprimorar-me nos estudos literários e trabalhar sistematicamente o gosto pela literatura, que esteve latente durante sete anos em que fiquei fora do âmbito acadêmico. Não obstante, em decorrência do período de afastamento das análises teóricas e de leituras sistematizadas, foi necessário abandonar minha zona de conforto em busca de auxílio em variados textos de diferentes áreas do conhecimento.

Contatos fortuitos com essa literatura levaram-me a um interesse especial pela investigação das influências que determinaram sua consolidação como expressão da identidade de algumas pessoas, a cultura do outro que, muitas vezes, faz parte do dia-a-dia do imigrante, mesmo este estando tão distante de seu território. Estudar a partida e o retorno do sujeito com um novo olhar foi surpreendente para mim. Por isso, resolvi fazer uma releitura das histórias de *Mais ao Sul*, narrativas que envolvem leitora/leitor através de relatos de experiência de imigrantes ou de seus herdeiros. Sendo assim, esses aspectos, presentes nesse livro, impulsionaram-me a fazer uma pesquisa acadêmica voltada ao solo de teorias críticas para retomar um pouco a história do imigrante com foco em três eixos: a imigração, a linguagem e a memória.

A discussão sobre memória ganhou espaço na literatura, juntamente com as tentativas de releitura e a reescrita do passado, que muitas vezes passava despercebido ou era até mesmo reprimido. Todavia, esse lembrar pode não ser algo agradável, uma vez que emergem das profundezas das lembranças os traumas coletivos ou individuais, gerando estranhamento e mal-estar no indivíduo, pois nós não recuperamos do nosso inconsciente apenas os momentos que queremos recordar. Desse modo, a relação entre memória e esquecimento tem estado no centro de debates atualmente, visto que para se compreender o presente e poder planejar o futuro, deve-se retornar ao passado.

Portanto, o intuito de investigar e estudar as narrativas de Vidal é também uma forma de resgatar a história do imigrante a partir dos relatos de experiências das personagens. Uma vez que estudos relacionados a memória, imigração, linguagem e escrita de si ainda são insuficientes diante do grande acervo de textos literários existente, intencionamos realizar uma pesquisa preponderante ao atravessá-los na obra em questão, elencando teorias indispensáveis para o que se propõe.

Para tanto, utilizaremos como *corpus* teórico as questões relacionadas ao processo migratório que as personagens das narrativas de *Mais ao Sul* atravessam.

A desterritorialização que perpassa as obras em estudo será analisada mediante o conceito de território e variantes do estudioso Rogério Haesbaert em *O Mito da desterritorialização: Do fim dos Territórios à Multiterritorialidade* (2004). Além disso, disporemos do artigo “Literaturas Migrantes” (2005), de Maria Bernadette Porto e Sônia Torres.

Para as questões de memória e linguagem, pretendemos trabalhar com o *corpus* teórico das disciplinas do mestrado Representação da Memória e Seminário de literatura latino-americana, que cursei em 2015 e 2016: Maurice Halbwachs em *Memória individual e memória coletiva*, Jacqueline Amati-Mehler em *A Babel do Inconsciente* (2005); Zumthor em *Babel ou o Inacabamento* (1998); Gérald Genette em *Palimpsestos: a literatura de segunda mão* (2010).

Utilizaremos também a própria Paloma Vidal a partir dos seguintes textos teóricos: Entre lengua – revista *Grumo* n.09(2012); *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul* (2004), *Escrever de fora: viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea* (2011) e, por fim, “E a origem sempre se perde”, publicado no livro *Falando com estranhos o estrangeiro e a literatura brasileira* (2016).

Essas são as obras que compõem o *corpus* teórico a partir do qual pretendemos trabalhar as questões elencadas. Sabe-se, contudo, que é a partir da literatura que a memória, há muito contida ou camuflada, ressurgiu. Entretanto, o que emergem são apenas fragmentos, pontos específicos. Não há como ter a totalidade do momento passado e viver a mesma experiência, do mesmo jeito que aconteceu.

Mais ao Sul, dividido em duas partes, tem a primeira intitulada “Viagens”, na qual Vidal, por meio de suas narrativas, expõe fragmentos da memória familiar em inquietações ou na busca pela própria história. A circunstância de ter nascido em outro país deixa vestígio para certa ‘desterritorialização’² que surge como ponto nodal de algumas das narrativas de Vidal.

A primeira parte de *Mais ao Sul* é dividida em três seções, “Viagens” – com três partes numeradas como: Viagens(i), viagens(ii) e viagens(iii). Vidal problematiza a desterritorialização vivida pelo imigrante exilado (in)voluntariamente, a dor da separação de tudo que precisou abandonar em seu país natal a partir de relatos de seus protagonistas que vivenciam intensos dilemas de pertencimento, pois muitos deles são herdeiros da imigração e carregam na memória parte desse deslocamento familiar que, em geral, é assunto pouco comentado ou nunca citado nas conversas de domingo.

Em viagens(i), a narradora-neta encontra-se adulta quando retornou a Buenos Aires para se despedir de seu avô moribundo e, a partir dessa viagem, busca preencher várias lacunas de seu passado que não se encontrava em sua memória, pois era muito jovem quando passou as férias com ele na Argentina. A neta conseguiu resgatar sensações e sentimentos ao retornar à casa sombria do avô. Eles passaram a maior parte do tempo em silêncio, porém aquele período os aproximou.

“Viagens”(ii) aborda o exílio da narradora ainda pequena que, juntamente com seus pais, saiu da Argentina em direção ao Brasil, fugindo da ditadura. A meu ver, nesta narrativa há um ‘teor autobiográfico’, tendo em vista que os pais de Vidal também saíram de Buenos Aires com destino ao Brasil, quando a autora era criança, durante o período do golpe na Argentina. Mesmo sabendo que a obra não é uma autobiografia, como afirma a escritora em entrevistas, compreendemos que nesta história há uma miscelânea entre ficção e realidade.

² Desterritorialização: pode ser definida como uma quebra de vínculos, uma perda de território, um afastamento dos nossos territórios, havendo assim, uma perda de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, uma perda de acesso a territórios econômicos, simbólicos. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br/desterritorializacao/. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

Por fim, em viagem (iii), Vidal narra o deslocamento da narradora que partiu do Brasil em direção a Londres para viver um amor que seria interrompido por um ato violento, ou seja, um atentado terrorista que acarretaria muitos traumas para os envolvidos.

A segunda parte do livro *Mais ao Sul* recebeu o título de “Fantasmas”, na qual Vidal relata nas narrativas a questão cultural. Essa última parte do livro contém oito narrativas em que a narradora de cada história relembrou o passado a partir de uma experiência migratória. A autora tematiza, nesses textos, a demanda identitária do sujeito e a subjetividade da personagem que se confronta com lugares que não lhe pertencem mais, o que se evidencia quando o retorno ao país natal apresenta outro território, diferente do imaginado. Nesses casos, a sensação é de um total esvaziamento.

Nessa repartição, há duas narrativas com o título em espanhol, “Así es la vida” e “Jesus de El Paso”, apontando para a mescla linguística relacionada aos territórios habitados pela personagem: o português do Rio de Janeiro e o espanhol de Buenos Aires traçam a origem deslocada pela imigração que proporciona uma reflexão à torre de babel. As demais histórias têm o título em português – “Fantasmas”, “A aula de tango”, “Desassossego”, “O retorno”, “Cena no Jardim”, “Tempo de partir” e “Pássaro” – e apresentam temáticas comuns da escrita da autora, tais como imigração, linguagem, memória, liberdade, família, ditadura, violência, cenas cotidianas, conversas fortuitas, registros de sonhos e morte.

Em “Así es la vida”, a personagem narradora era descendente de argentinos e viveu no Brasil. Ela retorna a Buenos Aires a passeio para reencontrar sua prima Inês e, a partir de sua chegada em solo argentino, percebeu que precisava vencer alguns traumas que estavam adormecidos em suas lembranças.

“Fantasmas” subdivide em diversos relatos curtos com assuntos do cotidiano, tais como sonhos, medos, doenças, festas, brigas e desencontros que forcem a personagem a enfrentar os traumas diários.

Em “A aula de tango”, temos novamente uma mulher argentina como protagonista. Ela vive na cidade do Rio de Janeiro há muitos anos e nunca mais retornou ao país natal, que acabou se tornando um estranho para ela.

“Desassossego”, em *Mais ao Sul* e “A espectadora”, estão presentes no livro *A Visita* (2005). Nessa narrativa, a protagonista precisa vencer a insegurança, o medo da solidão e da morte. Ela necessita encontrar seu equilíbrio, derrotar seus traumas interiores.

“Jesus de El Paso” repleta “de enganos e contingências” (VIDAL, 2008, p.89) é uma história riquíssima em detalhes que conduz o leitor à percepção de diversos obstáculos que

uma pessoa precisa enfrentar durante uma travessia (in)voluntariamente. Apresenta também sequele da guerra das Malvinas³ a partir das atitudes de um rapaz que vivenciou a batalha.

“O Retorno” em *Mais ao Sul* e “Mundos paralelos” em *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004), organizada por Luiz Ruffato, relatam a subjetividade dos sentimentos de dor, angústia despedida, sofrimento e ansiedade, decorrentes do processo de retorno, violência feminina, amargura e revolta com o estupro.

“Cena de Jardim” narra uma história que se passa no parque do Catete, lugar público que serviu de ponto de encontro para vários imigrantes italianos discutirem seus problemas familiares. A conduta deles ali era de tanta naturalidade que pareciam estar no quintal de suas próprias casas. Na hora da despedida, entoavam o hino italiano como forma de união e companheirismo.

“Tempo de partir” é uma narrativa baseada na peça teatral “Fora da máquina de lavar”, da dramaturga Juliana Pamplona. A partir de um objeto do cotidiano – a máquina de lavar – Vidal desenvolveu toda a problemática linguística e familiar que envolve essa trama. No excerto “a avó fecha os olhos como se assim pudesse interromper o fluxo da memória” (VIDAL, 2008, p.119), observamos que, para provocar um esquecimento do que realmente não queria que fosse lembrado, a avó da narradora tentou por alguns segundos evitar os pensamentos que a faziam reviver os conflitos que a afligiam naquele momento. De acordo com os autores do livro *A Babel do Inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica* (2005), a memória tenta eliminar como forma defensiva algo que esteja no inconsciente da pessoa e possa causar sofrimento e repressão.

A narrativa “Pássaros”, de *Mais ao Sul*, é composta por nove narrativas curtas, as quais têm como eixo comum a admiração pelos pássaros, cuja liberdade foi invejada pela narradora. Ela se admira pela capacidade que eles têm de voar e também de saberem retornar para o lugar de origem.

Este trabalho se apresenta da seguinte forma: o primeiro capítulo, intitulado “História em trânsito nas narrativas de *Mais ao Sul*”, faz um recorte sobre o contexto geográfico e as implicações históricas que podem ter motivado a imigração na época de cada relato das personagens nas narrativas do livro. Para tanto, trabalhamos com o conceito de

³ Guerra das Malvinas foi um conflito militar entre Argentina e Reino Unido, ocorrido entre 2 de abril e 14 de junho de 1982. Em 2 de abril de 1982, as forças armadas da Argentina invadiram as Ilhas Malvinas (Ilhas Falklands para os britânicos), situadas a 464km da costa argentina. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=guerra+das+malvinas>. Acesso em: 11 de novembro de 2016.

“multiterritorialização”, através do qual analisamos a experiência migratória das personagens e o deslocamento presente nas tramas de “Tempo de Partir”, “Cena de Jardim” e “A aula de Tango”, tendo em vista o fio que atravessa as mencionadas narrativas.

Para isso, usaremos como base teórica *O Mito da desterritorialização do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*⁴, de Rogério Haesbaert. Esse livro aclara a ideia de que “O mito da desterritorialização” é o mito dos que imaginavam que o homem poderia viver sem território, que a sociedade poderia existir sem territorialidade. E, por essa razão, é importante compreendermos que o homem não pode viver sem território e que a sociedade e o espaço não podem ser dissociados, como se o movimento de destruição de territórios não fosse sempre, de algum modo, a sua reconstrução em novas bases (HAESBAERT, 2004).

De acordo Haesbaert, podemos identificar pelo menos duas perspectivas para o tratamento de “multiterritorialidade”: aquela que diz respeito a uma multiterritorialidade “moderna”, zonal ou territórios de redes, embrionária, e a que se refere à multiterritorialidade “contemporânea”, reticular ou de territórios-rede propriamente ditos, ou seja, a multiterritorialidade em sentido estrito. (HAESBAERT, 2004. p.348)

A condição vigente inclui uma multiterritorialidade não apenas por deslocamento físico, mas também a partir da flexibilidade territorial que abarca modificações através de aparato tecnológico-informacional, juntamente com a conectividade-virtual que possibilita interagirmos à distância com outros territórios. Dessa forma,

(...) resultante do domínio de um novo tipo de território, o território-rede em sentido estrito (...). Aqui, a perspectiva euclidiana de um espaço-superfície contínuo praticamente sucumbe à descontinuidade, à fragmentação e à simultaneidade de territórios que não podemos mais distinguir claramente onde começam e onde terminam ou, ainda, onde irão “eclozir”, pois formações rizomáticas são possíveis. As redes, especialmente as redes informacionais ou virtuais, possibilitam-dependendo da classe e do grupo social- um jogo territorial inédito, onde existe a potencialidade, a todo momento, de recombinar (e “descombinar”) territórios em uma nova multiterritorialidade. (HAESBAERT, 2004. p.348)

Trabalharemos, ainda neste capítulo, com o Francês Gérard Genette em *Palimpsestos a literatura de segunda mão (2010)*⁵, tradução da professora Sônia Queiros (UFMG). Esse

⁴ Este livro é um dos resultados do Pós-Doutoramento na Universidade de Londres, do professor Rogério Haesbaert, renomado geógrafo brasileiro da atualidade. O livro, subdividido em nove capítulos, é estruturalmente composto por três temáticas complementares igualmente importantes à compreensão da dimensão territorial na contemporaneidade. Revista FoRmadoRes: **vivências e estudos**, cachoeira-Ba, v. 7 n. 1, p. 74-77, Jun. 2014. Acesso em: 22 de junho de 2016.

⁵ *Palimpsestes: littérature au second degré*, primeira publicação francesa pela editora Du Seuil, em 1982. Sempre que possível, citamos e fornecemos referências a essa obra com base na eficiente tradução de excertos dessa feita por uma equipe da Universidade Federal de Minas Gerais, cuja referência é: GENETTE, Gérard.

livro apresenta uma mistura literária a partir dos deslocamentos textuais. O objetivo de Genette não é classificar exaustivamente as categorias funcionais e estruturais do hipertexto, mas salientar sua importância e presença dentro da literatura.

O livro *Mais ao Sul* é convidativo desde a sua capa, o que permite ao leitor experimentar a sensação de ser livre através de um deslocar e, ao mesmo tempo, um retornar a partir das imagens de vários pássaros sobrevoando o céu azul e transmitindo a sensação de liberdade dos pássaros a partir do voo. Genette estudou as relações transtextuais e trouxe o conceito da paratextualidade ou transcendência textual do texto, compreendendo-o em íntima ligação com uma estrutura que o envolve na colaboração com a produção de sentidos. Segundo o autor, o texto “geralmente se apresenta reforçado por certo número de produções, sejam elas verbais ou não verbais” (GENETTE, 2009, P.9). Paloma Vidal enriquece os seus textos, utilizando em algumas narrativas o hipertexto e a intertextualidade.

No segundo capítulo, intitulado “Múltiplas vozes em *Mais ao Sul*”, iremos relembrar as vozes sofridas e contidas das personagens das narrativas “O retorno”, “Jesus de El Paso” e “Desassossego”. Histórias que compreendemos ter em comum a angústia, o sofrimento e a esperança. Nesse caso, usaremos como *corpus* teórico dois livros de Vidal, intitulados respectivamente: *A história em seus restos literatura e exílio no cone sul (2004)*, *Escrever de Fora Viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea (2011)*.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Memória, um reencontro com o passado em *Mais ao Sul*”, abordaremos a problemática da memória, juntamente com a multiterritorialização, através das experiências das personagens das narrativas “Viagens”, “Así es la vida” e “Pássaros”. Para concluirmos, tencionamos propor que, a partir da literatura contemporânea, os estudos relacionados ao fluxo migratório ganham relevância na busca de formas de identificação com a linguagem e a compreensão da mesma a partir de um processo de reconstrução de memória ou até mesmo de lembranças.

1 HISTÓRIAS EM TRÂNSITO NAS NARRATIVAS DE *MAIS AO SUL*

Este capítulo está dividido em duas seções: a primeira, “Multiterritorialidade e imigrantes em *Mais ao Sul*”, apresenta a noção de “multiterritorialidade” tal como foi proposta por Haesbaert no livro *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade* (2004). Para aprofundar a discussão acerca dessa temática, analisaremos os relatos de experiência migratória das personagens das narrativas “Tempo de Partir”, “Cena de Jardim” e “A aula de Tango”, de *Mais ao Sul*, por compreendermos que essas histórias têm em comum a imigração que acompanha a ideia de abandono do território, ou seja, a “desteritorialização”, assim como o processo de “reterritorialização”, ou melhor, a construção de novos territórios, conceito oposto do primeiro.

A segunda seção, denominada “Experiência Migratória nas narrativas de *Mais ao Sul*”, aborda as reflexões das personagens, que se referem principalmente aos percursos migratórios tomados por suas respectivas linhagens no passado, bem como problematiza as relações familiares e linguísticas. Vidal assina uma narrativa com o título “E a origem sempre se perde”, no livro *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira* (2016), que narra um pouco sobre “Fazer girar os mapas” e, a partir dessa movimentação, surgem lembranças que resgatam momentos do passado. Sendo assim, usaremos alguns textos teóricos de Paloma Vidal para melhor abordar os relatos sobre experiência migratória, deslocamento e migrações, elementos comuns na vida da autora argentina – de nascimento, mas vive no Brasil desde a infância.

Ela apresenta a experiência migratória a partir da viagem de seus pais e de uma linguagem híbrida entre o português do Rio de Janeiro e o espanhol de Buenos Aires, que juntos traçam o mapa que mescla um território e outro.

Mais ao Sul trata de um movimento migratório que ultrapassa as fronteiras nacionais. A migração não é um acontecimento recente. De acordo com o texto “Literaturas Migrantes”, de Maria Bernadete Porto e Sonia Torres (2005), a circulação dos povos na terra ocorre desde o início dos tempos, em virtude de várias catástrofes naturais, de guerra ou conquistas de um povo por outro. Por isso, alguns grupos deixam suas cidades ou países para viverem em novos territórios.

O geógrafo Rogério Haesbaert, parte de uma indagação de suma relevância para a geografia com a intenção de notar em que medida o tão incitado termo “desteritorialização” ou o aludido “fim dos territórios” contraviria (ou não) a uma experiência de desarraigamento

territorial dos sujeitos. Consequentemente, seus estudos a respeito desses temas têm a percepção de como o espaço-temporal é indispensável para o melhor entendimento do que tem discutido e refletido contemporaneamente a respeito das implicações dos diversos deslocamentos. Assim, ele questiona:

Sob o impacto dos processos de globalização que “comprimaram” o espaço e o tempo, erradicando as distâncias pela comunicação instantânea e promovendo a influência de lugares os mais distantes uns sobre os outros, a fragilização de todo tipo de fronteira e a crise da territorialidade dominante, a do Estado nação, nossas ações sendo regidas mais pelas imagens e representações que fazemos do que pela realidade material que nos envolve, nossa vida imersa numa mobilidade constante, concreta e simbólica, o que restaria de nossos “territórios”, de nossa geografia? (HAESBAERT, 2004, p.19-20).

Em busca de solucionar as inquietações existentes, o autor faz um mapeamento das definições que a categoria território abarca, desde a etologia até a política, percorrendo as diversas ciências sociais, a filosofia, a economia e a cultura.

De acordo com Haesbaert, o processo de desterritorialização seria, na verdade, a vivência de novas formas de re-territorialização, de que ele propõe chamar multiterritorialidade. O mundo moderno, cujas territorialidades eram mais contínuas, estaria cedendo lugar ao “mundo das territorialidades ativas”, característico da pós-modernidade (HAESBAERT, 2004, p.337).

O autor dissemina a apreciação de territorialidade para referir-se à grandeza simbólica que o território admite, “ao falar-se em territorialidade, estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, [...] isto significa que o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza, predominantemente econômico-política” (HAESBAERT, 2004, p. 74).

Em vista disso, não há como ponderar um aspecto sem mencionar o outro, pois ambos compõem aquilo que é o termo central de seus estudos. O território, em sua dimensão concreta, trata de questões como fronteiras, política, defesa, delimitação de espaços e língua nacional. Dessa forma, consideramos de que maneira esse território influencia aqueles que ocasionam uma ligação peculiar com a língua.

Segundo Haesbaert (2004), essa ação migratória pode levar ao processo de “desterritorialização”, ou seja, à perda ou ao desaparecimento do território. E, a partir desse afastamento territorial, nasce um novo procedimento denominado por ele como “(re)territorialização”, construção de vários territórios. Desse modo, surge a

“multiterritorialidade”, que, de acordo com o geógrafo brasileiro, significa o encontro de uma multidão de diversos lugares do mundo, num determinado espaço. Sendo assim, a desterritorialização acaba sendo um tipo de “mito”, pois é através dela que surge a (multi)teritorialização.

Vidal, neste livro, traz uma escrita contemporânea e atual em um conjunto de narrativas de diferentes tipos e tamanhos que podem ser analisadas mediante o conceito de transtextualidade utilizado por Gérard Genette em *Palimpsestos*.

Conforme a definição de Genette (2010, p. 11), a “transtextualidade, ou ranscendência textual do texto, é tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos”. A partir da citação de abertura do livro *Palimpsestos*, compreende-se que, conforme o autor, todo texto (in)diretamente comunica-se com outro.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de uma outra obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. Este meu texto não escapa à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor (GENETTE, 2006, p.7).

Cabe destacar essa comunicação entre os textos na prosa de Paloma Vidal, em que muitas de suas narrativas ganham uma nova “roupagem” por meio de outra publicação, contendo várias versões com a mesma história ou ganhando formas através de imagem, fotografia, como ocorre no livro *Dupla exposição*⁶ de Elisa Pessoa⁷ e Vidal. Muitas histórias de *Mais o Sul* surgiram a partir da hipertextualidade que, muitas vezes, tem suprido algumas palavras, expressões ou até mesmo parágrafos da primeira versão da história. Da mesma forma, acontece com a nossa memória, que por vezes se esquece de memorizar ou guardar algumas coisas, como acontece no hipertexto. Nossa memória também altera pequenos

⁶ DUPLA EXPOSIÇÃO é um livro narrativo-visual com histórias de Paloma Vidal e imagens de Elisa Pessoa, ele tem sua melhor definição nas palavras de Maria Esther Maciel, que assina o texto de introdução do volume - um ousado experimento narrativo-visual no qual os aspectos sensoriais da escrita se intensificam nos matizes e no movimento cromático das imagens. O livro inaugura a coleção Duplex, um espaço para obras que promovem o diálogo entre diferentes formas narrativas dentro do selo Anfiteatro. Passeando por temas como memórias de infância, cenas do cotidiano, registros de sonhos e viagens, os contos e as imagens se potencializam mutuamente, num jogo de afinidades e dissonância, aproximações e desvios, que resulta numa instigante experiência de leitura. Autoria de Elisa Pessoa e Paloma Vidal pela editora Rocco, em 2013.

⁷ PESSOA, Elisa - nasceu e vive no Rio de Janeiro. Estudou ciências da educação e artes plásticas na Universidade de Paris. Em 1997, iniciou seu trabalho com fotografia e Super. Além disso, realizou exposições em galerias no Brasil e no exterior.

detalhes, ou seja, lapida as lembranças como ocorre no texto em que há troca de título, mudanças e omissão de pequenas palavras, nada mais. Colocarei os textos em que ocorrem essas alterações em anexo como forma de enriquecer nosso trabalho e conferência dessas mudanças.

Vidal utiliza esse procedimento em algumas narrativas como “A espectadora”, publicada na antologia *A visita* (2005) e, anos mais tarde, inserido em *Mais ao Sul* como “Desassossego” ligeiramente modificado. Porém, ao lermos a história, percebemos que é uma narrativa reescrita a partir de um texto já existente que era “A espectadora”. Isso aconteceu também com a narrativa “Viagens”, que, ainda com o mesmo nome, sofreu grandes mudanças depois de sua primeira publicação no livro *Paralelos - 17 contos da nova literatura brasileira* (2004); O conto “Mundos paralelos” publicado em *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004) é a mesma história nomeada de “O retorno” no livro *Mais ao Sul* e, já no caso da narrativa “Tempo de Partir”, Vidal baseia-se na peça teatral *Fora da máquina de lavar* de Juliana Pamplona⁸.

Com embasamento na teoria de Genette, que diferencia cinco tipos de relações transtextuais, sendo elas: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e a hipertextualidade que (in)voluntariamente estão sempre presentes na fala ou no texto. A seguir, estão as possibilidades hipertextuais para compreendermos como Vidal utiliza essa estratégia em sua escrita.

Intertextualidade: termo explorado pela filósofa francesa Julia Kristeva⁹ no livro *Introdução à Semanálise*¹⁰ - é caracterizado por Gérard Genette pela co-presença de dois ou vários textos, ou seja, a presença efetiva de um texto em outro. Tais relações podem se estabelecer de três formas de intertextualidade: a citação (“com aspas, com ou sem referência precisa”), o plágio (“um empréstimo não declarado, mas ainda literal”), e a alusão (“um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete”), (GENETTE, 2010, P.12).

Paratexto: relação, menos explícita e mais distante da obra, constituída pelo conjunto apresentado em uma obra literária como, por exemplo: título, subtítulo, intertítulos, prefácios,

⁸ PAMPLONA, Juliana Siqueira - mais conhecida como Juliana Pamplona (Rio de Janeiro/RJ, 1979), é dramaturga, formada em Teoria do Teatro pela UniRio, tem doutorado em Artes Cênicas pela mesma instituição. Atualmente, estuda no Department of Performance Studies da New York University. Autora teatral e editora do site Fórum Virtual de Literatura e Teatro.

⁹ KRISTEVA, Julia - filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa. Nasceu em 24 de junho de 1941.

¹⁰ Semeiotike: recherches pour une sémanalyse. Paris: Seuil, 1969. Livro de autoria de Julia Kristeva, atuante crítica francesa. A autora busca na Semiótica as perguntas fundamentais ligadas ao texto.

posfácios, advertências, prólogos; notas marginais, de rodapé, de fim de texto, epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos.

Metatextualidade: é a relação – comentário – que une um texto a outro do qual ele fala, sem citá-lo, necessariamente; em alguns casos sem nomeá-lo.

Hipertextualidade: tema que o autor se detém a analisar com maior profundidade na obra é a relação que une um texto B (hipertexto) a um texto A (Hipotexto), do qual ele brota. Dessa maneira, compreende-se que hipertexto é todo texto derivado de um texto anterior; tal relação se estabelece por dois tipos de processos: o de transformação simples, ou direta, e o de transformação indireta, ou imitação. Segundo Genette,

[...] todo texto pode ser citado e, portanto, tornar-se citação, mas a citação é uma prática literária definida, que transcende evidentemente cada uma de suas performances e que tem suas características gerais; todo enunciado pode ser investido de uma função paratextual, mas o prefácio é um gênero; a crítica (metatexto) é evidentemente um gênero; somente o arquitexto, certamente, não é uma categoria, pois ele é, se ousar dizer, a própria classificação (literária) [...] E a Hipertextualidade? Ela também é um aspecto universal da literalidade: é próprio da obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, evoque alguma outra e, nesse sentido, todas as obras são hipertextuais. (GENETTE, 2010. p. 21/22).

O autor apresenta as categorias funcionais e estruturais do hipertexto para salientar sua importância e presença dentro da literatura, já que a maior parte dos textos sobrevive de ideias mencionadas anteriormente. Como podemos perceber, isso acontece também em algumas narrativas de Vidal, tais como em “Tempo de partir”, uma narrativa ficcional que, conforme a explicação de Genette, brotou de outro texto, ou seja, da peça teatral *Fora da máquina de lavar*, da dramaturga Pamplona, como já foi mencionado anteriormente. De acordo com a diretora de Marketing Digital Laura Limp,

Fora da Máquina de Lavar expõe o convívio de uma família nada comum, como quem vasculha o cesto de roupa suja alheia. É sobre a colisão de universos: o familiar, o social, o artístico, a vida, a morte e ainda, o universo interior de cada um. A máquina de lavar surge como metáfora da família e do encontro. É a intersecção, o ponto de contato. É dentro dela que as roupas se misturam. Mas fora da máquina as coisas são mais complicadas: a comunicação não se completa, os afetos se atritam e a busca de si no outro resulta quase sempre em solidão compartilhada. Fora da Máquina de Lavar gira, principalmente, sobre a questão da perda e da falta que sentimos daquilo que não nos pertence, mas que ainda assim nos define. (Disponível em: foradamaquina.blogspot.com.br. Acesso em: 02/01/16).

Em *Mais ao Sul*, Vidal faz a troca do gênero teatral para prosa, muda o título – antes era “Fora da maquina de lavar” – para “Tempo de partir”, a história continua com a essência da peça teatral, o nome das personagens também são os mesmos. E a transformação que ocorre é que deixa de ser um texto dramático, perdendo suas características e passa a ser um texto narrativo em prosa, juntamente com suas peculiaridades.

Na narrativa “Jesus de el paso” em *Mais ao Sul*, a autora utiliza intertextualidade quando cita dois versos do poema “cabeças inclinadas” (em anexo) de Sebastião Uchoa Leite¹¹. “Hoje o Senhor global diz "Este é um pais que reza"” (VIDAL, 2008, p. 89). No decorrer do poema de Uchoa, há referência às vozes que, por algum motivo, sofreram por não serem compreendidas e se calaram por medo do desconhecido.

Na narrativa “Jesus de el paso” também ocorre interferência na comunicação. Existe essa dificuldade que muitos imigrantes enfrentam por não compreenderem o idioma do novo território. Porém, na narrativa o soldado não é compreendido e nem sequer ouvido, porque as pessoas que se encontram no interior do ônibus em que ele está discursando não querem se envolver e, portanto, muitos pedem para que ele fique quieto. E o jovem se desespera, porque ele busca compreensão e atenção das pessoas, vive em guerra para protegê-las e muitas delas não querem entender porque o mundo está em guerra.

A narradora tem medo e receio do que pode acontecer e fica muito aflita, porque não compreendia o idioma e estava sozinha naquela rodoviária. Quando percebeu que não tinha mais acento para viajar sentada com todas as suas bagagens, ela angustiada começou a chorar, até que uma jovem americana que se encontrava no transporte, percebendo o desalento da jovem estudante, e por piedade, resolveu ceder o lugar que ocupava para a protagonista seguir viagem. E foi dessa maneira que esta conseguiu uma poltrona para continuar sua travessia. Mas, depois do ocorrido, ela se deu conta de como tudo aconteceu e ficou com muita vergonha de sua atitude. Como se percebe no seguinte trecho:

O nome dito em inglês tinha outra força: Jesus. Era a língua ou o desamparo? Com a cabeça apoiada na mão, numa pose resignada, ela esconde a vergonha de ter se excedido mais uma vez, levada pela autopiedade. Deveria estar feliz, pensa, afinal conseguiu um lugar no ônibus depois de algumas lágrimas derramadas diante do olhar desconcertado dos passageiros, a maioria mexicanos nessa altura da viagem, na cidade de El Paso. Um deles, uma americana mais ou menos de sua idade, se levantou e lhe ofereceu seu lugar. Como tantas outras vezes, sente-se à beira da catástrofe. Aceita e ocupa a poltrona da moça, que desce para esperar o ônibus seguinte (VIDAL, 2008, p. 89).

¹¹ Sebastião Uchoa Leite é poeta, tradutor e ensaísta. Nasceu em Timbaúba, perto do Recife. cursou direito e filosofia. Autor de vários títulos de poesia, obteve o Prêmio Jabuti de Poesia em 1979, com o livro **Antologia**.

A narradora, por algum descuido ou por não compreender adequadamente o idioma falado pelos nativos, acabou adquirindo o bilhete da passagem errado e, no momento de explicar o ocorrido para o motorista, ela não consegue, pois não compreende a língua e se vê à beira de uma catástrofe, começa a chorar, provocando assim a compaixão das pessoas.

1.1 MULTITERRITORIALIDADE E IMIGRANTES EM MAIS AO SUL

Dentro da perspectiva (i)migrante, trabalharemos com a fragmentação da memória e da ‘multiterritorialidade’.

Multiterritorialidade, de acordo com Haesbaert, é a existência de conhecer diversos territórios ao mesmo tempo, sem necessariamente sair do seu. Atualmente existe uma diversidade enorme de ‘territórios/territorialidades’, mas depende da condição social de cada indivíduo para experimentar essa multiplicidade de territórios.

Multiterritorialidade (ou multiteritorialização se, de forma mais coerente, quisermos enfatizá-la enquanto ação ou processo) implica assim a possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma “mobilidade concreta”, no sentido de um deslocamento físico, quanto “virtual”, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço. [...] a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2004, p. 343-344).

Desse modo, compreende-se que para as pessoas que conseguem acompanhar a globalização em curso, o mundo parece ter “encolhido”, pois facilmente não se percebe as fronteiras, ou seja, o território passa a ser “sem fronteiras”, foi estabelecido o “fim das distâncias” por meio do rápido deslocamento físico pelos meios de transportes e pela instantaneidade proporcionada pelas comunicações, especialmente a internet (HAESBAERT, 2004, p. 20).

Percebe-se, a partir das (re)leitura das narrativas em *Mais ao Sul*, de Paloma Vidal, que a autora é produtora de uma narrativa que se configura sob vários aspectos em busca de uma reflexão sobre a condição do imigrante, a hibridação cultural, o sentimento de não pertencimento, o processo de “(des)reterritorialização” do sujeito em sua formação identitária e os aspectos da memória do sujeito (i)migrante que, ao estar situado em outro território, enfrenta a solidão e todas as experiências de deslocamento nos âmbitos social, sentimental, territorial, cultural e linguístico.

Vidal tem uma narrativa intitulada “E a origem sempre se perde”, publicado em *Falando com Estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira* (2016). Nessa história, a narradora se depara com um texto que expõe fragmentos da carta que Sarmiento escreve sobre

o Rio de Janeiro, em suas *Viagens*: “O Rio é irresistível: “paséo me atónito por los arredores de Rio de Janeiro, i a cada detalle Del espectáculo, siento que mis facultades de sentir no alcanzan a abarcar tantas maravillas” (Vidal, 2016, p.36). Ao reler o trecho da mensagem, ela reflete como se deu o processo de “desterritorialização”, e “reterritorialização” de sua família. E dessa maneira questiona-se “Por que Brasil?”. Essa meditação a faz lembrar de um relato de viagem do seu pai. Ela narra:

“Por que Brasil?” era, e é, antes de mais nada, para mim, uma pergunta por um destino de carioca. Um relato da viagem do meu pai, em abril de 1977, que escreve o romance familiar, conta como ele foi indo em direção ao norte, mais e mais, de ônibus, de Buenos Aires, e passou por Porto Alegre, e não ficou, e passou por São Paulo, e não ficou, até chegar e ficar finalmente no Rio de Janeiro, para onde minha mãe e eu fomos também depois. É o relato de uma certa fascinação, que ele já experimentara quando o barco que o levava à Europa para fazer sua viagem iniciado – rumo a Paris, tendo se formado no Colégio Nacional de Buenos Aires, em meados dos anos 1960 – ancorara nessa cidade. A fascinação que essa diferença tão imaginariamente construída exerceu sobre ele, relacionada sobretudo, no caso do meu pai, a uma paisagem: a praia. [...] Eu recordava naquele momento uma foto, o que restou para mim da fascinação que havia definido esse destino carioca: numa praia dessa cidade – “a prainha”, diz minha mãe quando lhe pergunto -, muito no começo de nossa vida ali, estou sorridente, e inteiramente vestida, o que sempre me pareceu estranhíssimo. [...] percebo pela primeira vez algo, no entanto, bastante óbvio: nós chegamos no Brasil em junho, era inverno, e para os meus pais certamente, embora fizesse calor, era estranho tirar a roupa. *La alegría no es solo brasileña*, mas a mim chegaria sempre como algo um pouco inadequado (VIDAL, 2016, p. 36, 37- 38. Grifo da autora).

De acordo com Haesbaert (2004, p.127), podemos compreender a desterritorialização como o movimento pelo qual se abandona o território, “a operação linha de fuga”, e a reterritorialização como a ação de construção do território. Sendo assim, compreende-se que para o autor a vida oscila entre a “(des)territorialização”, pois estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios e fundando novos.

Paloma Vidal também atravessa pelo processo de deslocamento junto de seus pais, que saem da Argentina em direção ao Brasil quando ela era criança. A autora continua, depois de adulta, a percorrer o seu fluxo migratório. Saiu do Rio de Janeiro para Brasília, da Capital Federal retornou para o Rio, da cidade fluminense para Los Angeles e dos Estados Unidos retornou para a cidade carioca. Em seguida, foi para São Paulo, onde vive e trabalha atualmente. A diferença dela para muitos imigrantes é que, depois de adulta, fez esses deslocamentos voluntariamente, por motivos pessoais.

1.2 EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NAS NARRATIVAS DE PALOMA VIDAL

A experiência migratória em *Tempo de Partir* acontece a partir da personagem principal, a avó, que partiu há mais de vinte anos de Montevideu rumo ao Brasil para ajudar na educação de seus netos e ensiná-los a falar espanhol. Mas, mesmo morando em solo brasileiro há tantos anos, ela não conseguiu aprender o idioma português e, assim, sua comunicação com os netos se tornou mais difícil, às vezes confusa, por isso não conseguiu ensinar aos seus herdeiros seu idioma.

Como a avó já estava no Brasil há duas décadas, seu espanhol se mesclou com o português. Desse modo, passou a ser uma nova língua, ou seja, uma língua imaginária inventada. Isso fica perceptível na conversa que ela tem com a máquina de lavar: “Pero ninguno aprendió, diz, dirigindo-se à maquina. Ninguno de los tres quis aprender esta lengua, que agora ya no me pertenece.” (VIDAL, 2008, p.115).

Percebe-se na fala da avó a junção espontânea de ambas as línguas. Ela cria uma forma de comunicação que une o português com o espanhol. Surgindo o “portunhol”, que, de acordo com o dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*¹², o “não constitui uma modalidade estável e homogênea nem do português, nem do espanhol, pois pode ter muitas variedades, dependendo do grau de conhecimento que cada um tem da outra língua”.

Em certo momento da narrativa, a protagonista deixa transparecer a ideia de que, mesmo vivendo na casa de seu filho, juntamente com sua família, continua deslocada e sozinha, pois ela não consegue se inserir no contexto familiar e viver realmente como uma família. Por isso, ela se isola e passa a ter uma vida solitária, pois sua única amiga e companheira diária é a máquina de lavar roupas, que a avó personifica quando passa a conversar e a confessar os seus conflitos interiores como se essa peça pudesse compreendê-la e deixá-la melhor, como se fosse uma conversa entre duas amigas.

Evidencia-se nessa narrativa segundo a expectativa da avó que a “produção literária construída a partir do aspecto do (i)migrante, constituindo-se como uma prática concreta e crítica da desterritorialização” (cf. Pierri Nepveu, 1989, p.21; Deleuze & Guattari, 1975; Garcia- Canclini, 1995). A avó vivenciou um estranhamento no ambiente estrangeiro a partir dos conflitos familiares, trocas e mistura de línguas e culturas, de traspases entre o “ser” e o

¹² URL do verbete disponível em: <http://dicionario.debiasi.com.br/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame?palavra=portunhol>. Acesso em: 10 maio de 2016.

“*tornar-se*”. Estabelecidos em “entre-lugares”¹³ marcados pelas diferenças culturais. Segundo as autoras Maria Bernadette Porto e Sonia Torres, o estar situados “entre-lugares” leva diversos escritores a refletir e rever o conceito de fronteira como “o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente*”. (FIGUEREDO, 2005, p. 228 – Grifo das autoras).

Esse estranhamento cultural também ocorre na narrativa “Cena de jardim”, quando os italianos estão no parque do Palácio do Catete no Rio de Janeiro. Os homens e as mulheres sentavam em bancos separados, ou melhor, de lados opostos. E no final da tarde, eles cantavam músicas italianas. Logo, compreende-se que, no âmbito da produção migrante, o “vaivém”, constituído pelas duas culturas, torna evidente que nenhuma é mais forte que a outra. E assim, “elabora o imaginário migrante que embaralha pontos de referência e mistura as categorias do próximo e do distante, do familiar e do estrangeiro, do semelhante e do diferente”. (NEPVEU, 1988, p.199-200 apud FIGUEREDO, 2005, p. 228).

A protagonista em “Tempo de Partir” tem papel fundamental, pois ela traz em sua bagagem sua cultura, seu jeito de ser, seu sonho de ajudar na criação dos netos e também de ensinar-lhes o espanhol.

Esses sonhos foram a “linha de fuga” que a motivou abandonar o Uruguai para vir morar no Rio de Janeiro na casa de seu filho. A senhora não conhecia nada do Brasil, país que escolheu para viver, e nem tão pouco da cidade. Com isso, percebe-se que a experiência de migração da avó não é ampla no sentido de espaço, porque ela só conheceu a casa do filho e a noção de espaço que tinha rescindia aos cômodos da casa em que vivia.

Ela era responsável pelos afazeres domésticos, pela limpeza da casa, lavar e passar as roupas de todos, mas não podia cuidar da educação de seus netos, ou seja, ensiná-los a sua cultura, a sua língua. Isso a chateava e, por essa razão, ela se isolou e viveu em uma tristeza imensa, pois tinha uma vida totalmente diferente da que almejava ter ao lado dos seus netos em seu novo território. Essa melancolia a fez refletir se de repente não era tempo de partir, de retornar para sua terra natal.

Segundo Haesbeart, não há como definir o indivíduo se ele não estiver inserido em um grupo social. Na narrativa, percebe-se que a avó não foi inserida no grupo familiar como ela desejava, mas ela faz parte da sociedade. De fato, ela se territorializou na área de serviço da casa, junto à máquina de lavar roupas, item esse com que a senhora passava horas conversando e confessando os seus segredos e as suas inquietações. A máquina era a sua companheira e, perto desse objeto, a avó encontra o seu lugar. A partir do momento em que

¹³ SANTIAGO, Silviano.

reconhece um ambiente como seu, consegue arrumar coragem para poder pensar e até tomar decisões como as de ir embora e voltar para o Uruguai. Sobre sociedade e territorialização, Haesbeart afirma:

Enquanto geógrafos, estamos preocupados em elucidar as questões atinentes à dimensão espacial e à territorialidade enquanto componentes indissociáveis da condição humana. Decretar uma desterritorialização “absoluta” ou o fim “dos territórios” seria paradoxal. A começar pelo simples fato de que o próprio conceito de sociedade implica, de qualquer modo, sua espacialização ou, num sentido mais restrito, sua territorialização. Sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, “territorial”. (HAESBEART, 2004, p. 20).

No decorrer dessa narrativa, percebe-se através da fala de Marisa, esposa de seu filho, nora da protagonista, que ela não concordou e não aceitou a presença e a convivência da sogra em sua casa. Portanto, a culpa por tudo de errado ou de ruim que acontecia na família, como pode se notar na seguinte citação, quando a nora diz ao marido: “Você sabe de quem é a culpa, Edgardo? Você sabe! A culpa é da sua mãe! A sua mãe é um ET nesta casa”. Sempre foi uma péssima influência para os meninos!” (VIDAL, 2008, p, 119). Segundo a nora, a velha seria o desajuste familiar e a avó não tinha mais forças para lutar e impor sua presença na família. Então, esta fica pensando se realmente ela é o fator causador do desequilíbrio daquela família e se vale a pena ficar naquele lugar. Será que já não seria *tempo de partir?*

Conforme explicita Dayane Cunha Moura¹⁴ em sua dissertação de mestrado *Escrita de si, memória e deslocamento nas obras de Sylvia Molloy* (2012), a linguagem exerce papel central no processo de subjetivação e reconhecimento do sujeito, pois somente por meio da expressão linguística somos capazes de nos narrar – e, desse modo, constituir-nos – e oferecer-nos ao outro e a nós mesmos enquanto seres de linguagem que somos.

No livro *A Babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras* (2005), dos psicanalistas Jacqueline Amati-Mehler, Simona Agentieri e Jorge Canestri, os autores apresentam uma visão histórica da linguagem em geral, ao longo do tempo, passando pelo mito de Babel, pelos filósofos desde a Grécia, até a psicanálise com Freud. Desse modo, a obra propõe refletir — a partir de sua prática com pacientes bilíngues ou polilíngues — de que forma questões complexas como repressão e cisão se relacionam com a problemática das línguas na constituição da subjetividade.

¹⁴ MOURA, Dayane Campos da Cunha – professora de Língua Portuguesa/L.E.M. Espanhol no IFJF (Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais).

Nesse sentido, a questão da “língua” na prática da psicanálise aparece tanto em autores contemporâneos como também em Freud e Ferenczi, que se situaram diante do idioma estrangeiro em seus trabalhos escritos e clínicos. A língua usada pelos estudiosos da psicanálise ou usada forçosamente em casos de questões territoriais ou políticas podia causar um estranhamento, porque exhibe a relação entre língua e exílio, assinalando tanto os efeitos de fratura e sofrimento quanto de riqueza e amadurecimento.

Freud relatou isso em uma carta a Jones, em 1912, sobre a dramática tarefa de esboçar o texto “Totem e Tabu” em inglês (FREUD, 1913, p.183 apud AMATI-MEHLER, 2005, p. 65). O trabalho o absorveu a tal ponto que, ao tentar comunicar a Jones seu pensamento em inglês, geralmente tão fluente, sua precisão o abandonou. Só conseguiu escrever após passar pela miscelânea das duas línguas (AMATI-MEHLER, 2005, p. 55). A atuação dessas línguas no subconsciente dos falantes continuaria a existir. Sendo assim, a psicanálise foi uma importante ferramenta para a tomada de consciência ao longo do século XX e o início do XXI, da importância construtiva da linguagem na edificação da vida psíquica e social humana.

Em *Tempo de Partir*, há, no mínimo, três problemáticas que podemos desenvolver. A primeira abarca a memória; a segunda, o deslocamento; e a terceira, a linguagem, a qual emerge a partir do momento em que esses aspectos se misturam com a realidade. Ao nosso olhar, isso acontece quando a avó fecha os olhos para tentar atravancar o andamento da memória:

Sentada numa cadeira de plástico na área de serviço, com uma bata longa, florida, sem mangas, chinelos nos pés, ela observa a máquina de lavar que gira e faz rodar as roupas numa mistura de cores que a hipnotiza. Sua mente passeia por tempos remotos. Vem-lhe um pensamento: *ellos ni se falam, pero sus ropas se entrelazan em la máquina de lavar*. Lembra-se dos netos quando eram pequenos, seus três netos, filhos de seu único filho. Para estar com eles decidiu deixar sua casa, em Montevidéu, e vir para o Brasil; para vê-los crescer, acompanhar suas transformações, conhecer seus desejos, para ensinar-lhes a falar espanhol (VIDAL, 2008, p.115).

Essa narrativa destaca parcialmente o pensamento da avó e, assim, aparece para nós, leitores, a língua com que pensa e se expressa: uma linguagem híbrida, aqui podemos considerar um “portunhol”. De acordo com a professora Fernanda Abrantes¹⁵, essa mistura é

¹⁵ ABRANTES, Fernanda Arruda, Professora de espanhol do Colégio Militar de Juiz de Fora/MG. Dissertação de Mestrado intitulada: “Portunhol Selvagem: hibridação linguística, multiterritorialidade e delírio poético”, Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais na UFJF defendida em 2013.

uma junção da língua portuguesa com o espanhol que origina o que denominamos de “portunhol”. A língua tematiza as formas em que o deslocamento põe em jogo a origem, a memória e também a herança do indivíduo. E na narrativa “Tempo de Partir” a língua misturada da avó é o que a nora não suporta, pois é o indicador sonoro da existência de vários conflitos dentro da narrativa. A avó, uma personagem presente na narrativa, já não falava espanhol, nem conseguia pensar nessa língua, pois esta já está em confusão com o português, caracterizando, dessa forma, o que a própria narradora denominou de ‘língua imaginária’ (VIDAL, 2008, p.119). Conforme reproduzida no próprio enredo, quando um dos netos pesquisa na internet a palavra *body modificacion*, a avó diz: “*Trató de me explicar, pero preferi no saber mucho. Espero que no esté falando en serio. Qué será de este niño?*”, pergunta à maquina” (VIDAL, 2008, p.117).

Nesse trecho, percebe-se claramente a mistura dos idiomas, ou seja, ‘entremeio’. Segundo a linguista Maite Celada¹⁶, essa junção se caracteriza “por someter a un sujeto a las contradicciones que supone el funcionamiento de la memoria de una lengua en la otra” (VIDAL, 2016, p.38).

Na narrativa “Tempo de Partir”, narrada em terceira pessoa, há uma narradora que cedeu a voz aos pensamentos da avó através de uma linguagem híbrida. E, para Marisa, o uso da linguagem da sogra causou-lhe espanto, uma vez que a senhora estava há mais de vinte anos no Brasil e continuou usando o seu idioma, mesmo este já tendo sido influenciado pelo português, a avó continuou com sua própria língua, essa muitas vezes não sendo compreendida no grupo social. A nora, por sua vez, continuou indagando e questionando ao seu marido se havia produção de algum sentido naquela língua que sua sogra utilizava, pois ela como nora não conseguiu compreender o dito pela anciã, afirmando: “A gente tem que fingir que isso é normal? Que ela realmente produz algum sentido na sua língua imaginária? Eu não entendo o que ela fala. Para mim, não diz coisa com coisa” (VIDAL, 2008, p.119). Dessa forma, é possível compreender o sentido de deslocamento manifestado na linguagem. A referência existe, mas está deslocada.

Conforme declaram os autores Amati-Mehler, Argentieri e Canestri no livro *A babel do Inconsciente* (2005, p.138): “Às vezes, uma nova língua representa uma âncora de salvação, um refúgio para ‘renascer’. Outras vezes, pode ser um expediente para mutilar o

¹⁶ CELADA, Maria Tereza. Possui graduação em Licenciatura em Letras/orientação em lingüística (1983) e Bacharelado em Letras (1987), ambas pela Universidad de Buenos Aires, e doutorado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Disponível em: <http://dlm.fflch.usp.br/node/203>. Acesso em: 03/02/17.

próprio mundo interno”. Sendo assim, a obra apresenta uma perspectiva inovadora e instigante sobre a metodologia associativa, sobre a semelhança entre memória, recordação e consciência, a propósito de a relação entre a estrutura linguística e a consolidação do inconsciente ativo e sobre as implicações das distorções linguísticas na comunicação entre paciente e analista.

Logo no início do primeiro capítulo, “Viagem a Babel”, os autores questionam se “Ser bilíngue é uma deficiência ou uma riqueza?” (2005, p.31), uma vez que, segundo eles, nas duas últimas décadas, a comunidade psicanalítica vem reconhecendo a importância da linguagem no processo psicanalítico.

Não há como falar sobre linguagem sem fazermos referência ao mito da Torre de Babel. Conforme o mito, Deus criou uma única língua para que povos distintos se comunicassem, porém o homem numa tentativa de se igualar a Deus, construiu a torre para chegar ao céu e tomar o poder. Deus, não satisfeito com a traição humana, derrubou a torre e destruiu a linguagem que os homogeneizavam. Dado que o homem é extremamente variável e mutável, instaurou-se a confusão iniciada por conta do esquecimento da língua anterior. A diversidade lingüística originada a partir do desmoronamento da torre contribuiu de forma incisiva na incompreensão mútua dos falantes.

Todos conhecem a narrativa da Torre de Babel, aquele monumento arcaico à insensatez dos homens. De acordo com o décimo primeiro capítulo do Gênesis, que conta a história nos termos os mais breves, o edifício não durou muito; e, em certo sentido, não durou nada, já que foi destruído por um decreto divino bem antes de ter sido concluído. As conseqüências de sua queda, todavia, parecem não ter fim. Pois a torre foi o arauto de uma era na qual a humanidade tem vivido desde então: a da “confusão das línguas de toda a Terra” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.183).

Nesse trecho, Heller-Roazen enfatiza a ideia de que a língua é variável de acordo com tempo e espaço. A variação lingüística é compreendida historicamente por conta do processo de adstrato dado a toda língua que vigora ao lado de outra e que nela interfere como fornecedora permanente de empréstimo e esquecimento.

Cada uma de nossas línguas foi reconstituída segundo nossa disposição para a confusão (que não era nada mais do que o esquecimento da língua anterior), [...] nossas línguas não podem ter qualquer duração ou continuidade. Como tudo o mais que nos pertence, como nossos hábitos e costumes, nossas línguas devem necessariamente variar no que diz respeito ao espaço e ao tempo. [...] Os idiomas continuam, assim, por sua própria natureza, a se diferenciar, geográfica e historicamente, tanto em relação uns com os outros, quanto em relação a si mesmos (HELLER-ROAZEN, 2010, p.186/187).

Heller-Roazen argumenta que as diversidades linguísticas “brotam” por si mesmas já que a língua é variável com o tempo e com o espaço, ou seja, diferenciam-se geograficamente e historicamente. Nesse sentido, a linguagem se desterritorializa, abrindo possibilidade de outros modos de manifestação para além das acepções linguísticas formais, tal como expusemos anteriormente, trazendo a maneira como a Marisa percebe a língua utilizada pela avó na narrativa “Tempo de partir”.

De acordo com Paul Zumthor no livro *Babel ou o Inacabamento* (1998), a “Confusão” sobre o mito de babel não seria apenas em relação à linguagem, mas a ideia permaneceria na diversidade que a caracteriza, na incompreensão recíproca do discurso. O termo Babel, para ele, tem sido utilizado para descrever os efeitos confusos de alguma catástrofe coletiva ou fracasso de inteligência.

Por outro lado, para Zumthor (1998, p.23), o texto do Gênesis é breve, mas homogêneo, fazendo referência a três campos bem distintos de interesse do autor: o espaço, o fato de se construir uma torre e a linguagem.

O texto “inacabado” faz uma abordagem impressionante, recolhida numa tradição oral anterior em vários séculos à redação dos Gêneses, que incorporou o episódio da ‘torre de Babel’ na explicação das diversidades das nações.

Segundo Zumthor, após a eliminação da torre de babel: “O homem entra desde logo na sua condição fragmentaria e mudável; existe é, de certa maneira, ainda não existe. Essa nomeada que não conseguiu adquirir, essa unidade que não assegurou... Continua suspensa entre o passado e o futuro entre a falta e o perdão, entre a memória e o olvido”. (ZUMTHOR, 1998, p.48).

É significativo que as novas variantes linguísticas que circunscrevem a história passaram pela fragmentação inicial por conta da ‘trans-cultura’, fenômeno que ocorre quando um grupo social adota formas culturais que substitui em certas medidas as suas.

Para o autor, o texto bíblico ficou “inacabado”. Ele endossa que o mito de babel é um dos responsáveis pela explicação da diversidade de línguas que existem no planeta. De acordo com ele,

Derivam daqui – sem sombra de dúvidas, e qualquer que haja sido a sua estrutura expositiva inicial – as narrativas que constituíram a fonte primeva do punhado de frases consagradas pelo Gênesis a Babel: um fragmento de epopeia gigantomaquina e umas lendas que se presumiu terem alastrado no Médio Oriente para explicar a diversidade das línguas que ai se falavam (ZUMTHOR, 1998, p 41-42).

O texto é antigo, porém flexível, e segue inacabado sem, no entanto, interromper-se. Por ser um mito, Babel evoca para legitimar a sua própria existência, interpõe-se entre nós em meio à consciência e a razão. O autor diz que ainda não é fácil identificar no Gênesis parte de uma ou outra narrativa, afirmando que o resultado da análise e da desconstrução pode ser apenas aproximado.

Na narrativa “Cena no Jardim”, Vidal contou a experiência da imigração italiana a partir das histórias relatadas pela protagonista, que saiu no final de tarde empurrando o carrinho de bebê com o seu filho Antônio, de apenas um mês, e no decorrer desse passeio ela caminhou até o Museu da República ou Palácio do Catete, como era conhecido popularmente, que fica a alguns quarteirões de sua casa. E durante esse percurso que fazia diariamente, ela desfrutou de uma sensação de liberdade. E quando chegou à entrada do parque, a moça se deslocou através da história e recordou que aquele ambiente público já fora, um dia, os jardins do presidente. Protegido pela impotência do palácio, o jardim foi projetado para acolher os homens do poder, para servi-lhes de refúgio da cidade e do povo, um pequeno éden privado que misturava ares de bosque europeu com toques de natureza local (VIDAL, 2008, p. 110).

Acerca da historicidade do ‘Museu da República’, confirma-se que, durante o período de 1897 a 1960, ele foi à sede do poder executivo brasileiro, lugar cheio de histórias importantes que retrata a vida política de nosso país, com várias festas glamorosas e que serviu de espaço para diversas decisões importantes para nossa história. Hoje o “Museu da República”, como é conhecido, é um local preservado por manter um acervo de objetos pessoais do Presidente Getúlio Vargas e conservar o aposento em que ele se suicidou.

A história mediante ao tempo mobiliza conceitos determinados como, no caso, o “Museu da República”, que outrora fora a sede governamental e atualmente se transformou em um acervo.

Esse desdobramento de sua função me provoca uma sensação inquietante: a história se relativiza e a passagem do tempo se torna palpável como a pedra desgastada do chafariz ou o metal enferrujado dos bancos; vejo fantasmas de outras épocas e me lembro da existência de um passado, com seus trajes, costumes, tramas, que foi engolido pela morte. (VIDAL. 2008, p.109)

Esse fragmento da narração contribui para deixar mais clara a noção de espacialidade que Vidal constrói nas suas narrativas como forma de reflexão, ou seja, a espacialidade deixa de ser um mero espaço físico para ajudar a definir outro território, mais amplo e ao mesmo

tempo histórico, o que significa dissolver ou deslocar o espaço e o tempo entre transitoriedade e reaproveitamento.

A protagonista, durante o passeio no jardim do Catete, resolveu sentar-se em um dos bancos que fica em uma ponte de concreto sobre a parte em que o lago se estreita. Ali ficou observando um grupo de idosos que estavam sentados, desfrutando a sombra e a tranquilidade do jardim, como ela e o seu filho Antônio. No entanto, ela estranhou que as mulheres estivessem sentadas em um banco e os homens sentados no banco à frente delas, mesmo sendo casados, cada gênero sentava em um banco diferente.

Outro fato estranho que ela percebeu foi que as mulheres não conversam uma olhando para a outra, mantinham o corpo rígido e dificilmente se entreolhavam. Mantinham um olhar perdido como se o interlocutor não estivesse ali, mesmo que estivessem conversando animadamente. Os homens, porém, continuavam em silêncio, um deles até “dormitava” e os outros observavam a paisagem, os voos dos pombos ou mesmo a beleza do entardecer.

Consideramos, a partir de proposições feitas por Haesbaert, que, em “Cena no Jardim”, a começar pelos gestos e atitudes comuns do grupo de idosos no parque, Vidal nos apresenta uma amplitude de apreciação de território, ou seja, o parque do Catete era o território daquele grupo de italianos, pois era ali que eles se reuniam e asseguravam uma estabilidade cultural, pois naquele momento eles eram apenas italianos. O autor aponta que

Um “território” no sentido etológico é entendido como o ambiente [environment] de um grupo (...) que não pode por si mesmo ser objetivamente localizado, mas que é constituído por padrões de interação através dos quais o grupo ou bando assegura uma certa estabilidade e localização. Exatamente do mesmo modo o ambiente de uma única pessoa (seu ambiente social, seu espaço pessoal de vida ou seus hábitos) pode ser visto como um “território”, no sentido psicológico, no qual a pessoa age ou ao qual recorre. Nesse sentido já existem processos de desterritorialização e reterritorialização em andamento – como processos de território (psicológico) -, que designam o status do relacionamento interno ao grupo ou ao indivíduo psicológico (GUNZEL, s/d apud HAESBAERT, 2004, p. 38).

Vidal descreve na narrativa “Cena no Jardim” que tanto a protagonista quanto os idosos ficam tão à vontade no parque que parecem estar no quintal de casa, ou seja, em um “jardim privado”. O grupo de italianos durante a conversa mescla os dois idiomas como podemos perceber no uso da palavra “Poverina” e no fato de a narradora também confessar que, em certo momento, não consegue compreender a conversa das mulheres: “Entre soluços, diz coisas em italiano que eu não entendo” (VIDAL, 2008, p.113).

A autora novamente apresenta na narrativa o deslocamento da espacialidade ou “territorialidade” quando proporciona ao parque do Catete o poder de transportar os italianos

para algum ponto da Itália, em que eles realmente eram apenas italianos e não imigrantes italianos. Porque, naquele instante da despedida, o grupo reviveu sua cultura, suas origens e cantou alegremente. Assim a narradora comentou: “São seres de outro lugar e também deste. Adotaram o português e o Catete, mas no fim da tarde, quando a conversa se esgota e antes que o jardim do museu da República se feche aos visitantes, entoam canções em italiano, que alguns intrusos, como eu, aqui sentada, ouvem com assombro e admiração” (VIDAL, 2008, p.114).

Os deslocamentos vividos acarretam aos sujeitos uma reconfiguração identitária, estabelecida através de processo, consciente ou não, de desterritorialização e reterritorialização dos espaços físico e imaginário, proporcionando na narrativa “Cena no Jardim” aos italianos a sensação de estarem em seu país natal.

Haesbaert, no livro *O Mito da Desterritorialização: “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*, discute a concepção de Deleuze e Guatarri acerca dos processos de desterritorialização e afirma que os autores consideram esse fenômeno como movimento no qual o sujeito atua em “linhas de fuga”, ou seja, “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (HAESBERT, 2004, p.127).

Nesse sentido, o movimento pelo qual se abandona o território é conhecido como desterritorialização, enquanto o ato de construção do território se define como reterritorialização. Desse modo, as atitudes dos idosos no parque do Catete é uma contínua maneira de construir, de lembrar algo para não ficar no esquecimento de suas memórias, já que “No cotidiano, a dinâmica mais comum é que passemos constantemente de um território para outro. Trata-se de uma desterritorialização cotidiana, onde se abandona, mas não se destrói o território abandonado” (HAESBAERT, 2004, p.138).

A escritora de *Mais ao Sul* também corrobora com reflexões sobre aspectos do deslocamento vivido por várias personagens. A maior parte das narrativas foi narrada por mulheres imigrantes argentinas ou herdeiras da imigração, que por algum motivo tiveram que abandonar o seu país para reconstruir sua vida em um novo território. Esses deslocamentos também ocorreram com as personagens em “a aula de tango”, em que Vidal narra cenas de uma vida comum de um professor de dança que migra de Juiz de Fora, Minas Gerais, para morar com sua tia no Rio de Janeiro com objetivo de estudar tango. Consideramos que se trata de um brasileiro de coração argentino, pois ama a Argentina como se fosse o seu país. Sempre

que pode ir para lá, pelo menos duas vezes ao ano, sendo que uma dessas vezes tem que ser no carnaval.

A protagonista da narrativa “a aula de tango” foi a aluna do professor de tango que migrou-se voluntariamente de Minas para o Rio. Ela era argentina, moradora há vários anos da capital carioca, e, depois que veio para o Brasil, nunca mais quis retornar ao país de origem. Esclareceu durante toda a trama que não mais se identificava com a Argentina, pois aquele país tinha se tornado um estranho para ela. Ela simplesmente tentou apagar de sua memória todas as lembranças que tinha de sua vida antes de morar no Rio de Janeiro.

Sendo assim, a protagonista não está pronta para relembrar o seu passado. Ela carrega a dor, a angústia de recordar algo que preferia esquecer. Percebemos esse sofrimento no início da prosa, quando a personagem questiona se ela está pronta para contar aquela história. A narrativa inicia-se com a pergunta “Será que chegou a hora de contar essa história?” (VIDAL, 2008, p.73).

Vidal, no livro *A história em seus restos literatura e exílio no Cone Sul* (2004), proporciona uma formidável contribuição para os estudos da literatura latino-americana das últimas décadas. Nele, analisa obras de alguns escritores argentinos como Marta Traba, Luisa Valenzuela e Tununa Mercado e da uruguaia Cristina Peri Rossi, cuja literatura surgiu da conjuntura repressiva do golpe militar da década de 70 e, especialmente, da determinação do exílio, que se tornou a condição criativa para vários escritores da época.

No Cone Sul, região que engloba a parte sul do continente Sul-americano, no âmbito da Guerra Fria, houve a implantação dos regimes militares em meados da década de 1960. Com o impacto de diversos golpes militares, houve a culminância de uma ditadura consolidando a repressão e a censura na região. A autora ressalta que

“Houve uma fratura no campo intelectual, sendo que, para aqueles que permaneceram em seus países, o problema mais imediato tornou-se o da censura; e para os que se exilaram a distância do país de origem. Para uns e outros, foi radical a mudança nos rumos estéticos e políticos” (VIDAL, 2004, p.19).

Assim, nota-se que a inquietação já não é arquitetar uma literatura latino-americana, como na época do “boom”, mas sim uma literatura de resistência, que busca denunciar e combater as ditaduras, confrontando-se com o problema de como narrar o horror, o sofrimento vivido.

Vidal esclarece que muitos escritores, mesmo os que tinham sido exilados (in)voluntariamente, também esboçavam um certo saudosismo em relação à pátria juntamente

com o receio de esquecê-la, pois alguns deles compreendiam o exílio como forma negativa e outros autores percebiam de maneira positiva que realmente tinham que estar fora para escrever sobre o ocorrido. Conforme a autora, escritores como Eloy Martínez “(...) falam do esforço dos exilados em constantemente reaprender a linguagem e o ser argentino, e do temor de que essa identidade se desvanecesse para sempre” (VIDAL, 2008, p. 31).

A narradora de “A aula de tango” declara que, antes de começar a fazer a aula da dança, não tinha nenhum disco desse estilo musical em casa, tampouco sabia diferenciar um tango de uma milonga¹⁷. Entretanto, por ser argentina, seu professor deduziu que ela já sabia de tudo que se referia àquele país, principalmente ao tango, que é a dança típica dos argentinos. Por isso, não dizia nada, ou seja, não ficava lhe explicando o que era cada movimento. Meramente se deixavam levar e, em momento algum, a protagonista contestava o posicionamento do professor ao pensar que ela já soubesse a prática do tango, simplesmente ficava em silêncio, escutando o seu encantamento pela Argentina. Ela narra que

O silêncio bastava. Era discreta e sorria quando ele sentenciava que era desnecessário me explicar isso ou aquilo. Quase sempre se enganava, mas eu não o contradizia, mantendo meu silêncio e deixando-o falar. Ele mostrava seus conhecimentos: centenas de músicas e letras; quem eram os autores dos tangos e quais eram melhores gravações; cantores, compositores e orquestras antigas, e também os novos, os grupos que estavam fazendo sucesso em Buenos Aires e os últimos discos lançados. Sabia muito mais do que eu algum dia poderia saber. Seu deslumbramento me era simplesmente impossível (VIDAL, 2008, p. 75).

A narradora não compreendia como alguém podia gostar de um lugar pelo qual ela sentia ódio, revolta por ter sido enganada. No espaço escolar, era ensinado a ter amor e respeito à pátria, porém, fora desse ambiente teórico, o patriotismo era desfeito devido à realidade se demonstrar cruel por conta das desigualdades sociais e interesses políticos que privilegiavam apenas uma parcela pequena da população. “Ódio de um país que se tornou estranho para mim, que se revelou muito diferente do que tinham me ensinado na escola, martelando aquelas ladainhas sobre amor à pátria”. (VIDAL, 2008, p. 76). Realmente ela não entendia como isso podia acontecer. Seu professor sabia mais da Argentina do que ela, que realmente tinha nascido lá. Quando ele conheceu o tango, simplesmente se apaixonou por esse estilo e passou a pesquisar. Lia tudo que tivesse a ver com o assunto e assim também se

¹⁷ Milonga: canto e dança populares nas cercanias de Buenos Aires e de Montevideu no final do século XIX, inspirados na habanera cubana e no tango espanhol e absorvidos pelo tango argentino. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/milonga/>. Acesso em: 03/10/2016.

apaixonou pela Argentina, a “terra do tango”. No entanto, para a protagonista, a sua experiência em relação ao tango era limitada, embora fosse nascida na terra Argentina.

Ele falava dos seus lugares preferidos com uma cumplicidade de quem compartilha um segredo, enquanto eu tentava achar em algum canto da minha memória uma imagem que encarnasse o que ele contava. Minhas lembranças não se encontravam com o seu relato. A cidade dele era outra. Eu via tudo cinza; via caras fechadas e passos rápidos num inverno que demorava a ir embora; um cruzamento de duas ruas sem movimento: numa esquina, um café com mesas de madeira e cadeiras estofadas com couro surrado, apenas duas ou três ocupadas, o garçom em pé ao lado do balcão, com o olhar perdido; via a marca da solidão por toda parte (VIDAL, 2008, p. 77).

A protagonista compreendia que ela não conhecia aquela Buenos Aires que o professor relatava, pois a cidade dele era totalmente inversa, otimista, já a percepção contida em sua memória era melancólica e cinzenta. “Eu nasci ali. Mas me sinto tão distante. Como se aquela vida não tivesse sido minha”. (VIDAL, 2008, p. 77). Percebe-se, neste trecho, a desterritorialização da personagem a partir do momento em que ela já não se reconhece como parte dali, porque está totalmente reterritorializada em outro país.

Segundo Deleuze, “A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (HAESBAERT, 2004, p. 99). A protagonista já tinha construído sua vida na cidade do Rio de Janeiro com seu filho, trabalho, estudo e lazer.

Na “A aula de tango”, em alguns momentos, a protagonista deixou transparecer que há em seu âmago um vazio que necessitava ser preenchido e que, no entanto, desconhecia o que fosse, não conseguia falar sobre o assunto, e muito menos derrotar o medo que a aprisionava. “Era isso que você queria contar?”, pergunto depois de alguns instantes. ‘Não. Não era isso’. A história começa aqui. Mas agora não posso continuar. ‘Agora não. Ainda não’” (VIDAL, 2008, p.80). Logo no início da narrativa “aula de tango”, a protagonista começou o enredo com o seguinte questionamento: “Será que chegou a hora de contar essa história”, ela pergunta. “Conte”, eu peço e no final da história ela encerra com a resposta que apresenta insuficiência para respaldar sua pergunta que fora feita anteriormente. [...]. “Era isso que você queria contar?”, pergunto depois de alguns instantes. ‘Não. Não era isso’”. (VIDAL, 2008, p. 73-80).

2 MÚLTIPLAS VOZES EM *MAIS AO SUL*

Neste capítulo, abordaremos as vozes femininas produzidas no cotidiano da comunidade que transforma o tempo vivido em tempo pensado e narrado através da memória. Sincronizam paisagens cotidianas de suas lutas, deslocamentos lingüísticos e espaciais, sonhos, entrelaçando os fios do tempo.

Nesse sentido, serão lembradas as vozes sofridas e contidas das personagens das narrativas “O retorno”, “Jesus de El Paso” e “Desassossego”, que abarcam temáticas tais como a angústia, o sofrimento e a esperança. Para isso, utilizaremos dois livros de Vidal, intitulados respectivamente: *A história em seus restos literatura e exílio no cone sul (2004)*, *Escrever de Fora Viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea (2011)*.

O ofício das vozes nas narrativas de Paloma Vidal – “O retorno”, “Dessassossego”, “Jesus el Paso” e “Fantasmas” – que iremos desvendar é imprescindível para a compreensão e a sobrevivência da vida dessas personagens que estão imersas na sociedade e sujeitas ao mundo dissidente e transfigurado. Essas histórias tecidas diariamente e apoiadas nas memórias que poderiam ser anônimas são reveladas poeticamente para o leitor, o que possibilita a reconstrução de uma sociedade através das visões particulares e únicas destas personagens que serão apresentadas a seguir.

Na narrativa “O retorno”, a protagonista voltou a sua cidade natal para enterrar o seu pai. Quando chegou ao aeroporto, ela imediatamente lembrou que seu pai sempre a esperava ali, e dessa vez ele não estava presente fisicamente. Então, a personagem se viu envolta por uma atmosfera melancólica a partir da insegurança por causa da perda de seu pai. Em “Dessassossego”, deparamo-nos com uma trama impregnada de simbologia na qual a personagem que se encontra sozinha decide por a mesa, com intuito de confraternizar com seus “fantasmas” que seriam seus conflitos internos.

Em “Jesus el Paso”, encontra-se uma resenha sobre a experiência migratória de uma mulher que se encontrava deslocada territorialmente e experienciou os dramas de estar em um

país estrangeiro e pouco familiarizado. Mediante esse episódio, a personagem se deparou com preconceito latente ao vivenciar cenas em sua travessia na fronteira do México com os Estados Unidos, repleta de mexicanos estigmatizados devido à história de fuga e tentativa de ascensão econômica. Ao se dirigir à narrativa “Fantasmas”, a autora concatenou histórias de mulheres e seus enfrentamentos diante de seus dilemas internos.

As vozes também estão presentes antes mesmo do início das histórias. Na capa e contra capa, percebem-se as destes três escritores: João Gilberto Noll, Beatriz Resende e Luiz Ruffato. O primeiro apresenta o livro *Mais ao Sul* e diz, “... eis uma nova escritora, Paloma Vidal. Que chega com um testemunho denso de humanidade. Em uma linguagem de astúcia discreta, furtiva, que soube se preparar para o contato com as mãos do leitor, assim tão viva e permanente” (VIDAL, 2008, capa). Os outros dois textos da capa são de Resende e de Ruffato.

Resende apresenta na contra-capa do livro *Mais ao Sul* apenas uma resposta para um comentário que ela compreende como infeliz de Ruffato, na orelha do primeiro livro de Vidal, *De mãos dadas*(2008). Quando Ruffato se refere à Paloma Vidal como *autor*, no masculino.

“Raro, muito raro um autor emergir já com voz autônoma, dono do senhor de universos próprios: e, no entanto, existe. É o caso da espectadora Paloma Vidal, que enxerga onde nada se vê, que pressente pulsação onde outros recolhem devastações apenas.” (VIDAL, 2008 - Contra-capa).

Segundo Resende (2008, p. 108¹⁸), “A mim soa estranha à declinação do masculino *autor* para falar de Paloma”. E ela diz,

Filha do feminismo, jovem no século XXI, Paloma Vidal pode falar de um lugar que, não sendo mais marginal, ainda guarda todo o ‘esquisito’ que só a literatura das mulheres consegue ter, ou seja, pode utilizar-se de tudo aquilo que talvez não fosse perceptível ao aparelho auditivo masculino (VIDAL, 2008 – contra- capa).

As vozes femininas nas narrativas de Paloma Vidal quebram o paradigma da concepção literária tradicional, por serem personagens inseridas em um processo de desterritorialização lingüística. Essas tramas ainda carregam o julgamento por estarem dando a voz a personagens femininas que assumem uma representabilidade de consciência coletiva destituída de prestígio ao serem comparadas com literaturas politicamente consolidadas. Segundo Resende (2008, p. 109), “Não podemos esquecer que o cânone literário é branco e

¹⁸ REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI, 2008.

masculino. Diante disso, o apropriar-se da voz feminina é buscar, mais uma vez falar sem mediações tradicionais [...] se desloca da formação cânone”.

O livro *Escrever de Fora, viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea* (2011), é um ensaio que surgiu do resultado da pesquisa de pós-doutorado de Vidal. Na apresentação do livro *Escrever de Fora*, depara-se com a importância da viagem e as recordações que preenchem a memória do sujeito viajante. Para elucidar essas lembranças, Vidal faz uma referência à crônica berlinense de Baudelaire, na qual a experiência cosmopolita da avó se incorpora em suas práticas culturais como forma de sabedoria, convertendo a memória em um palimpsesto de ensinamentos que serão transmitidos para gerações futuras.

A ideia de culturas viajantes e sua repercussão na vida do indivíduo abre discussão ainda na apresentação, quando a autora cita Walter Benjamin¹⁹, que comparou ‘o viajante a uma figura paradoxal’ do “*Flâneur*” de Baudelaire. Para tanto, ele utiliza fragmentos da Crônica berlinense em que se refere à sua coleção de cartões-postais com que a avó materna lhe presenteava em todas as viagens que ela fazia pelo mundo (VIDAL, 2011, p. 10). Era difícil imaginar como a sua avó materna, uma senhora simples que vivia naquela residência humilde, podia ter viajado para todos aqueles lugares que as imagens de cartões postais revelavam. Sendo assim, “a poesia de Baudelaire é a que melhor transmite a condição contraditória da modernidade cujo sonho de progresso desembocaria no horror da miséria e da guerra” (VIDAL, 2011, p.11).

Segundo Benjamin, a duplicidade rege a poesia de Baudelaire em “Experiência e pobreza²⁰” (1933) e, em última instância, toda a literatura moderna com seu caráter paradoxalmente heróico, ou seja, cada vez mais distante do heroísmo, brota à literatura contemporânea.

Benjamin retrata que herdou de sua avó materna o hábito de colecionar cartão postal dos lugares que visitava. Decerto Vidal proporciona em *Escrever de Fora* (2011) algumas narrativas argentinas contemporâneas em que a viagem tem um papel fundamental na tradição literária do país.

¹⁹BENJAMIN, Walter - filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão. É considerado um dos maiores pensadores do século XX e principal responsável por uma concepção dialética e não evolucionista da história. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/walter-benjamin/>. Acesso em: 07 de junho de 2017 .

²⁰ Progresso e Pobreza de Experiência - Uma miséria totalmente nova abateu-se sobre o homem com esse desenvolvimento monstruoso da técnica. A pobreza de experiência não é uma pobreza particular, mas uma pobreza de toda a humanidade. Trata-se de uma espécie de nova barbárie, 1933. Disponível em: <http://cyberdemocracia.blogspot.com.br/2008/09/walter-benjamin-progresso-e-pobreza-de.html>. Acesso em: 07 de junho de 2017.

A autora assegura que Sarmiento já apontava as dificuldades da viagem escrita no famoso “Prólogo” a seu *Viajes*. Ele questionava ironicamente como poderia fazer um viajante saído daquelas terras? E o próprio tinha a resposta para a pergunta dizia que não deveriam reproduzir modelos: “*Escrevi, então, o que escrevi, porque não saberia como classificá-lo de outro modo*” (VIDAL, 2011, p.16). Assim, ela conclui:

Suas observações assinalam que é preciso saber de onde se fala, porque é esse lugar que dá ao escritor a possibilidade de perceber “o espírito que agita as nações”. Quando escreve sobre o que vê na Europa, lembra “as coisas análogas da América e assim se torna “representante destas terras longínquas”. Seu lugar é o do outro que nessa dialética se vê a si mesmo e se modifica (VIDAL, 2011, p. 16. Grifo da autora).

Segundo Vidal, Beatriz Colombi²¹ explana ao mencionar os viajantes do século XIX, “assina que [o] deslocamento coloca à prova a auto-figuração do sujeito bem como seu pertencimento a uma cultura periférica” (VIDAL, 2011, p.16).

A viagem é um *Bildungsreise*, o que significa no caso dos viajantes periféricos uma viagem subjetiva e também política. Determina o caráter dessa experiência o encontro com o outro, o deslocamento que permite uma descoberta de si ao se confrontar com a diferença; por isso também é uma viagem política, na medida em que a partir desse encontro a escrita pode vir a constituir uma identidade coletiva. Mas o que acontece quando essa dialética da alteridade não define mais um lugar de fala? Em outras palavras, quando já não se põe em marcha essa dialética, o que extrai dos deslocamentos? [...]. Isso me faz pensar que a viagem ainda tem uma utilidade relacionada com a sobrevivência da própria literatura, quem sabe para além de suas demarcações tradicionais (VIDAL, 2011, p. 17 - 18).

No primeiro capítulo do livro *Escrever de Fora* (2011), intitulado “O que resta a aprender”, Paloma Vidal faz uma referência breve à Matilde Sánchez, escritora argentina, que também esboça em suas narrativas como “*La canción de la ciudad*” relatos de viagens em que acrescenta impressões distintas constituindo histórias e de seus contágios.

Conforme Vidal, Sánchez propõe no prólogo “o desenvolvimento de uma aprendizagem” (2011) e direciona sua atenção para uma “percepção excepcional de situações triviais”. Ela fala sobre um lugar em que o passado e o presente misturam suas memórias, ou seja, a “série de impressões” da autora retoma a ideia do “método de leitura da experiência”

²¹ COLOMBI, Beatriz - É doutora em Letras na Universidade de Buenos Aires, professora de Literatura Latinoamericana da Universidade de Filosofia e Letras. Disponível em: <https://uba.academia.edu/BeatrizColombi/CurriculumVitae>. Acesso em 10 de junho de 2017.

de Benjamin: organizar as lembranças e estabelecer relações entre as viagens e suas vivências, mas ao contrário do filósofo que encontra a felicidade. Sánchez encontra a desolação, o sentimento do que está irremediavelmente perdido, ou seja, as “séries de impressões” trazem uma inquietude em relação ao próprio tempo, ao peso dos acontecimentos, à sua perda.

Ainda segundo Vidal, é através das impressões narrativas de “La canción de las ciudades” que existe a percepção da frustração do imigrante que, ao sair de sua terra natal em busca de melhorias econômicas, políticas, intelectual e até mesmo social, ao chegar a outro país, ocorre a priori um estranhamento cultural. Numa segunda fase, há a adaptação sem a negação de um retorno às suas raízes. Porém, quando ocorre o regresso ao seu berço nacional, este local tão familiar já não será o mesmo quando fora deixado há tempos. O resultado dessa integralidade de culturas ocasiona o surgimento de um sujeito fragmentado e híbrido, que viverá em um ‘limbo’²² cultural, pois não se reconhece mais como cidadão pertencente a nenhuma das duas pátrias.

Conforme Sayad o paradoxo de um duplo movimento e de uma dupla ficção que acompanha o imigrante “a ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua”, pois o imigrante será sempre um imigrante entendido como um habitante provisório (SAYAD, 1998, p. 20).

Segundo Vidal no livro *Falando com estranhos* (2011) Daniel Link,²³ menciona que há um paradigma para aquele que migra, ou seja, que o imigrante compara diariamente o lugar em que vive com imagens que ele ainda possui de sua terra natal para poder sobreviver em terras distantes e não deixar que a tristeza o envolva e o faça sofrer ainda mais com sua dor e saudades dos que ficaram.

Link afirma que o imigrante cria uma espécie de zona de conforto por meio de suas lembranças positivas em relação à sua pátria para se proteger da solidão, por estar em território desconhecido.

O migrante está nas antípodas do intelectual viajante moderno. A economia é para ele muito mais importante do que a literatura – uma economia que terá de ser inventada, com um sistema próprio de anotações de gastos e o desdobramento em várias profissões, de professor a eletricista, que lhe possibilitarão a sobrevivência. Também não é por acaso que a cidade escolhida pelo narrador imigrante seja Berlim. Novamente aqui não se escolhe Paris, cidade dos sonhos de viajantes argentinos de Sarmiento a Cortázar. “Tudo o que pode ser encontrado em qualquer

²² Limbo: estado de decisão ou esquecimento. (Dicionário Houaiss)

²³ LINK, Daniel (Buenos Aires, 1959) é um escritor, jornalista e catedrático argentino. Professor na Faculdade de Literatura de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Disponível em: <http://www.compartilibros.com/autor/daniel-link/1>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

lugar pode ser encontrado em Paris”, dizia Benjamin, citando Victor Hugo. Por isso ela era a cidade modelo. Mas o que interessa a Link não é o modelo, a cidade dos cartões-postais. Ele prefere o *engendro*, uma palavra em espanhol sem equivalente exato em português, que se refere a algo que não chega a ser uma aberração, algo mal concebido ou mal feito, que não deu certo. Interessa a ele Berlim, uma cidade feita de dois pedaços que não se integram; interessam lugares bizarros, não inteiramente à margem, mas fora do cânone literário, como o bairro de Montserrat – sem a fama de San Telmo ou a violência de Constitución [...]. Nessas narrativas os espaços se transformam em lugares da experiência através de um olhar menor, que conseguiu desistir do heroísmo e da transgressão da modernidade (VIDAL, 2011, p. 47- 48).

E é assim que, a partir da voz das personagens de alguns escritores contemporâneos argentinos, como também as vozes existentes nas narrativas de *Mais ao Sul* de Paloma Vidal transportam marcas da desterritorialização.

2.1 MULTITERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E LINGUAGEM

É essencial sistematizarmos o conceito de ‘território’ antes de adentrarmos no que seria ‘multiterritorialidade’. À vista disso, delimitamos território como base geográfica de existência social e espaço simbólico em que a população constrói sua identidade. Na circunstância multiterritorial, constitui-se um processo identificado por des-territorialização mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios. É um processo de re-territorialização e, a partir daí, constrói-se territórios muito mais múltiplos e adversos do território unifuncional.

Assim, por meio da experiência de compartilhar experiências e percepções de regiões distintas, o imigrante integra em sua vivência variadas realidades que contribuirão para a redefinição de sua identidade. É pertinente que se reconfigure a identidade de forma mais ampla mediante a exposição do imigrante com as demais culturas. Pode-se concatenar a ideia de alteridade nesse processo dialético de experiências culturais visto que à “alteridade” emolda o homem em uma relação de interação social e dependente com outro. Por esse motivo, o “eu” na sua forma individual só pode existir através de um contato com outro; ocorre um complemento cultural baseado nas trocas de experiências. A cultura não tem como objetivo a extinção de outra.

Por essa razão, essa mescla identitária implica em diálogo e valorização das diferenças existentes, e não no engessamento de uma identidade, mas na multiplicidade de ideias entre as quais existe a relação de alteridade recíproca. E a linguagem, que é a ferramenta principal de comunicação, decerto sofrerá interferências significativas nesse processo de contato cultural com o outro.

De acordo com as narrativas de Paloma Vidal, pode-se entremear a questão da linguagem como produto de relações culturais e experiências vivenciadas pelas personagens como manifestação social.

“Fantasmas” foi incluído na segunda parte do texto *Mais ao Sul*, uma vez que esse foi dividido pela autora em dois títulos: “Viagens” e “Fantasmas”. A narrativa ‘fantasmas’ é composta por um conjunto de oito pequenos textos que tratam de assuntos comuns do cotidiano, tais como: festas, saúde, conflito familiar, casamento, angústias, sonhos e desencontros.

Em “fantasmas”, a protagonista relatou como foram os seus primeiros dias de recém-casada. No hotel, ela teve uma fúria de fome incontrolável, comeu de tudo desesperadamente até que seu estômago e seu corpo não aguentavam mais e manifestaram os primeiros sintomas de que algo estava errado.

Nos primeiros dias, devora faminta as refeições, levando tudo à boca com ansiedade e empurrando descontroladamente a comida goela abaixo com os dedos. Go-ela, go-ela, go-ela, repete à beira da piscina ovalada do hotel, de barriga para cima, como gata no cio, tostando debaixo do Sol, enquanto as palmeiras ao vento zumbem em seus ouvidos de recém-casada. No quinto dia, vão a um restaurante na cidade. Ela escolhe no menu um peixe frito com salada. Come com ânsia, sob os olhos arregalados de seu marido, que engole garfadas de purê com bife à milanesa. Logo sente o estômago pesar. Depois vêm as tonteiras e o enjôo. Na quinta noite, não dorme. Passa a madrugada debruçada sobre o vaso sanitário, retorcendo-se em espasmos e vômitos. [...]. Acha que vai morrer (VIDAL, 2008, p. 64).

Compreende-se que, após o casamento, a personagem libertou-se da aflição de que a maioria das noivas sofre no período pré-casamento, que são as preocupações corriqueiras dessa ocasião: os preparativos com festa, não comer muito para não ter nenhum problema com o vestido de noiva, se vai ocorrer tudo como planejado, além da apreensão com a própria noite de núpcias. Ao se sentir livre dessas inquietações, ela sente fome e come, porém novamente não consegue controlar sua ansiedade e exagera, até que seu organismo não suporta mais e joga tudo para fora em forma de espasmos e vômito.

A protagonista, diante de tanta angústia e desconforto com os sintomas que sofria naquele momento, acabou adormecendo e sonhando que a festança de casamento se transformava em uma festa de orgia em que sua própria irmã exibia o seio para os convidados e sua mãe urrava debaixo da mesa do bolo. Acordou assustada sem saber onde estava. “No sétimo dia, fica cara a cara com os seus fantasmas” (VIDAL, 2008, p. 64). E depois de passar por todo este mal estar, ela necessitava de coragem para vencer seus fantasmas.

Na segunda parte da narrativa “Fantasmas”, a autora novamente trouxe cenas de uma festa, porém desta vez a protagonista não era uma noiva, mas uma convidada que se sentia desconfortável consigo mesma. Ela não estava satisfeita com o vestido vermelho-tomate estilo Marilyn que escolheu para a ocasião, pois tinha a sensação de que iria levantar voo a qualquer

momento. Além disso, também não se encontrava feliz com seu cabelo, que não recebia um corte desde o casamento. Para disfarçar seu constrangimento, ela ficou enroscando o colar de contas nos dedos enquanto tentava manter uma conversa, mas seus pensamentos estavam longe: “poderá ela também despertar o desejo adormecido, talvez mesmo desconhecido, de outras mulheres” (VIDAL, 2008, p. 65).

A personagem diz “*Eu gostava de estar voando porque, em trânsito, não me achava propriamente em lugar nenhum*” (VIDAL, 2008, p. 64. Grifo da autora). Percebe-se por suas palavras e pela atitude de enrolar o colar que estava totalmente deslocada naquela festa. Assim, “o sofá a atraiu, e dali para a casa, quando ele finalmente quis ir embora, não sem antes tentar convencê-la a passar a noite ali mesmo, esperar o Sol raiar e só então partir” (VIDAL, 2008, p. 65). A protagonista não quis ficar para ver o nascer do sol.

A terceira parte da história relatou o reencontro de duas amigas que há muito tempo não se viam. A amizade delas se revigorou e passaram a se encontrar com mais frequência, conversavam sobre assuntos corriqueiros. Em um desses encontros, a amiga da protagonista revelou que estava grávida. A personagem principal imediatamente pensou que não queria ter filhos, pelo menos por enquanto. Mostrou ter medo, ou melhor, pavor do choro dos bebês por não saber o que esse choro significava, mas não poderia falar isso para a gestante, não queria ser desagradável num momento tão especial para muitas mulheres.

O medo de bebês fazia parte da vida da protagonista, que não pode transmiti-lo para ninguém. “É uma história sua, desde criança, desde que entendeu que uma criaturinha tão pequenina como um bebê pode ser infernal. Mas era também o medo da morte, o que ela só entendeu há pouco tempo. Medo da fragilidade da vida” (VIDAL, 2008, p. 66).

Neste fragmento, percebe-se a insegurança da personagem principal quando diz que “é também o medo da morte”. Ela tem receio da dor, do sofrimento que a perda de um ente amado causa no outro, porque há pouco tempo havia passado por essa experiência.

Na quarta parte dessa narrativa, a protagonista vivenciou o estado de gerar uma vida dando continuidade ao assunto sobre gravidez. No entanto, ocorreu a desconstrução da ideia passadista, inclusive a personagem imergiu na realidade desconhecida e temerosa, propondo-se a aprender a cuidar de um bebê de maneira assertiva. Deu banho em boneco, trocou fralda, acariciou-o e até passeou no quarteirão empurrando um carrinho de bebê com um boneco de plástico dentro para treinar.

Depois de todo esse preparo, a protagonista se viu apta a ser mãe, mas mesmo disposta para viver esse momento, sentiu falta de um pouco mais de criatividade porque não conseguia

lembrar-se de nenhuma história para contar ao bebê. No cursinho preparatório, eles não ensinaram essa prática.

A mamãe tem problemas de imaginação. Não é que ela não esteja nem aí, não é isso. Ela tenta. Ela diz: era uma vez um menininho na barriga da mamãe. Mas aí ela se perde. Ela não sabe mais o que dizer, e a cabeça vai para um lado e a barriga para o outro. Aí ela fica jogada no sofá sem pensar em nada. Só de calcinha, porque a mamãe sente muito calor. Antes ela era friorenta e magrinha, agora é enorme como uma baleia. Um dia você vai entender. As baleias sentem calor? Ela não sabe, mas ela sua muito e tudo apertada, tudo fica meio fora do lugar. Mas ela está preparada. Está sim: fez cursos, vários cursos (VIDAL, 2008, p.67).

Na quinta parte de “Fantasmas”, a protagonista contou seus sonhos assustadores que a mantinham apavorada, “sonhos macabros: sua irmã, seu pai, dizendo em coro, o que diziam? Claro que ela não lembraria” (VIDAL, 2008, p. 68). A autora apresentou, também nessa narrativa, a “voz feminina” a partir das angústias que afligiam a personagem por razão de um casamento fracassado, repleto de brigas e insultos.

Berraram um com o outro, disseram-se palavras terríveis, descascaram-se, feriram-se. Já de madrugada, esgotadas finalmente suas forças, ela foi dormir pensando que seria ainda pior quando os ânimos esfriassem, mais dolorosa a percepção de que aquilo já não fazia sentido algum. Eu tentei, ó meu Deus, eu tentei; uma coisa... uma coisa que eu tentei foi atravessar pura e incólume a cloaca deste casamento; atravessar as noites doentias, os dias patéticos e estúpidos, o escárnio e as risadas... meu Deus, as risadas (VIDAL, 2008, p.68).

Não se pode desvencilhar da visão patriarcal na sociedade contemporânea, dado que a discursividade feminina, sucessivamente, é enunciada de forma velada, isto é, o valor do discurso é desamparado em função da figura da mulher ser capturada de forma inferior diante dessa hegemonia social.

Nas narrativas de Paloma Vidal, ocorre um somatório de vozes nutridas nas fontes de lembranças que ultrapassam os obstáculos dessa perversidade de supremacia do homem nas relações sociais. Mesmo sendo expressões discursivas intimistas, não se pode negar o valor das manifestações sensíveis desses discursos femininos que não se mostram silenciados e oprimidos. As vozes não se limitam mais em descrever somente a realidade, mas em identificar as sensibilidades, o espaço da intimidade e o espaço do mundo, em que as duas imagens se tocam e se aprofundam. O interior e o exterior formam uma dialética que se multiplica e se diversifica em inúmeras percepções a respeito do ser feminino.

Resende²⁴ assegura que Paloma Vidal “pode falar de um lugar que, não sendo mais marginal, ainda guarda todo o “esquisito” que só a literatura das mulheres consegue ter” (RESENDE, 2008, p.110), ou seja, a sensibilidade feminina que escapa dos ouvidos masculinos. Sendo assim, percebe-se que Vidal traz a “voz feminina” em todas as narrativas de *Mais ao Sul*.

Na sexta parte de “Fantasmas”, Paloma Vidal expôs a dissemelhança de pensamentos entre a ficção na imagem da personagem que encena o filme, em que esta decide abrir mão de sua carreira para viver um relacionamento com o homem que conheceu na cafeteria e lhe proporcionou tanta segurança. Contrastando com a figura da protagonista da narrativa que representou a realidade, essa se posicionou de maneira resistente em se envolver afetivamente com alguém que viveria em outra cidade, pois entendeu que a distância iria prejudicar o relacionamento.

Essa oposição de visões demonstra a singularidade das vozes femininas, que, em situações da vida como a possibilidade de relacionar-se com alguém ou não, ratifica a ideia de consolidação da mulher pensante e ativa, inserida na sociedade.

Na penúltima história de “Fantasmas”, a protagonista transmitiu o medo, ou melhor, o pavor de que sua família ou comunidade fosse infectada por algum tipo de doença incurável ou letal por agentes invisíveis. Devido a esse receio, ela exigia que seu filho, ainda pequeno, lavasse a mão constantemente com bastante sabão e água bem quente. O menino jurava para a mãe que já havia lavado a mão, porém ela não acreditava e o fazia lavar novamente. A criança já estava com as pontas dos dedos descascadas e com a mão toda vermelha. Entretanto, para satisfazer a aflição da mãe, ele outra vez repetia toda a ação feita anteriormente.

Já lavou as mãos? Lavou mesmo? Deixe-me ver. Mmmm. Estamos todos infectados com o medo psíquico de que a qualquer momento, em qualquer cenário, agentes invisíveis possam nos transmitir tão facilmente uma doença letal e incurável quanto um simples resfriado. Eu já lavei, juro, juro, de pés juntinhos, por tudo, pela gatinha. Juro pela Virgem Maria, pronto. Jurei pela Virgem, mamãe. *Ou talvez envenenarão nossa comida ou atacam nossas crianças enquanto elas brincam com seus amigos e animais de estimação.* Pelo pulso, a mão (vermelha já e com as pontas dos dedos descascadas) vai sendo arrastada à força até a pia do banheiro. O sabão primeiro, muita espuma, ouviu bem?, muita espuma e água quente. *Sabemos que esses germes horríveis podem estar em qualquer lugar e então nos sentiremos totalmente incapazes de prever quando eles vão atacar ou de prevenir o mal que eles podem fazer a nós, àqueles que amamos e a nossa comunidade.* Tá pelando, mamãe. Assim que é bom, para ficar bem limpinha. E isso, mamãe, o que é? É um sabão líquido que eu comprei hoje, importado, usado em hospitais nos estados Unidos, não sobra qualquer microbiozinho para contar história. O que são micróbios, mamãe? Larvas

²⁴ RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos:** expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

nojentas. Tá ardendo, mamãe. Quando arde é que é bom. A professora me perguntou como foi que fiquei com as mãos assim: esfoladas (VIDAL, 2008, p. 69-70 - Grifos da autora).

Compreende-se que a voz da personagem feminina estava carregada por um pânico incontrolável. Ela se encontrava atormentada por um medo de que algo pudesse acontecer com seus entes amados, por isso não conseguiu controlar a psicose de proteger o filho. E esse descontrole estava causando sofrimento e dor ao menino, ainda pequeno. Percebeu-se tudo isso a partir da voz da criança quando se queixou de que a água estava muito quente e a mão estava ardendo muito, já estavam machucadas por causa de tanto lavá-las com produtos químicos e água fervendo. Porém, a mãe não se importava com suas reclamações, porque achava correto o que estava fazendo. Ela dizia: “assim que era bom, para matar todas as larvas imundas”. A mulher estava totalmente apavorada, com medo de um ataque químico.

O trauma estava presente na atitude repetitiva da mãe em mandar o garoto lavar as mãos. Possivelmente por conta de um abalo que estava engastado em seu inconsciente, visto que esse nível de consciência em que se encontram os traumas refere-se a um material indisponível à consciência. Acredita-se que as fontes de perturbações emocionais residam nas experiências traumáticas reprimidas.

Mesmo ela tendo abolido o possível sofrimento de suas lembranças, o episódio estava no seu inconsciente e reaparecia através do excesso de proteção que se sobressaía em suas atitudes: “revelada pela experiência da análise é o modo que o sujeito encontra para se dirigir ao trauma que excluiu de sua memória e que, não obstante, insiste em se fazer presentes através da repetição”²⁵ (VIDAL, 2004, p.73). O medo, o pavor que a protagonista transmitiu em suas ações remetem a recordações vividas por outras pessoas, ou seja, as recordações coletivas.

Paloma Vidal, no livro *A história e seus restos literatura e exílio no cone sul*, escreveu um capítulo sobre “escrever o trauma” com intuito de compreender nas narrativas do exílio o conflito entre a perspectiva política e a perspectiva subjetiva, “ambas organizadas no nível da linguagem, sem circunscrever a literatura ao eu autocentrado do autor” (VIDAL, 2004, p.20). Segundo a autora, ela utiliza a “noção de trauma” a partir das obras de Freud e Lacan, como “um possível ponto de encontro entre ficção e testemunho, entre subjetividade e coletividade que constituem as narrativas do exílio” (VIDAL, 2004, p.72).

²⁵ VIDAL, Paloma. **A história em seus restos**: literatura e exílio no Cone Sul. São Paulo: Annablume, 2004.

A concepção freudiana de trauma envolve a repetição de uma vivência que será elaborada confrontando-se a resistência do sujeito. Elaborar não é recordar o trauma no sentido de uma reprodução, uma vez que há nele uma dimensão real que é escamoteada pela recordação. A noção de real, como Jacques Lacan a entende, refere-se a algo inesperado e inassimilável pela linguagem. O real é o núcleo do trauma que atravessa o sujeito, descentrando-o e abrindo-o para o outro. Assim, de uma literatura marcada pelo trauma emerge uma subjetividade fraturada por uma experiência que a excede. As narrativas do exílio estruturam-se em torno do trauma para construir a partir dele uma trama ficcional que tem o compromisso ético de transgredir a resistência da linguagem para poder escrever o real de uma história (VIDAL, 2004, p.20).

Conforme assegura Vidal, Freud estabelece no ensaio “Recordar, repetir e elaborar” uma “distinção entre reproduzir pela rememoração o fragmento esquecido e repetir em ato algo do inconsciente e, portanto inacessível ao sujeito” (VIDAL, 2004, p.73). Assim, recordar seria o esforço de reproduzir o que aconteceu. E a mulher, na sétima narrativa de “Fantasmas”, repete excessivamente a atitude de lavar a mão do filho.

No oitavo e último fragmento da narrativa “fantasmas”, ocorreu o aparecimento do bilinguismo através de pequenas frases em espanhol. A personagem transitou entre essas duas línguas de maneira familiar.

A protagonista da narrativa “fantasmas” foi ao cinema com seu marido e companheiro, estão juntos há quase quarenta anos. Nesse dia, ela estava completando setenta anos e eles foram assistir a um filme. Durante a sessão, ela disse “*Me siento tan vieja*, e era como dizer: não sei se vou aguentar” (VIDAL, 2008, p.70). Seus familiares combinaram de se reunirem no sábado para comemorar as bodas de Rubi do casal e o aniversário dela, mas depois da notícia no rádio, não sabia se a festa iria acontecer. A única coisa da qual ela tinha certeza era que sua pele estava com várias manchas rosas, que nem mesmo a maquiagem conseguiu disfarçar, “*Maldita piel*”. Se fosse ao médico, ele iria dizer que era psicológico, passaria uma medicação e finalizaria a consulta sem fixar o olhar dizendo: “*hay que esperar*”.

A primeira questão relevante para entendermos a integração língua e território é pensarmos na formação de uma comunidade que é definida por características sociais, étnicas, nacionais, religiosa, entre outras, visto que um país é formado por uma comunidade de falantes e muitas dessas comunidades estão expostas a outras línguas. A formação linguística do cidadão moderno cosmopolita experiencia realidades territoriais distintas e o biliguismo ou multilinguismo acontece devido à exposição a outras línguas.

Segundo John Edwards²⁶, “O biliguismo ou multilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo, seja ele oficialmente ou não” (ROMAINE, 2006, p. 388).

Embora o filme fosse lento, muito lento, e os dois soubessem que era impossível prestar atenção depois da notícia no rádio. *Me siento tan vieja*, e era como dizer: não sei se vou aguentar. Era seu aniversário de setenta anos e, naquele mesmo mês, completavam quarenta anos de casados. Haveria uma grande festa no sábado, ao menos essa havia sido a ideia principal. Mas agora, depois da notícia no rádio, quem sabe. Hay que esperar, ele disse, sabendo que as cartas já estavam dadas, sabendo que ela sabia que era só uma forma de acalmá-la. Falaram-se no telefone, a filha, o filho, todos decidiram que era melhor não se reunirem naquele dia, mas a festa, quem sabe. Uma coisa assim deixa tudo suspenso (VIDAL, 2008, p. 71).

No decorrer da narração, não ficou nítido qual foi a notícia transmitida no rádio, mas a partir dela, a protagonista teve dúvidas se a festa no sábado realmente iria acontecer. Seu marido apenas disse para tentar acalmá-la “*Hay que esperar*” (Vidal, 2008, p. 71).

Dentro da seção Fantasmas, depois da narrativa homônima, temos “Dessassossego²⁷”, em que a protagonista resolveu visivelmente arrumar a mesa para o seu fantasma: “Tirou o jogo americano listrado da gaveta e, nas duas cabeceiras da mesa retangular, arrumou-os com seus respectivos pratos, talheres, copos e guardanapos” (VIDAL, 2008, p.81), para assim poder encarar todos os problemas que a incomodavam, pois há vários dias ela não conseguia dormir tranquilamente. Acordava várias vezes durante a noite e ficava em pé diante da porta aberta e vazia à espera de sua chegada: “Será que ele retorna? Revivendo do mundo dos mortos, brincou. Seria tudo isso um castigo pelas vezes que o chamara de “o falecido”, quando na verdade ele devia estar num samba na Lapa” (VIDAL, 2008, p.82), curtindo a noite até altas horas da madrugada sem se preocupar com ela.

A mulher estava realmente preparada para encarar seu fantasma, pois se notava muito corajosa, ao contrário do ex-marido, que tinha muito mais medo da morte do que ela. “Essa era outra hipótese: a morte a assombrava” (VIDAL, 2008, p. 82). Recordou que, em certo dia, uma espírita agarrou sua mão e disse que ela precisava aceitar seu dom. Ela riu muito daquele episódio e quando se lembrava daquela mulher, “dizia com voz cavernosa: *I see dead people*. Agora, não, já não estava para brincadeiras” (VIDAL, 2008, p. 82). Já era tarde e precisava tentar dormir. Ela imaginava, ou melhor, queria se convencer de que o que a chateava era o

²⁶ EDWARDS, John. **Foundations of Bilingualism**. In: Bhatia, Tej K; Ritchie, William C. *The Handbook of Bilingualis*. Maiden, MA.: Blackwell, 2006, p. 7-31.

²⁷ “DESSASSOSSEGO” foi publicada anteriormente, no livro *Visita*, com o título a “Espectadora”, como já mencionado no primeiro capítulo dessa pesquisa.

marido, a ausência do esposo durante a noite, mas percebeu que realmente o seu incômodo vinha de outro momento, outras coisas que ela não conseguia recordar.

Não. Gostaria de acreditar que era por causa do ex, que ia até a porta para ver se era ele que voltava. Mas a verdade devia encarar, é que ela abria a porta para fugir, em pânico, chegando algumas vezes a se machucar na correria do quarto até a sala. Fugia, sim, apavorada, de algo mortal e invisível, prestes a aniquilá-la. Fugia desesperada da casa transformada em jazigo. Uma cena se repetia: está dormindo, deitada na sua cama e cercada pelos móveis conhecidos, tudo no seu devido lugar, mas de repente algo a acorda, uma presença real que ocupa todo o espaço a sua volta, algo indefinido, mas fatal. Outra cena: alguém empacotou tudo, está tudo pronto para a viagem, mas ela não quer ir, ela não quer estar morta, ela precisa sair correndo antes que seja tarde, precisa sentir as paredes para ter certeza de que não está morta. Morta. Não é um sonho. Os sonhos são fantasias. Isso é real, como uma imagem antiga de pessoas que já morreram (VIDAL, 2008, p. 83).

A mulher queria realmente acreditar que a causa das suas insônias fosse a falta que sentia do companheiro, porém percebeu que seus fantasmas não envolviam apenas o ex, mas sim o medo de ficar sozinha, sem ninguém para cuidar dela. Ela compreendeu que, nas noites em que acordava durante a madrugada e ia até a porta, na verdade não estava esperando o falecido, mas sim fugindo de algo que não conseguia lembrar e nem tão pouco controlar. A fuga, por vezes, pode ser inconsciente, pois a pessoa não se lembra do que está fugindo.

No decorrer da narração, a agonia da personagem intensifica-se ainda mais, porque quase não há descrições do que pode ter acontecido anteriormente para deixá-la aterrorizada. O pouco que ela relata é que tudo mudou naquela véspera de natal. Ela ia viajar, porém estava apática naquele dia, não encontrava motivo algum para sair de casa correndo e deixar tudo desarrumado, já que o ônibus só partiria às 18h, e por puro desleixo perdeu a condução e também o seu companheiro, que estaria esperando-a em vão do outro lado da Dutra.

Dois meses depois do início do ano, a mulher começou a ter suas primeiras visões. A primeira figura apareceu, mas tudo aquilo foi indiferente para ela.

A primeira aparição: um rosto indefinido na janela, quase uma sombra, só que mais espesso, mais consistente, mais real. Depois de um ano e meio de visitas quase diárias, conseguia finalmente se render, naquela noite, à necessidade de não ser mais uma espectadora. Ao cair só Sol, saiu de casa e andou, aberta a cada gesto, cada olhar, cada boca, mas sem medo. Andou apesar da chuva. Precisava ir além das fronteiras demarcadas e achar seu rastro na cidade. Andou por várias horas, sem vontade de se proteger, e só voltou para casa quando seus pés o exigiram. Naquela noite, esperaria seu fantasma como se espera um convidado, uma visita desejada (VIDAL, 2008, p. 87).

As aparições nessa narrativa abster-se que às angústias transbordam para assim tentar vencê-la e superar os medos que a aprisiona. Segundo Vidal, Tununa Mercado no livro *En*

estado de memória descreve a sensação de ser invadido por uma história alheia, ir em direção ao outro: “O deslocamento pode se dar também na forma de uma voz que se desloca do próprio sujeito: “uma voz interior, levemente separada da minha” (VIDAL, 2004, p.82). A memória torna-se um vastíssimo cemitério em que os mortos não aparecem em atos e histórias grandiloquentes, mas “na sua pura singularidade, os gestos, palavras e atos menores que tiveram alguma significação para mim, os gestos mais representativos” (VIDAL, 2004, p.84).

2.2 TERRITÓRIO E REPRESENTAÇÕES

De acordo com Maria Bernadete Porto e Sônia Torres, em “Literatura Migrante”²⁸ (2005), a migração não é um fenômeno atual, ele já existe há muito tempo em virtude de catástrofe naturais, de guerras e outras conquistas que fazem algumas comunidades a se mudarem e reorganiza-se em novos territórios para conseguir forças para enfrentar os problemas, “A imigração - sua dinâmica, suas causas e consequências econômicas, políticas e culturais – é, portanto, um dos temas mais discutidos e estudados da contemporaneidade” (PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia, 2005, p. 225).

O fluxo migratório da pós-modernidade acelerou as transformações socioculturais, econômicas, institucionais e tecnológicas. O globo se tornou um espaço regido pelas interdependências culturais e pelas relações por elas estabelecidas. O fato de que “Todo planeta está se tornando território de deslocamentos cruzados”, tal como assegura Umberto Eco (1998), traz a dimensão da problemática estabelecida pelo fenômeno de deslocamento migratório.

Segundo as autoras Torres e Porto, Umberto Eco (1998), ao refletir sobre o tema migrações na história da humanidade, propõe a distinção dos termos “imigração” e “migração” e assegura à migração o sentido de deslocamento de um povo inteiro de um território para outro, com alto potencial de influenciar na cultura de destino. E a mestiçagem passa a ser incontornável na migração. Já à imigração é conferido o sentido de deslocamento de alguns indivíduos com baixa influência para a cultura à qual se destina.

As fronteiras, desde o século XX, passaram a ser mais monitoradas por causa de políticas de controle de fluxos migratórios, ou seja, intensificou-se a busca por “segurança nacional”.

A protagonista da narrativa “Jesus de el paso” descreveu sobre a imigração e as dificuldades que as pessoas enfrentavam para atravessar a fronteira do México até o solo americano.

A literatura ressalta marcas históricas dentro de um espaço social que abrange problemas político-sociais que fazem parte de uma memória que compõe a vida dos passageiros que transitam nos ônibus. Muitos estão em busca de seu sonho, e para isso,

²⁸ PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas Migrantes. In: FIGUEIREDO, EURÍDICE (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005, p. 225-259.

enfrentam várias sensações como medo, insegurança, ódio e indiferença social. Paloma Vidal reitera que

Do impasse político resultou uma literatura que sem se desvincular da história foi além da tarefa de representá-la, operando no limite entre a linguagem referencial e ficcional e criando universos narrativos em que o exílio se mostra como um espaço de reavaliação e fundamentação do político (VIDAL, 2004, p. 58).

Em "Jesus de El Paso", essa história se fez por enganos e contingências. A protagonista não prestou atenção ao momento em que comprou a passagem de ônibus da Greyhound de Las Vegas a Austin. Ela não percebeu que a viagem seria demorada, que duraria mais de trinta e quatro horas, teria vinte conexões durante a travessia do Arizona, a boa parte do Texas passando pelo Novo México. Mas quase todos que estavam naquele ônibus tinham um sonho para suportar toda aquela distância. Muitos destes almejavam o *Green Card* para si ou para seus filhos e fariam de tudo para consegui-lo.

A moça sentada ao lado da protagonista estava no quarto mês de gestação e enfrentava aquela viagem, com toda aquela distância para ficar hospedada na casa de uma tia até que seu filho nascesse em solo americano, para que o bebê tivesse dupla nacionalidade e conseguisse acesso livre às fronteiras daquele país. A gestante queria fazer pelo filho o mesmo que sua mãe havia feito por ela quando ainda a carregava no ventre.

De acordo com Vidal em *História em seus restos* (2004), Edward Said recomenda que o exílio não deva ser avaliado como uma regalia, mas sim como uma alternativa de uma nova visão "contrapontual" da realidade, juntamente com dados novos e antigos consentindo ultrapassar as fronteiras do preconceito.

O exilado sabe que num mundo secular e contingente, os lares são sempre provisórios. Fronteiras e barreiras, que nos abrigam na segurança do território familiar, podem também se tornar prisões e são frequentemente defendidas para além da razão e da necessidade. Exilados podem atravessar fronteiras, romper barreiras do pensamento e da experiência (VIDAL, 2004, p. 68).

A 'literatura de exilados' manifesta a angústia de se sentir fora de lugar, estrangeiro ao mundo e a si mesmo, porém a literatura confere decência a uma condição que foi criada para negá-la.

A protagonista e narradora dessa história estava retornando de uma viagem acadêmica, mas naquele momento estava mergulhada em suas preocupações, pois o ônibus em que viajava anteriormente atrasou. Por isso, perdeu a conexão que passava por Albuquerque e foi obrigada a trocar sua passagem. Imediatamente a rota de sua viagem fora alterada, agora iria

passar por El Paso. E, dificultando mais ainda a situação, ela estava com apenas cinco dólares no bolso. Não sabia como fazer para embarcar com todas as seis malas, uma vez que só era permitido colocar duas delas no bagageiro.

Além disso, ela não conseguia explicar para o motorista o que estava acontecendo, pois não sabia como se pronunciava o ocorrido em inglês. Se “A linguagem implica sempre uma desterritorialização que constantemente se tenta reterritorializar de algum modo, na busca de uma totalidade e de uma origem” (VIDAL, 2004, p.61), percebe-se que o idioma é um grande problema durante uma viagem para o imigrante que não domina a língua do trajeto. “*O nome dito* em inglês tinha outra força: *Jesus*. Era a língua ou o desamparo?” (VIDAL, 2008, p.89).

Nessa narrativa, “Jesus de el paso”, durante o percurso, a presença de um rapaz no saguão da rodoviária de El Paso chamou a atenção da protagonista. Ele tinha um porte de soldado americano e o seu corte de cabelo não deixava dúvidas de que tinha razão, mas nada naquele momento lhe importava. Ela estava perdida em sua própria imagem despedaçada, nada do mundo exterior a incomodava agora, pois só desejava esquecer a cena que tinha protagonizado para conseguir entrar naquele ônibus.

A personagem ficou quase duas horas na fila esperando para entrar naquela lotação e, quando finalmente chegou a sua vez de embarcar, o motorista sarcasticamente diz “*you should be the first on the line*” (VIDAL, 2008, p. 92). Ela desabou a chorar como uma criança, porque não aguentaria esperar o próximo ônibus. E uma mocinha americana que já estava sentada dentro da condução decidiu ceder seu assento para a chorona que estava do lado de fora.

Em algum momento durante a viagem, o silêncio foi perfurado por “um grito: *I love Jesus. I love our commander-in-chief*” (VIDAL, 2008, p. 92). A protagonista abriu os olhos e viu o rapaz que já tinha concluído anteriormente como sendo um soldado americano em pé dentro do ônibus, segurando um álbum azul e discursando para os passageiros sobre a guerra que estavam enfrentando. Porém, as pessoas simplesmente o ignoravam, pois não estavam interessados naquele assunto.

Não podemos esquecer, dirá o rapaz, que estamos em guerra. Isso manda um sinal para nossos amigos, que nos apóiam e apóiam nossas decisões, e para nossos inimigos, que são contra a liberdade e a democracia, de que nosso exército ainda é forte e está pronto para lutar e vencer as batalhas da nação. [...] Eu amo nosso comandante-em-chefe, ele repete. Nosso comandante é um homem de fé. Ele acredita na democracia e na família americana. Este estado que o viu crescer conhece seus valores. Nós, do Texas, conhecemos os valores do comandante,

acreditamos nele e por isso vamos votar nele nas próximas eleições. Ela encosta a testa na janela e fecha os olhos, resignada a ter que adormecer com o fundo sonoro de uma propaganda eleitoral republicana. O que mais podia esperar de um travessia pelo Texas?, murmura para si mesma.

Desde que chegou ao poder, o comandante tem lutado por uma sociedade próspera, segura e com oportunidades para todos os americanos. Na manhã de 11 de setembro, os terroristas nos atacaram e desde então ele vem liderando uma missão contra o mal, para destruir aqueles que nos odeiam, protegendo-nos e criando um mundo seguro para a democracia. O comandante sente muita gratidão pelo serviço de homens que, como eu, se sacrificam e sacrificam a sua família em nome dessa missão. Ele está confiante de que nossa nação vencerá e de que todos nós seremos felizes num mundo livre de terroristas.

I hated him, ele grita, e ela tem um sobressalto, erguendo novamente a cabeça, enquanto outros passageiros pedem que o rapaz cale a boca. Eu queria eliminá-los. Pensei muito nisso. Pensei muito em como faria isso, mas não contei a ninguém, porque ninguém podia saber. Era meu segredo. Meu plano devia ser absolutamente confidencial e, se estou contando a vocês agora, é porque o comandante me fez ver o que eu não era capaz de ver. Ele me fez ver que eu tenho uma missão. Nossa nação está em guerra e é uma guerra diferente, porque os terroristas não acabam apenas com nossas vidas, mas também com nosso estilo de vida. A única maneira de pôr um fim a essa ameaça é destruí-los. Essa é minha missão (VIDAL, 2008, p. 91, 93-94).

O soldado americano continuava a discursar dentro do ônibus e todo aquele amor patriótico a fez lembrar de um episódio ocorrido em sua adolescência. Ela recordou de uma conversa que teve há muito tempo com um garoto que conheceu na infância. Ele tinha apenas treze anos e já reclamava que tinha nascido no século errado.

A memória era instável. De repente, algo acontecia e as recordações adormecidas na lembrança faziam o passado ressurgir no presente rapidamente. E o levava embora na mesma rapidez.

Há alguns anos atrás, a protagonista encontrou o adolescente na rua, os dois já se encontravam adultos, mas ele continuava inconsolado com a expulsão do colégio militar. Aquela ação o fez interromper um sonho de vida. Não se conformava, mesmo depois de tanto tempo, continuava falando com muito ressentimento sobre o ocorrido.

Um dia pensando nele, com as memórias todas à flor da pele, e começaria de novo a esquecer. Foi o que aconteceu: um dia inteiro na cama, remoendo velhas conversas, para depois enterrá-las. Você é uma menina mimada. Você não sabe o que é sacrifício, o que são os valores, o que é morrer por seus valores. Ele também não sabia, mas imaginava para si mesmo um futuro de glória a serviço da pátria.

Que pátria? Uma pátria que não estava nem aí para ele, ela teria dito se fosse capaz de enfrentá-lo. Estou certo de que cada um de vocês, homens, mulheres, a grande juventude argentina e as crianças, estão sentindo como eu sinto alegria e tremenda emoção por esse ato, dissera o general Galtieri. Era assim que ele se sentia naqueles dias iniciais da guerra das Malvinas. Vivia numa espécie de delírio e talvez de fato delirasse, mas era difícil saber (VIDAL, 2008, p.95).

Aquele jovem sofreu uma decepção ao ser obrigado a abandonar o sonho de servir a pátria no momento em que foi expulso do colégio militar. Naquele momento, ele estava em fúria, pois estavam vivendo em guerra e esta contaminava tudo. As atitudes das pessoas se tornavam alteradas e passavam a viver uma insegurança contínua. Mas o soldado estava preparado para morrer por sua bandeira. E, durante as guerras, há muitas mortes, tanto de civil quanto de militar.

O rapaz que a protagonista encontrou na rua estava eufórico por causa da Guerra das Malvinas, conflito militar entre Argentina e Reino Unido, ocorrido na década de 80²⁹. As forças armadas da Argentina invadiram as Ilhas Malvinas (Ilhas Falklands para os britânicos que colonizaram e dominaram-na em 1833), situadas a 464 km da costa argentina. O arquipélago, mesmo pouco habitado, tinha uma posição geográfica estratégica. E os Argentinos alegavam direitos sobre as Ilhas Malvinas já que as terras pertenciam a Espanha e com a independência em 1822, esse território deveria ser incorporado como solo Argentina, porque antes pertencia à Espanha.

A protagonista retornou ao presente quando um grito do soldado americano a retirou do transe em que se encontrava, pois ele continuava berrando dentro do ônibus, porque queria mostrar as fotos que ele tinha com o comandante, quando este foi até as tropas, apertou a mão dele e disse "você será um herói americano" (VIDAL, 2008, p. 97).

O pracinha discursava para os passageiros como o comandante valorizava o soldado americano. E que o general estava liderando uma missão contra o mal desde o atentado de 11 de setembro de 2001³⁰ para que todos os americanos pudessem viver em um país livre do terrorismo.

Após o ataque de 11 de setembro de 2001, o terrorismo passou a ser o principal inimigo das maiores nações capitalista ocidental. A luta passou a ser intensa. No intuito de combater essas ações terroristas, o então presidente dos EUA, George W. Bush iniciou a chamada Guerra ao Terror, aumentando a fiscalização nas fronteiras para evitar entrada de

²⁹ Em 02 de abril de 1982, os argentinos tomaram a capital do arquipélago Port Stanley, passando a chamá-la de Puerto Argentino. Os Britânicos tentaram resolver de forma pacífica, exigindo a saída imediata das tropas argentinas, porém a Argentina se recusou a recuar e o Reino Unido enviou forças militares suficientes para manter o controle das Ilhas Malvinas. Esse conflito durou 75 dias e tiveram diversas mortes: 258 britânicos e 649 argentinos morreram nessa batalha. As relações diplomáticas entre britânicos e argentinos ficaram suspensas e só foram reatadas em 1990.

³⁰ Os ataques ou atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos, coordenados pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda em 11 de setembro de 2001. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_11_de_setembro_de_2001-----, Acesso em: 10 de março de 2016.

clandestinos no país. E em outubro do mesmo ano invadiu o Afeganistão com tropas da OTAN.

A protagonista quer de toda forma sair daquele ônibus e para isso ela força a sua memória a buscar algo em suas lembranças que a transporte dali. E indaga:

O que estou fazendo aqui? Ela se faz mais uma vez essa pergunta, que na verdade é uma forma de se transportar dali para o motivo de sua viagem, a mais de oito mil quilômetros ao sul. Porque se perguntar isso é obrigar sua memória a refazer todo o percurso, Buenos Aires a Los Angeles, em 2002, até chegar neste ponto da estrada entre El Paso e San Antonio, no final de 2004. Um percurso muito mais afetivo do que geográfico, com despedidas dolorosas, projetos abandonados, objetos perdidos e uma sensação quase constante de desamparo (VIDAL, 2008, p.98).

Ela estava retornando de uma viagem acadêmica frustrada, pois foi para os Estados Unidos não em busca do sonho americano, mas para concluir o doutorado em uma universidade americana. Porém, foi por um percurso muito mais afetivo do que geográfico, com despedidas dolorosas, projetos a fizeram abandonar tudo e pegar aquele ônibus.

Paloma Vidal, em seu primeiro romance, *Algum lugar* (2008), também aborda a viagem acadêmica e seus abandonos. O livro traz a história de uma jovem professora argentina que morava no Rio de Janeiro e mudou-se com seu companheiro M para Los Angeles para fazer o doutorado. Alguns meses depois, seu marido retornou para o Rio porque não se adaptou aos Estados Unidos. Meses mais tarde, a moça descobriu que estava grávida e abandonou o curso de pós-graduação para retornar ao Brasil e tentar refazer sua vida com o mais novo objetivo de vida: ser mãe.

A protagonista da narrativa “Jesus de El Paso” também abandonou o doutorado em Los Angeles por motivos particulares e retornou para seu país, por essa razão estava naquele ônibus, escutando por horas o discurso do soldado. Por impulso, sem perceber, ela pegou o álbum de fotografias que o soldado americano ofereceu. Quando abriu o objeto, teve uma surpresa: a primeira foto não era a dele com o presidente americano e, sim, a foto dele sem farda com duas crianças pequenas para a qual ele imediatamente disse: “*My daughters*” (Vidal, 2008, p. 99).

A mulher fechou o álbum e entregou para o rapaz. Ele a questionou bruscamente, pois não queria ver as outras fotos. Estava com medo de olhar as outras imagens e descobrir a verdade, descobrir que muitos soldados morriam para que pessoas como ela sobrevivessem em suas pequenas vidas, sem nem mesmo se importar com o que acontece com eles e suas famílias. O jovem soldado americano, em momento de fúria, confessou que ele também tinha medo, mas que era preciso enfrentar o medo. Ele partiria, dali a alguns dias, para o outro lado

do mundo, iria para o Iraque, onde soldados como ele morriam diariamente e poderia ser o próximo.

A moça ficou totalmente paralisada e, de repente, ela escutou outra voz feminina, dizendo para o rapaz: “*Stop it*”. Era uma mulher negra, que caminhou até o jovem e o conduziu até o assento para que pudesse se acalmar, pois ele ficou em pânico, ou seja, com medo de partir para um país que só vivia em guerra. O soldado ficou aterrorizado só de pensar em ficar exilado, longe de suas filhas. Ele sentiu medo de morrer, mesmo tendo conhecimento do juramento que fez em proteger a bandeira, nem que para isso necessitasse perder sua própria vida. Na citação a seguir, verifica-se a complexidade em que se encontra um indivíduo exilado apresentado a um território rico em práticas discursivas distintas.

O exílio diz respeito a um modo de colocar-se à margem dos discursos hegemônicos e de abalar princípios políticos, sexuais e linguísticos que os fundam, de inserir na linguagem uma linha de fuga. Seu potencial transformador reside na falta, no equivoco, na ambigüidade. Se através da língua se exercem diversas formas de poder, o exílio funciona como estratégia subversiva que faz surgir práticas alternativas no interior da linguagem. A literatura é um lugar de exílio no sentido de uma pratica discursiva dissidente. (VIDAL, 2004, p. 62).

Segundo a autora Paloma Vidal, o crítico Edward Said, no ensaio “Reflections on exile”, relata negativamente sobre a experiência do exílio, pois para ele essa condição de exilado acarreta muito mais perda do que algo enriquecedor. Em função disso, o exílio não é regalia porque essa conduta é uma punição e comumente política. Por essa razão, a literatura moderna, conseqüentemente, é uma literatura de exilados que profere a angústia de se sentir fora de lugar, estranho ao mundo.

Não será que as visões do exílio na literatura [...] encobrem o que é realmente horrendo: que o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico; que ele é produzido por seres humanos contra outros seres humanos; e que como a morte, mas sem sua derradeira misericórdia, arrancou milhões de pessoas do seio de uma tradição, de uma família e de uma geografia? (VIDAL, 2004, p. 66).

A narrativa “Jesus de El Paso” apresenta a experiência de deslocamento a partir das personagens que ocupavam aquele ônibus, pois cada um deles abandonou suas casas, suas coisas, seus pertences, seus familiares em busca de uma ascensão social.

O ônibus ficou totalmente em silêncio e a protagonista ficou observando a paisagem desértica fixamente, como se fosse um segredo que teria que desvendar, a verdade sobre o medo, sobre a morte, sobre a guerra e ultrapassar as fronteiras do preconceito.

Na sexta narrativa de “Fantasmas”, “O retorno” - que também já tinha sido publicada

com o título “Mundos paralelos” em 2004³¹.

No início, temos o relato da chegada da personagem ao aeroporto, espaço de travessia por excelência, e suas sensações de estranheza e mal estar que experimenta todas as vezes que necessita voltar.

Segundo Marc Augé, no livro *Não-lugares introdução a uma antropologia as supermodernidade* (2005), o não-lugar é permeado de pessoas em trânsito. São espaços de ninguém, as pessoas que transitam por esses locais são apenas mais uma, por isso o não-lugar é o que se opõe ao lar, à residência, ao espaço personalizado, ou seja, o não-lugar é representado por ambiente de rápida circulação, um espaço público de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade como: praças, jardins, aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, hotéis, restaurantes, supermercado, bares e outros não lugares existentes.

Quando a protagonista da narrativa “O retorno” chegou ao aeroporto percebeu que este foi reformado, porém essa mudança não deslocou seus pensamentos para outro momento. Mas quando ela saiu daquele espaço, atravessando as portas de vidro, o cheiro da brisa da rua a transportou imediatamente para um ambiente muito familiar. Por um instante, isso a deixou feliz e quase esqueceu o verdadeiro motivo de sua viagem: a tristeza que transbordava o seu peito e deixava transparecer toda aquela amargura intensa.

A mulher pegou um táxi no estacionamento do aeroporto para continuar sua viagem por mais uma hora até chegar à casa em que viveu por 22 anos. Talvez essa fosse a última vez que retornaria àquela casa, já que estava ali para enterrar seu pai. O único elo entre ela e aquele ambiente.

Durante o percurso do aeroporto até a casa, o motorista ligou o rádio no momento em que o locutor transmitia a notícia de que na noite anterior uma moça tinha sido violentada e morta aos arredores da capital. “[...] O corpo encontrado nu da cintura para baixo, o rosto inchado, marcas arroxeadas nos braços e nas pernas, um corte na vagina” (VIDAL, 2008, p.105). Ela contraiu imediatamente uma perna contra a outra ao escutar a notícia que a deixou mais triste ainda, pois a fez lembrar de coisas e acontecimentos que realmente queria esquecer, ou seja, deixar enterrados no passado. Mas como não temos domínio de nossas lembranças e, uma vez vinculada a algo, recompõe rapidamente o passado a partir dos fragmentos da memória. Assim, a passageira lembra um momento de terror, pois aquela informação traz à tona a voz da criança suplicando por socorro. Ela conta que

³¹ Livro - **25; Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Organização: Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 333.

Estava sozinha em casa naquela tarde. A campainha tocou. Foi levada só com a roupa do corpo. Esperou em vão, nos dias seguintes, que alguém telefonasse para explicar que tudo não passava de um engano. Tinha medo de enlouquecer de tanta angústia. Papai me tira daqui, me tira daqui paizinho. Definhava e contava. Contava carneirinhos, contava o eco das gotas pingando, contava passos dos policiais. O estado do seu corpo, convalescente e irreconhecível para si mesma, mantinha-a ocupada à procura de uma posição que lhe permitisse dormir. Embaralhava-se, entre o sono e a vigília, imagens de lugares perdido no tempo. Um balanço, um quintal, uma voz chamando seu nome no diminutivo. Abandonava-se nesses desvaneios semiconscientes e, de olhos fechados, deixava-se estar, esperando morrer. Ainda não foi dessa vez, foi o que conseguiu dizer a seu pai quando o viu do lado de fora da delegacia, tentando sorrir. Seguiram-se dias de mudez e solidão, incapaz de falar sobre aquilo. Não queria que ninguém sentisse pena. Ou temia que não sentissem nada? Tinha medo do silêncio que se seguiria ao seu relato monocórdio, todos à espera de um desfecho que viria sem emoção, sem a dramaticidade necessária. Passados alguns meses sem mal conseguir sair de casa, decidiu que o melhor era partir, fazer uma viagem, deixar tudo por algum tempo. Um tempo que se estendeu indefinidamente, até torná-la quase uma estrangeira. Voltou pela primeira vez oito anos depois. A cada viagem, sentia-se mais distante, e o intervalo entre a partida e o retorno se alongava. Voltava agora, mais, uma vez, para enterrar seu pai (VIDAL, 2008, p.105-106).

A protagonista tentava equilibrar-se entre o passado e o presente, ou seja, entre os dois mundos, “Não estava sendo nada objetiva, afinal de contas, novamente com lágrimas nos olhos, novamente com medo, como uma criança, do que enfrentaria sozinha” (VIDAL, 2008, p. 107). A viagem tinha um papel fundamental naquele momento, pois era também o encontro para o equilíbrio daquela jovem.

Em *Mais ao Sul* as personagens proporcionaram diversas recordações de viagens, de partes de suas vidas, ou seja, lembranças que faziam ressurgir fragmentos do passado.

3 MEMÓRIA, UM REENCONTRO COM O PASSADO

No terceiro e último capítulo, abordaremos a memória juntamente com o deslocamento através de experiências das personagens das narrativas “Viagens”, “Así es la vida” e “Pássaros” de *Mais ao Sul*. Trataremos a questão que estabelece relações entre a memória e as vivências das personagens em “Viagens”, “Así es la vida” e “Pássaros”.

Também analisaremos a multiterritorialização – o fluxo no percurso das personagens em meio aos territórios estáticos – a partir dos deslocamentos de linguagem, espacialidade e memória nessas narrativas de *Mais ao Sul*.

Nesse sentido, comentaremos como os deslocamentos territoriais concretos criam desdobramentos que geram na vida de indivíduos distintos experiências complexas, tais como a reconfiguração identitária de imigrantes estabelecida por meio de processo – consciente ou não – de desterritorialização e reterritorialização dos espaços físico e imaginário.

Teceremos, ainda, reflexões sobre a necessidade de pertencimento e a sobreposição cultural no que se denomina reterritorialização, processo em que o imigrante se desintegra das origens culturais e produz um esvaziamento, constituindo-se como natural de outro território. Além disso, temas como a relação do imigrante com seu idioma natal e a apropriação da nova língua nessas experiências de memória e deslocamento serão contemplados também.

Em “Viagens”, há lembranças muitas vezes esquecidas (in)voluntariamente pelo sujeito. Nessa história, (i) a neta narrou a viagem do avô para Buenos Aires, (ii) abordou o exílio da narradora ainda pequena juntamente com seus pais, que saíram da Argentina em direção ao Brasil e (iii) narrou sobre o deslocamento da narradora, que partiu do Brasil em direção a Londres para viver um amor que será interrompido por um atentado terrorista.

Já em “Así es la vida”, a personagem foi para Buenos Aires em busca de reencontrar suas lembranças e resgatar a amizade com sua prima. E “Pássaros” são pequenos textos que tratam de assuntos corriqueiros e muitos deles comentam sobre os pássaros e sua liberdade de escolher para onde voar sem ter preocupação com as fronteiras.

A capa do livro *Mais ao Sul*, de Paloma Vidal é azul, na parte frontal e posterior são exibidas figuras de pássaros. Num primeiro momento, destaca-se a cor preta dos pássaros e no segundo momento os pássaros são matizados de azul.

A cor sempre teve uma função importante em termos culturais, tendo um papel estético e em algumas sociedades também simbólicos. Segundo o historiador Michel

Pastoureau³², na Idade Média a cor azul era desprestigiada. A partir do século XIX, a tonalidade ‘azul marinho’ começa a substituir o preto que era considerado uma cor melancólica, tom das trevas e da morte. Sendo assim, o ‘azul’ surge com a mesma significação. Somente depois de muitos anos essa coloração deixa de ser uma gradação marginal e conquista o fascínio e a exuberância no meio social e passa na contemporaneidade a significar liberdade, beleza e imensidão. .

Verifica-se também a presença da metáfora quando a autora relaciona os pássaros como elemento da natureza que são livres, contudo são condicionados a migrarem por questão de sobrevivência. Da mesma forma, isso ocorre com as personagens das narrativas de Vidal.

Segundo a autora, os relatos narrados em *Mais ao Sul* resgatam memórias que buscam recriar histórias familiares por vezes perdidas no tempo.

A concepção da ideia de viagem mencionada por Vidal em *Mais ao Sul* trata a priori de deslocamentos territoriais concretos que a partir daí criam-se desdobramentos que geram experiências que serão compreendidas em sua totalidade na formação da existência de indivíduos complexos e distintos.

Aqui, o existir pode ser concebido por um lugar em que a vida fatídica, intelectual e temporal se condensa e simultaneamente resulta na formação singular da condição de cada indivíduo que sobrevive na história através de seus feitos. A experiência será a peça fundamental para a consolidação do sujeito por meio das marcas de seus atos, suas obras, resultado da integridade das relações que essa existência individual e única lançou no espaço histórico constituído.

A partir dessa compreensão de deslocamentos físicos, culturais, políticos e sociais, é possível um entendimento da constituição biográfica complexa de cada personagem que se emoldura ao longo desses percursos que transcendem seu sentido único do território.

Ao longo da formação histórica comunicável e transmissível desses indivíduos, valeremo-nos de um aparato cognitivo imprescindível que é a memória, pois com ela se constitui concomitantemente a vida singular e coletiva do indivíduo.

³² PASTOUREAU, Michel; Dicionário das Cores do Nosso Tempo – Simbólica e Sociedade; Editorial Estampa; Lisboa, Março 1997.

3.1 MULTITERRITORIALIDADE E MEMÓRIA EM MOVIMENTO EM *MAIS AO SUL*

As narrativas “Viagens”, “Así es la vida” e “Pássaros” têm em comum a multiterritorialidade, que prioriza o fluxo, o percurso das personagens sobrepujando-se aos territórios estáticos. As memórias são registros trazidos para dentro dos espaços expositivos de maneira subjetiva, o que possibilita ultrapassar o caráter simbólico da cultura já firmada.

A partir de recordações das narradoras protagonistas emergem as lembranças que foram criadas por elas para completar lacunas que estavam vazias, por falta de maiores informações sobre seus antepassados.

Em “Viagens(i)”, Vidal desenvolveu uma narrativa a partir da perspectiva de uma jovem brasileira, filha de imigrantes argentinos, que relatou a história do processo de imigração sofrido pelo avô, um espanhol que partiu da Catalunha/Espanha ao completar dez anos de idade, alguns meses antes do início da primeira guerra mundial. Ele foi buscar exílio na região do Rio da Prata, na Argentina. A jovem, enquanto narradora, construiu imagens e sensações a partir de conversas imaginárias que tinha com o seu avô moribundo, já que a neta e o avô passavam a maior parte do tempo em silêncio ouvindo rádio.

A narradora utilizava os recursos fotográficos para resgatar a memória e ser capaz de preencher com a imaginação essas lembranças. Os fatos que contou como se fossem de seu avô era também uma viagem ao seu passado, seu deslocamento, assim narrando:

Era minha viagem ao passado: um longo corredor e as histórias por trás das paredes descascadas; a decadência dessa família e de tantas outras; a tristeza pela partida, o choro das crianças e a avareza dos velhos.

Nada daquilo tinha realmente a ver comigo, mas ainda hoje sobrevive em mim como uma zona escura da memória, um ponto de fuga para onde correm medos que não sei ao certo de onde vêm, nem se algum dia encontrarão sossego, como se todas as noites me coubesse percorrer sozinha aquele corredor úmido e sombrio, sem saber aonde vai dar. (VIDAL, 2008, p.17)

Compreende-se, desse modo, que a formação do inconsciente coletivo, que não se desenvolve individualmente, é herdada como um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas. Ao mesmo tempo, essas lembranças se localizam num

reservatório inacessível, o indivíduo herda a predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais o faziam.

A protagonista era uma herdeira da imigração, carregando em suas lembranças a marca escura desse deslocamento, mesmo não tendo vivido pessoalmente a imigração: “Na imagem espacial de um tempo que não vivi, inscrevo algumas marcas, flertando com a ilusão de saber de onde eu vim” (VIDAL, 2008, p. 25). Sendo assim, para conhecer um pouco mais sua história, ela refez toda a trajetória genealógica do avô.

A narradora, neta do imigrante, no final da narrativa descreveu que, na maioria das visitas que esteve com seu avô enfermo, eles ficaram em silêncio e, portanto, muitas das recordações narradas foram criadas por ela para dar continuidade às memórias.

Quase não falávamos. [...]. O que havia era aquele encontro, aquela tarde, nosso contato silencioso. Havia a possibilidade de que as horas passassem sem muita dor. Eu me atribuía esse dom. Por pudor, não tentei conhecê-lo mais, e se ao escrever estas linhas vejo lacunas que ele poderia ter preenchido, percebo também o quanto naquele momento o silêncio nos uniu (VIDAL, 2008, p. 26)

“*Viagens(i)*” é marcada pelo deslocamento vivido pelo avô da protagonista, que deixa para trás experiências culturais que até então o constituíam como sujeito, porém levando consigo na memória as marcas inapagáveis de sua formação. Segundo nos conta a protagonista, seu avô quando criança possuía uma afinidade com o ambiente em que vivia e, apesar de seu jeito aventureiro, não estava em seu imaginário uma viagem para terras tão desconhecidas, assim ela imagina:

Meu avô era uma criança quando partiram, mas tinha com sua cidade uma amizade madura. Conhecia bem esse pedaço de terra espremido entre o mar e os montes. Seus passeios eram longos e solitários, permitindo-lhe explorar muito além dos territórios circunscritos pela vivência familiar. Não se imaginava morando em outra cidade. Como poderia? Ao mesmo tempo, fazia questão de se estrangeirizar, quase perdido por ruas que ia aprendendo a reconhecer (VIDAL, 2008, p.20).

Nos relatos da neta, sabe-se que “Buenos Aires era, para meu avô, um ponto distante na direção do dedo de Colombo” (VIDAL, 2008, p. 21), por isso nunca imaginou que um dia ele iria para uma terra tão afastada.

As consequências dos deslocamentos vividos conduzem os imigrantes a uma reconfiguração identitária, estabelecida através de processo, consciente ou não, da desterritorialização e reterritorialização dos espaços físico e imaginário. Desse modo, na narrativa, os personagens sofreram com esses problemas. Um exemplo significativo é a

passagem em que a narradora falou sobre os conselhos ofertados no guia do imigrante espanhol. Nele, o imigrante está sob estímulos dos agenciamentos coletivos.

O guia do imigrante espanhol aconselha: ao chegar a idade de se casar, se for possível, se estiver apaixonado, é melhor fazê-lo com uma mulher argentina. Seus amigos estão aqui, seus hábitos e costumes foram adquiridos aqui, e seus filhos devem ser argentinos, porque a esta altura você já é quase um deles (VIDAL, 2008, p. 24).

De acordo com a percepção deleuze-guattariana compreende-se que “Todo o agenciamento é, em primeiro lugar territorial. [...] o agenciamento ultrapassa também o simples “comportamento” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 218, apud HAESBAERT, 2004, p.122). Dessa forma, podemos compreender que o “o guia do imigrante espanhol” é uma forma de desterritorializar o imigrante, que acaba aceitando suas sugestões e realmente seguindo as recomendações do guia do estrangeiro.

A identidade que o imigrante cria no novo território, construindo ali a sua família, fazendo novas amizades, tudo isso pode fazer com que ele pense em se naturalizar como sugere o guia, uma vez que ele pouco recorda do seu país. E chega ao ponto de não mais se reconhecer como um sujeito daquele lugar de origem, porque cada vez mais o esquecimento das lembranças de sua vida anterior fica mais longínquo ao novo território.

A protagonista relatou que o avô parecia nunca ter vivido outra vida antes de Buenos Aires, “porque desde que as imagens de Barcelona começaram a se apagar de sua memória, como se aquela vida tivesse sido vivida por outro de quem tinha notícias só de vez em quando” (VIDAL, 2008, p. 24). O avô resolveu colocar em prática o conselho do guia do imigrante espanhol e se casou com uma mulher argentina. Depois de vários anos morando em Buenos Aires com sua família, ele, um espanhol, resolveu se naturalizar como argentino. Segundo a protagonista e narradora,

Em 1947, no ano em que nasceu seu filho caçula, meu avô decidiu que chegara o tempo de se naturalizar. Foi uma decisão amadurecida durante muitos anos, desde que as imagens de Barcelona começaram a se apagar de sua memória, como se aquela vida tivesse sido vivida por outro, de quem tinha notícias só de vez em quando. Considerava-se um homem bem-sucedido e agradecia sua condição a esse país que acolhera sua família (VIDAL, 2008, p.24).

A necessidade de pertencimento e a sobreposição cultural fazem com que o imigrante espanhol desarticule o eixo referencial e produza um esvaziamento no referente cultural de ascendência ao ponto de não mais se reconhecer como sujeito daquela nação e, então,

constituir-se como natural de outro ambiente. Neste aspecto, movido por novos agenciamentos, é que se configura a reterritorialização segundo Deleuze.

Compreende-se que a naturalização do avô foi colocada de forma natural e espontânea como fenômeno de identificação cultural, o que estabelece uma relação para além do simples deslocamento espacial. Percebeu-se que o avô, com o passar do tempo, não conseguia mais recordar do período em que viveu na Espanha. Sua memória começou a apagar suas lembranças e não havia mais nada em comum entre aquele país com o avô de nossa protagonista.

Segundo Maurice Halbwachs no livro *Memória individual e memória coletiva* (2003), esquecer determinado período de nossa vida é também perder o contato com aqueles que então nos rodeavam. O sociólogo francês explica que

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Assim, o imigrante ao se naturalizar produz uma pequena ruptura com o imaginário simbólico ao qual pertencia anteriormente. Ainda que esse lugar continue existindo em sua memória, ele percebe que já não pertence mais àquele território como antes porque quase já não se recorda de lá.

Segundo Deleuze e Guattari, “a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga”, e a reterritorialização é o movimento de construção do território” (DELEUZE E GUATTARI apud HAESBART, 2004, p. 127), ou seja, para criar e viver qualquer coisa nova precisa-se desfazer de outras já existentes. A partir do momento em que o avô naturaliza-se como argentino, ele se desterritorializa do antigo território e movimenta a construção do novo território, adotando os pareceres do guia imigrante espanhol.

A protagonista, neta de imigrante, construiu suas memórias a partir dos conhecimentos de seus antepassados, criando um espaço de significação e representação subjetivamente imaginativo, mas necessário para a condição de sua existência. Ela narra:

Deixo-me levar pelo desenho de cifras e ruas; trilho uma cronologia e uma geografia, segundo os poucos acontecimentos e lugares que conheço, as fotos que restaram e o que vou descobrindo nos livros. Na imagem espacial de um tempo que

não vivi, inscrevo algumas marcas, flertando com a ilusão de saber de onde eu vim. Como se não houvesse uma descontinuidade intransponível entre uma vida e outra, entre uma geografia e outra; como se um ser sáísse do outro, numa cadeia sucessiva no tempo e no espaço, salto imaginariamente o abismo que existe entre mim e aquele que me gerou. (VIDAL, 2008, p. 25-26).

A memória individual pode ser interpretada como as lembranças do passado que renascem no presente, no pensamento de cada indivíduo, a partir da eficiência de acúmulo de informações referentes a episódios vividos anteriormente. De acordo com os estudos do sociólogo francês Halbwachs, a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, estabelecida por convivência social de pessoas que reside no mesmo grupo em que estão inseridos para, assim, basear-se a impressão na memória coletiva para reforçar, enfraquecer ou completar nossa própria compreensão dos acontecimentos. Há também a memória histórica, que é a concentração dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. Essa última encontra-se nos livros, são ensinadas e aprendidas nas escolas, referentes aos acontecimentos passados, ou seja, a história universal.

E, nesta narrativa, a protagonista, além de contar a imigração de seu avô, reviveu parte de sua história através das memórias de seus antepassados.

Halbwachs corrobora a ideia de que, por mais que tenhamos o discernimento de ter vivenciado episódios e apreciado elementos que somente nós vimos, ainda assim as lembranças continuam coletivas e podem ser evocadas por outros. Isso porque, como assegura o autor, jamais estamos sós, mesmo quando os outros não estejam fisicamente ao nosso lado, pois os transportamos conosco em pensamento. Ele também destaca que “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2003, p. 31).

As gerações herdeiras da imigração trazem junto de si a história do imigrante, embora os locais de origem não sejam mais as fontes de identificação, podendo estar reduzida ao idioma, à cultura ou às lembranças. Ainda assim, possuem uma necessidade de resgatar as origens para conhecer um pouco mais de sua gênese, ou seja, as identificações com o passado permanecem fortes nas gerações, consciente ou inconscientemente.

Em 2012, Vidal escreveu para a revista *Grumo* o artigo “lengua lenta (estados de memória)”, que pondera as singulares maneiras de trabalhar a memória e como essas singularidades serviriam para abordar uma literatura contemporânea, uma literatura produzida por filhos de imigrantes que narram o que se herdou de alguém exilado. Trata, mais especificamente, sobre em que medida é possível aproximar-se daquilo que se herda do processo de migração narrado pela memória do outro.

É possível correlacionar a memória da formação do indivíduo com as experiências absorvidas pelo coletivo. No caso dos filhos de imigrantes, eles apresentam em suas composições existenciais e históricas traços de seus antepassados, mesmo que se configure de maneira reduzida.

Este narrador-hijo, narrador-heredero, recibe como herencia una ausencia, una no-pertenencia, una extrañeza que demarcan, ya en los padres, una memoria extraviada, signada por la irreductibilidad de la distancia lingüística, espacial, cultural. Es decir, en estos casos, si se busca como en todo trabajo de la memoria los rastros de algo perdido, parece tratarse de algo doblemente perdido: porque es de otro y porque ese otro ya se siente él mismo huérfano de su pasado. (VIDAL, 2012, p. 44).

Conforme o artigo de Vidal, compreende-se que a memória do avô personagem da narrativa “Viagens(i)” foi escrita por sua neta que arriscou reconstruir a memória do avô a partir de suas próprias lembranças e recordações, que talvez existissem apenas em seu imaginário, uma vez que ela e o avô tiveram um “contato silencioso”. Essa fantasia, ou criação, estaria presente para cobrir a lacuna daquilo que não se conheceu ou não se recordou, mas que em determinado momento lhe foi informado, possivelmente por meio de fotografias ou livros. A narradora contou as memórias do seu avô a partir do que ela imaginou ter acontecido:

Meu avô nasceu em 1904, em Barcelona, Catalunha, Espanha. Um século depois, aqui estou eu, tentando imaginar sua partida do porto dessa cidade, aos dez anos, alguns meses antes do início da Primeira Guerra Mundial, e seu retorno mais de sessenta anos depois para uma Barcelona que lhe pareceu deslumbrante, mas que já não lhe pertencia.
Tentando refazer sua viagem com a mãe, o pai e um irmão, sobrevivente por muito pouco de uma viagem cuja precariedade nunca chegará a se revelar inteiramente para mim. Nessa precariedade, abrigava-se um sonho, guiado quem sabe pelos garranchos de uma carta ou pela imagem de uma cidade desconhecida (VIDAL, 2008, p.19).

De acordo com suas memórias, ela narrou o retorno de seu avô à Espanha, passeio que ele planejou fazer com sua esposa. Porém, a viagem não ocorreu do jeito que ele imaginou, pois Mercedes faleceu no outono de 1968. Portanto, ele não pôde apresentar Barcelona, sua cidade natal, para sua amada, mas com muita tristeza jogou suas cinzas no oceano.

Segundo a narradora, seu avô passou uma boa parte do tempo confinado no quarto do hotel, tentando recordar algumas lembranças de seu passado, mas não conseguia, pois esse tempo não existia mais para ele, era um passado que não fazia parte do seu presente e já se encontrava modificado culturalmente e espacialmente. A narradora ressalta: “Um homem que atravessara o oceano Atlântico até uma terra de promessas e fizera o caminho de volta apenas

uma vez para dizer adeus ao que mal conhecia” (VIDAL, 2012, p.18). Ele não reconhecia mais aquele lugar como seu. Desse modo, nota-se a convergência de ideias em que se entrelaçam memória e territorialidade.

A família do avô da protagonista migrou para Buenos Aires para escapar das consequências da primeira guerra mundial. Eles enfrentavam a precariedade de uma travessia no oceano Atlântico em busca de uma sobrevivência mais digna. Guiados por um sonho de conseguir uma vida melhor em um país totalmente desconhecido, eles venceram a precariedade da embarcação e a morte.

Paloma Vidal, nesta narrativa, mostra também que a diferença linguística está presente entre o catalão e o espanhol, uma vez que a família veio de Barcelona para Buenos Aires e o avô, mesmo morando na Argentina há muitos anos, continuava com um leve sotaque estrangeiro – o que não atrapalhou a sua comunicação (VIDAL, 2008, p. 17).

Em ‘*Viagens*’(ii), a protagonista era uma sobrevivente. Veio para o Brasil juntamente com seus pais, quando era uma criança, e assim viveu todas as consequências de uma menina imigrante, tal como saudades dos parentes e amigos que deixaram para trás, marcas do medo que trouxe consigo nos pesadelos relatados na história. Além disso, teve que aprender uma nova língua, pois não dominava o idioma da nova terra.

A narradora confessou que não sabe se lembrava ou se imaginava alguns episódios que contam nessa história, porém recorda que, ao chegarem a solo brasileiro, imediatamente surgiu uma pergunta: “A chegada a um aeroporto desconhecido e a pergunta desconcertante, seguida de silêncio: *qué lengua hablan?*” (VIDAL, 2008, p. 28). A língua é a primeira barreira encontrada em um processo de desterritorialização. Sendo assim, percebe-se que o idioma é um dos grandes problemas para o imigrante, pois é através da língua que eles obtêm informações sobre o novo território.

Segundo Vidal, em seu livro *A histórias em seus restos literatura e exílio no cone sul* (2004) e de acordo com Julia Kristeva³³, o problema do estrangeiro é a condição determinada de não pertencimento a uma nação. Ele é sempre o diferente, o outro na sociedade.

³³ KRISTEVA, Julia. Linguista e crítica literária de expressão francesa, nascida em 1941, em Sófia, na Bulgária. Estudou a literatura a partir de elementos da linguística e da psicanálise em obras como *Le Texte du roman* (1970) e *Polylogue* (1977). Professora na Universidade de Paris VII, é secretária-geral da Associação Internacional de Semiótica e colabora nas publicações *Semiotica* e *Tel Quel*. É autora dos trabalhos *Séméiotiké* (1969), *Révolution du langage poétique* (1974), *La Traversée des signes* (1975) e *Les Chinoises* (1975), com os quais contribuiu para a chamada "teoria do texto". Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$julia-kristeva](https://www.infopedia.pt/$julia-kristeva). Acesso em: 05 de outubro de 2016.

O estrangeiro é o indivíduo externo ao grupo social estruturado em torno de um poder político que estabelece limites – direitos e deveres – para sua participação: o estrangeiro não é um cidadão da nação, ele não tem poder de decisão política, ele não vota. A lei procura inserir o estrangeiro na sociedade, melhorar suas condições de vida, mas ao mesmo tempo e paradoxalmente, em cada um de seus atos reforça a condição do estrangeiro como o outro da comunidade (VIDAL, 2004, p. 64).

Em *Mais ao Sul* de Paloma, a existência dos efeitos da imigração nas narrativas transbordam de exemplificações sobre deslocamento, estrangeiridade e comportamentos diferenciados de acordo com a cultura de cada um.

Na segunda parte da narrativa “Viagem”, Vidal novamente abordou o deslocamento, porém desta vez a partida aconteceu com a narradora ainda pequena juntamente com seus pais que saem da Argentina em direção ao Brasil para escapar da ditadura.

A protagonista de “Viagens” (ii) encontra-se adulta quando começa a refletir como teria sido a sua vida caso a sua família não tivesse partido da Argentina? Como seus pais planejaram a viagem? Como escolheram o novo lugar? Se hoje ela necessita de partir, como faria? O que levaria? Com o intuito de aclarar essas inquietações, a protagonista iniciou sua narrativa contando o pouco que recordou dessa época. Ela contou que se lembrava de quando, ainda pequena, seu pai viera para o Brasil, deixando-a com sua mãe na Argentina. Pouco tempo depois, eram elas que chegavam a esse país.

A personagem dessa narrativa, também como a neta, narradora da primeira história, imaginou, inventou e preencheu as várias lacunas das memórias que se encontram vazias, como quando assinala: “Imagino tudo isso. Invento imagens para lembranças inexistentes. Meus pais nunca me contaram detalhes e nunca perguntei” (VIDAL, 2008, p.29). Segundo Halbwachs, vários acontecimentos de nossa memória são imaginados e, a partir deles, complementa que a lembrança é memorizada de acordo com cada indivíduo. A imagem que conservamos em nosso espírito, algumas lembranças reais que se juntaram a uma compacta massa de lembranças fictícias (HALBAWACHS, 2003, p.32).

A personagem e narradora da segunda parte de “Viagens” aclarou que as memórias produzidas pelo deslocamento territorial pela qual ela e seus pais enfrentaram possivelmente foram criadas por ela, já que seus pais nunca conversaram sobre esse assunto. Sendo assim, leremos que

Meus pais nunca me contaram detalhes e nunca perguntei, mas é muito provável que eles não se lembrem, que os atos cotidianos daqueles dias tenham entrado numa nebulosa da memória que obedece a um instinto de preservação.

Deixo-me levar pelas imagens, não para reconstruir o que é irreconstruível, mas para tornar visíveis as marcas que essa viagem pode ter deixado em mim e neles. Para entender essa viagem como se entende uma língua estrangeira, nunca absolutamente, sempre com vazios de sentido, expressões que se perdem, fonemas que se confundem (VIDAL, 2008, p.29).

Percebe-se no fragmento da narrativa que o assunto sobre a viagem não era discutido no cotidiano familiar, por isso a jovem pouco sabia e recordava desse período, os pais não falavam desse episódio e nem ela perguntava nada sobre aquele contexto. O pai da menina passou pelo Rio de Janeiro pela primeira vez em 1966, quando estava indo em um cargueiro para Roterdã e se apaixonou pela Baía de Guanabara, prometendo que voltaria àquele lugar. Nesse período a Argentina passou por situação semelhante à do Brasil em relação à existência de um governo militar ditatorial.

A narradora tentou se adaptar a seu novo ambiente, aceitando e compreendendo a mudança, bem como fez com a língua. Com muitas aulas particulares, ela arriscou falar algumas palavras, mesmo tendo consciência de que, de vez em quando, os fonemas ainda se confundem. Ela tem lições todos os dias com a professora, argentina, Felisa, para aprender a língua portuguesa. E a partir do seu aprendizado, ela passa a ensinar as novas palavras para sua mãe, expressões estas que muitas vezes se confundem ou até mesmo não tem sentido para elas. “[...] onde há uma cama que logo aprenderei a chamar de “beliche”. [...] chego em casa com palavras novas que ensino à minha mãe (VIDAL, 2008, p. 29).

Pode-se entender essas memórias como marcas de sofrimentos, medos que ficaram guardados, pois, quando era criança, a narradora não compreendia o que estava acontecendo naquele momento na Argentina. Mas a protagonista já trazia os traumas que acompanharam a vida de um exilado, ainda que (in)voluntariamente. Ela conta que, mesmo já estando no Brasil, suas noites eram angustiantes, longas e obscuras no apartamento de Copacabana, porque ela acordava no meio da noite com medo e ia buscar acolhimento e conforto na porta do dormitório de seus pais. Porém, a mãe a levava de volta para seu quarto e, na maioria das vezes, as duas adormeciam juntas.

A moça da narrativa, “Viagem” (ii), como o avô, personagem da primeira história, custou a acreditar que eles viveram uma vida em outro lugar. A protagonista disse: “Não consigo acreditar que houve uma vida antes da nossa vinda. A escassez de lembranças faz aquele tempo uma fantasia” (VIDAL, 2008, p. 31). E na narrativa “viagem” (i), a neta e narradora da história contam que para seu avô também era difícil relembrar dessa vida anterior à Argentina, “[...] como se aquela vida tivesse sido vivida por outro, de quem tinha

notícias só de vez em quando” (VIDAL, 2008, p. 24). Assim, constata-se que os personagens dessas narrativas sofreram uma desterritorialização, pois eles passaram a se identificar mais com o novo território, e já quase não se recordavam da vida que tiveram antes dali. Mesmo assim, não abandonam completamente o seu país de origem, uma vez que o território é visto como “um construtor de identidade, talvez o mais eficaz de todos”. (BONNEMAISON E CAMBRÈZY, 1996, p.24).

Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, impregnamos-nos dele. Além disto, os vivos não são os únicos a ocupar o território, a presença dos mortos marca-o mais do que nunca com o signo do sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a violência trágica de muitas lutas e conflitos que afetam o mundo de hoje: perder seu território é desaparecer (BONNEMAISON E CAMBRÈZY, 1996, p. 13-14 apud HAESBAERT, 2007, p. 73).

Na terceira e última parte da narrativa “Viagem”, Vidal novamente trouxe o deslocamento como tema principal, porém desta vez a causa é diferente das duas primeiras histórias em que o deslocamento foi apresentado como estratégia de sobrevivência. Para os personagens que precisaram abandonar o seu país por causa da guerra ou da ditadura, mas não importava o motivo, o que interessava realmente era permanecer vivo e defender seus familiares. Nessa última parte “Viagens” (iii), o deslocamento teve outros motivos além da sobrevivência: os estudos, um relacionamento amoroso ou o trabalho. No entanto, como todas as outras mudanças, essa também acarretou angústias e traumas por perda de pessoas do seu convívio familiar ou de um ente amado em um atentado terrorista, como acontece nessa narrativa.

A protagonista e narradora dessa história também era uma imigrante argentina, que viveu no Rio de Janeiro, cidade que ela adotou como sua. Ela confessou que, quando necessitava falar sobre sua origem, ela se identificava como “uma falsa argentina”, pois seu país natal já se encontrava tão distante de suas memórias que já nem se reconhecia como uma argentina. Como podemos ler no trecho abaixo:

Paro depois de escrever “verdadeira origem”. O encontro com ele estilhaçou essa ideia. Até aquele momento, eu me equilibrava precariamente entre duas identidades, mas existia equilíbrio: Buenos Aires era uma imagem ao fundo e o Rio de Janeiro era o primeiro plano, onde se desenrolava minha vida. Quando me perguntavam sobre minha nacionalidade dizia que era uma falsa argentina (VIDAL, 2008, p. 45/46).

Sendo assim, para compreendermos um pouco mais sobre a destruição de territórios, tomemos o compreendido por HAESBAERT (2004, p.127): “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (GUATTARI E ROLNIK, 1986, p. 323 apud HAESBAERT, 2004, p.127). A concepção deleuziana sobre desterritorialização na qual a personagem da narrativa “Viagens” (iii) se relaciona é a ideia de desterritorialização relativa, que está vinculada, segundo os autores, ao aspecto social. Sendo assim, o filósofo explica que a espécie humana desfaz seus territórios originais, por exemplo, com a divisão social do trabalho, estratificações materiais e mentais. Ela está mergulhada em um imenso movimento de desterritorialização.

Em “Viagem” (iii), a narradora apresentou alguns aspectos de desterritorialização. Nessa narrativa, o idioma foi o fator determinante, pois desde que veio para o Brasil, nunca mais utilizou o espanhol como sua língua de origem. Quando escutava alguém falando seu idioma “Si um día te volvés a la Argentina”, ela imediatamente percebia que “a língua perfura a paisagem. Contraio os músculos do rosto e sinto se definir imediatamente aquela ruga familiar entre os olhos. Com a ponta dos dedos, aliso-a num exercício inútil de apagamento” (VIDAL, 2008, p, 39). E tudo que tentou apagar de sua memória há tantos anos veio à tona rapidamente. Aquela conversa foi motivadora para que a narradora expusesse seus sentimentos para tentar resgatar lembranças de seu retorno à Argentina.

Ao chegar em casa, sento-me diante do computador e escrevo: partindo mais uma vez. Procuo me lembrar da primeira vez que voltamos à Argentina e me dou conta de que não guardei recordação alguma desse retorno. É possível que tenha se apagado por completo de minha memória? (VIDAL, 2008, p.39).

Pode-se compreender que a protagonista tentou esquecer-se de seus traumas a partir do apagamento de sua língua materna. Por essa razão, quando ela escutou novamente seu idioma, contraiu-se toda, pois os traumas que sofreu retornaram a sua mente e toda angústia, sofrimento e dor pela morte de seu amado revigorou neste momento, uma vez que ele também era argentino.

É elucidativo o resgate da formação identitária da personagem através de sua memória, isto é, recordações armazenadas em seu subconsciente. Nota-se a partir da passagem “A memória, uma engrenagem falha, engole os dias, as palavras, as imagens. Mas desse mesmo oco, de sua profundidade, emergem cenas de uma outra viagem” (VIDAL, 2008, p. 39). Assim a protagonista aclara que para sair do estado catatônico em que se

encontra por causa de acontecimentos que ocorreram meses antes, ela pode inventar parte dessas lembranças.

A personagem começou narrando sua primeira ida a Londres, que ocorreu quando ela tinha 18 anos e compartilhou essa experiência com uma amiga. Esses momentos magníficos ficaram registrados em diversas fotografias. E assim, ela buscava recordar a primeira vez que retornou à Argentina depois que saiu de lá. Contou que, “[...] partindo mais uma vez. Procuo me lembrar da primeira vez que voltamos à Argentina e me dou conta de que não guardei recordação desse retorno” (VIDAL, 2008, p. 39). Eis mais um fragmento da narrativa “Viagem” (iii), em que a narradora contou sobre o esquecimento e sobre o relembrar dos pássaros que sempre os levam de volta ao seu território:

Não me lembro daquele instante. A memória, uma engrenagem falha, engole os dias, as palavras, as imagens. Mas desse mesmo oco, de sua profundamente, emergem cenas de uma outra viagem.

Leio que a migração dos pássaros continua sendo um mistério. Algumas teorias sustentam que as impressões que carregam de seu local de nascimento resultam numa persistente urgência de voltar para lá na primavera. Uma das coisas enigmáticas e admiráveis sobre essas longas viagens é que alguns deles se separam dos pais e sem qualquer guia podem se orientar na direção certa, sobrevoando vastas extensões de água. São os inúmeros perigos enfrentados nessas jornadas e os que conseguem chegar a seu destino trazem as cicatrizes dessas adversidades. [...]. Partindo mais uma vez (VIDAL, 2008, p. 39).

Toda travessia carrega seus perigos, suas angústias e todos que passam por uma imigração sofrem, não importa os motivos que os levaram a abdicar de seu país. O que interessa realmente é vencer as dificuldades, adaptando-se ao ambiente e convivendo com tudo que há nele, principalmente a língua.

A protagonista dessa história enfrentou as dificuldades que o imigrante encontra e adaptou-se ao seu novo ambiente. A narradora, que é argentina, conheceu um argentino durante um passeio em um museu brasileiro. O fator surpreendente é que o rapaz não percebeu que ela era argentina, devido a sua desenvoltura para com o idioma português. A protagonista comentou a observação feita por ela diante do episódio pelo qual ela conseguiu enganar o argentino, que nem percebeu suas dificuldades com a gramática: “[...] sem desconfiar que meus eventuais deslizos gramaticais e o acento um pouco deslocado – portenho, mas desatualizado – [...]” (VIDAL, 2008, p.46).

Nesse trecho, nota-se que a protagonista se acostumou ao novo território com a língua portuguesa, conseguindo se passar por uma brasileira para seu novo conhecido. O rapaz não percebeu que o idioma que ela adotou como se fosse realmente seu não era a sua língua natal.

3.2 IMIGRAÇÃO E MEMÓRIA NA NARRATIVA DE VIDAL

Na narrativa “Así es la vida”, a protagonista se deu de presente de aniversário uma viagem do Rio de Janeiro, cidade onde mora, para Buenos Aires, lugar em que pretendia reencontrar sua meia prima Inés e poderia, assim, reconstruir uma amizade que foi interrompida na infância. Ao desembarcar em solo argentino, a narradora preparou diversos planos para o encontro e os anotaram em seu caderninho de capa azul, pois ela não acreditava em sua memória.

Ela deixou seus pertences no hotel e saiu em busca de saciar o desejo de rever sua prima, de poder conversar tudo que elas não puderam compartilhar durante esse tempo. Porém, ao chegar ao arredor do lugar em que seu avô morava, ela não reconheceu o ambiente. Ela se sentiu uma intrusa naquele bairro, porque não reconheceu aquele lugar, não se lembrou de um dia já ter passado por aquelas ruas vazias. E imediatamente veio a angústia de também não ser reconhecida por Inês. Então, quando chegou à frente da casa de seu avô, não teve coragem de se aproximar no primeiro instante, a insegurança toma conta de si.

Toda aquela cena, até pouco tempo, só existia em sua lembrança. E, de repente, estava ali bem a sua frente. Faltaram-lhe forças para enfrentá-la e surgiram as primeiras inquietações. Então, ela começou a refletir o que veio buscar com essa viagem ao passado, além de enfrentar os problemas com a língua, que falou e compreendeu com tanta dificuldade. Assim, a viagem tão bem planejada e sonhada se transformou numa sucessão de desilusões e medo: “O que esperava? Não sabe muito bem. Uma súbita identificação com um espaço um dia muito familiar. Ao invés disso, encontra um bairro que não a acolhe, que nem sequer nota sua presença”(VIDAL, 2008, p.56).

Decepcionada, pensou em desistir do encontro quando percebeu que tinha um anúncio no portão da casa: “estilista”. Imediatamente, criou coragem, apertou a campainha e

perguntou ao homem que abriu a porta: “La estilista está?”. Em seguida, entrou por uma passagem e ficou feliz porque sua memória não a traiu. O corredor realmente existiu, apesar de ele ser muito maior em suas lembranças.

Vidal, nessa narrativa, fez referência à máquina de costura, item esse que tem movimento contínuo representando hipoteticamente a continuação de “la vida” através da longitude de sua costura. O anúncio estilista na casa da Inés fez com que nossa personagem principal imaginasse que a profissão de sua prima fosse na área da costura. “Imagina agora que Inés transformou um dos cômodos da casa do seu avô em sala de costura. Contratou funcionárias, cada uma com sua respectiva máquina Singer, [...]. Hoje ela só faz os desenhos e acompanha sua execução” (VIDAL, 2008, p. 57). Porém, quando entrou no cômodo em que sua prima trabalhava, ela se surpreendeu com o que viu, pois não era nada do que tinha imaginado. Para sua surpresa, o lugar estava repleto de frascos de xampus, condicionadores e tintura de cabelo.

Vidal apresenta aos leitores a problemática linguística a partir da incompreensão do significado da palavra “estilista”, já que a protagonista imaginou que o labor de Inés era na área de costura, ou seja, modista, quando leu a placa em sua residência.

A narradora ficou feliz por encontrar sua prima, mas não contou quem era e por que realmente estava ali: “Inés sorri com formalidade, sem reconhecê-la e olha para ela fixamente, à espera que diga a que veio e a narradora assustada por não encontrar um quarto de costura e sim um lugar cheio de produtos capilares, ela diz sem pensar: ‘Quiero pintar mi pelo de rubio’, e Inês rompendo o silêncio responde ‘Bueno’” (VIDAL, 2008, p. 60). E, assim, o tão esperado encontro da personagem com sua prima aconteceu em um diálogo quase monossilábico.

Na narrativa “Pássaros”, Vidal proporciona pequenos textos que abordam assuntos do cotidiano e expõe a liberdade dos pássaros como assunto comum.

Vidal, em suas entrevistas (em anexo), sempre que tem oportunidade, comenta sobre sua admiração pelos pássaros e explica: “Paloma significa pomba em espanhol” (Ramon Mello-Blog Click (IN) Versos–2008). No livro *Mais ao Sul*, esse entusiasmo com as aves migratórias é revelado logo no início, a partir da capa que transmite a sensação de liberdade através da abundância de pássaros voando na imensidão azul do céu, sem nenhum tipo de fronteira, pois para os pássaros não há barreiras quando podem voar.

A primeira história de “Pássaros” começa assim: “*Semi-deitada* no sofá, sou uma dessas madonas do século XVI³⁴, embora tenha um toque de atualidade: descabelada e com uma camiseta furada onde o tecido cedeu ao tempo” (VIDAL, 2008, p.121). Compreende-se que, a partir dessa comparação de madona, a autora produz um deslocamento na narrativa com a formação do cânone.

Vidal é filha do feminismo, explica Beatriz Resende no artigo “Paloma Vidal e o trânsito de Culturas”, no livro *Contemporâneos* (2008). Resende afirma que Vidal, jovem e no século XXI, “pode, sem traumas ou conflitos, apossar-se de uma escrita que evidencie a voz feminina ou transite livremente do ponto de vista da mulher para o de um personagem masculino, indo e vindo no exercício da função autoral” (RESENDE, 2008, p. 109).

A voz feminina na literatura faz uma ruptura com a concepção literária tradicional, pois fala sem as mediações clássicas que formaram o discurso literário. Segundo Resende, “não podemos esquecer que o cânone literário é branco e masculino” (RESENDE, 2008, p.109).

A narradora conduziu, nessa narrativa, uma sensação paradoxal de prisão e liberdade através da exemplificação dos animais.

Observo, mais uma vez, os pássaros pela janela. Acho que são gaivotas, mas preciso investigar. Suas asas batem suavemente, num movimento que admiro. Vejo-as sobre o fundo de um céu indeciso e sob o quadriculado que protege minha janela do vôo de gatos. Só agora me dou conta de que, se quisesse, não poderia pular. Também como ela, minha gata, sou uma prisioneira. Não me queixo: tenho minha quota de liberdade numa ou noutra página em branco (VIDAL, 2008, p.121).

O escritor, como os pássaros, conseguiu voar através da escrita. Não existe prisão para um formador de palavras.

Karl Erik Schollhammer menciona, no prefácio do livro *A história em seus restos literatura e exílio no cone sul* de Paloma Vidal, a acuidade do exílio para a produção de escritores latino-americanos. Expõe que alguns autores e críticos extraíram do cárcere um espaço literário de criação sem cair no nacionalismo e nem no ressentimento dos derrotados: “[...] o exílio foi uma possibilidade de escrever e reelaborar na escrita a experiência traumática da perseguição, da tortura e do encarceramento” (VIDAL, 2004, p.14).

³⁴ MADONA DO SÉCULO XVI - A palavra MADONA vem da língua italiana e se refere a Nossa Senhora, ou Virgem Maria com o Menino, em toda sua serenidade e beleza. Para maior conhecimento sobre esse assunto, sugiro a leitura do texto “A iconografia de Madona na História da Arte”, de Regina Motta. Disponível em: <http://cleaecia.com.br/de-arte-e-de-artistas/a-iconografia-da-madona-na-historia-da-arte/#.WMIhA6LavIU>. Acesso em: 08 de março de 2017.

O segundo texto da narrativa “Pássaros” aborda a sabedoria dos pássaros e também a fragilidade do corpo que é transmitida por algum sintoma que mostra que algo não está bem.

Meu corpo é vítima de agitações que não compreendo. Uma náusea que não se resolve me alerta para o possível. Nada é como se espera, penso. Mas não esperar seria como um milagre do tempo imobilizado e seria também a morte. Os animais não pensam nisso, mas sentem quando ela se aproxima. Se puderem, fogem. Nós ficamos à beira do mar, observando extasiados a sabedoria dos pássaros sem compreendê-la, até que a onda cobre nossa espera (VIDAL, 2008, p.122).

O corpo imediatamente percebeu que algo estava errado e transmitiu um sinal a partir da dor. A vida é como o corpo, é preciso compreender suas agitações e tentar resolvê-las com sabedoria para evitar sofrimento. Na terceira parte do texto “Pássaros”, há o seguinte trecho:

Um amigo veio me falar mal das gaivotas. São os animais mais sem graça que já vi, sentenciou. Alguém lhe propôs que escrevesse um poema sobre elas e ele não sabia por onde começar. Falar de pássaros? Se fossem girafas ou rinocerontes, mas gaivotas? Qualquer animal pode se tornar um lugar-comum, disse a ele, sem esconder minha irritação (VIDAL, 2008, p.122).

A narradora, como a própria autora, nesse trecho, não escondeu o carinho que tinha pelos pássaros e ficou revoltada quando o amigo disse que eles são animais sem graça. Ela admirava os pássaros, considerava-os animais inteligentes por possuírem um instinto fabuloso diante das intempéries da vida. Na narrativa “Viagens” (ii), a protagonista proporcionou informações sobre a esperteza dos pássaros, quando afirmou:

Leio que há um forte componente genético no tempo e na rota da migração dos pássaros, mas isso é muitas vezes modificado por influência do ambiente. Assim, um pássaro pode mudar de rota por causa de uma barreira geográfica, como uma grande cadeia de montanhas, fazendo um desvio que aumentará em até 20% o tamanho de sua viagem, ainda assim vantajosa. No entanto, pode ocorrer também que alguns pássaros sigam rotas que refletem mudanças históricas herdadas e que hoje estão longe de ser as mais adequadas (VIDAL, 2008, p.41)

Na quarta parte da narrativa “Pássaros”, a protagonista demonstrou que por algum motivo ela não conseguia criar vínculo com assuntos ou coisas que, por algum momento, proporcionou-lhe interesse. Confessou que comprou o objeto, porém perdeu o empenho com facilidade e acabou desfazendo do produto, afirmando:

Preciso confessar que a natureza me é quase totalmente alheia. Comprei um livro chamado *Árvores brasileiras*, cheia de expectativas, e acabei trocando. Também não entendo quase nada de pássaros. Sei que voam e que cantam. Tentei ser uma *Bird watcher*, mas desisti. Só não me desfaço do meu *Ornitologia brasileira* porque as ilustrações me fascinam (VIDAL, 2008, p. 122).

Nesse texto, a protagonista deixou escapar que não conhecia a fauna e a flora brasileiras. Portanto, subentendia-se que ela era estrangeira, pois tinha interesse em aprender sobre o assunto, mas algo a fez perder as expectativas. Será que era o idioma? Já que ela usou o inglês para “Bird watcher” para ornitólogo e disse que somente não se desfez do livro *Ornitologia brasileira* porque as imagens a fascinavam. Aqui, é notável o idioma como um dos conflitos que o imigrante enfrenta.

No quinto texto da narrativa “Pássaros”, Vidal trabalhou com o sentimento que corrói o (i)migrante: “Tenho sentido muita saudade de tudo e sei o que é isso: vontade de voar” (VIDAL, 2008, p.123). A ‘saudade de tudo’ e ‘vontade de voar’ remete os pensamentos à terra natal. Saudade de tudo e de todos que deixaram para trás e, ao mesmo tempo, o desejo de voar como uma ave, sabendo que não existe distância nem empecilho para quem sabe voar. As aves simplesmente voam quando chega o tempo de migrarem.

Na sexta parte da narrativa “Pássaros”, a protagonista personificou as aves e contou que “Uma amiga se lembrou de mim quando leu num livro que a honestidade dos pássaros lhes prescreve firmeza de rumo. Durante o vôo, ela leu, jamais reparam nas fronteiras que vão atravessando” (VIDAL, 2008, p.123).

A personificação é representada pelas características humanas em animais. Honestidade é um atributo dos seres humanos que, neste texto, foi empregada para falar da segurança que os pássaros têm no momento de decidir a direção a ser seguida.

O sétimo texto apresentou um tema muito comum na vida da mulher: a gravidez que transforma o corpo e também fornece sensação de insegurança, medo de não conseguir vencer o novo desafio e as novas responsabilidades.

A antepenúltima narrativa de “Pássaros” abordou a epidemia que ocorreu no ano de 1997, a gripe aviária³⁵. A protagonista narrou a preocupação com aquela doença que submergia à sociedade: “A gripe do frango me apavora e o Pedro não consegue evitar o assunto” (VIDAL, 2008, p.124).

No penúltimo texto da narrativa “Pássaros”, a narradora personagem utilizou-se da figura de linguagem conhecida como paradoxo, palavras com ideias contrárias ao que se pensava para elucidar sua agitação na busca de encontrar a essência para se descobrir e se

³⁵ GRIPE AVIÁRIA - A gripe aviária, também conhecida como gripe do frango, é um tipo de gripe transmitida por aves. Apesar de ser chamada de gripe, ela está longe de ser como o tipo comum que estamos acostumados a lidar – caso em que tomamos um remédio e os sintomas logo desaparecem. A gripe aviária pode causar problemas graves de saúde, podendo levar até mesmo à morte. Para maiores informações, sugiro a leitura do artigo “*A gripe do Frango*”. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/drauzio/a-gripe-dos-frangos/>. Acesso em: 11 de março de 2017.

sentir completa. Apesar de *Mais ao Sul* expor a conversa entre personagens e ambiente vívidos, a narrativa foi fortemente conduzida sob o olhar que procura redescobrir passados e histórias das ascendências familiares, enfatizando a cidade tal como um enunciado de memória e simbologias, tal como se percebe neste fragmento: “Uma escritora, não uma pensadora. Escritores e pensadores: água e vinho, não: peixe e pássaro. Mas qual é ela, o peixe ou o pássaro? Qual é o seu elemento: água ou ar?” (VIDAL, 2008, p.124).

Para finalizar a análise, na décima e última parte do texto “Pássaros”, a protagonista descreveu uma cena em que, ao fechar os olhos, foi transportada para ambientes que transmitem liberdade, bem como praças e parques públicos, que possuem muitos pombos e várias crianças correndo atrás das aves apenas para vê-las voar. Os pequenos não têm noção da razão pela qual a sociedade chama os pombos de ratos, nem das doenças que podem transmitir ao bater as asas para voarem. Voos esses que a criançada acha magníficos e fica em êxtase admirando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, estamos em uma parada, ainda que provisória. Minhas lembranças e recordações se misturam com as narrativas de Paloma Vidal que, no fundo, não são apenas dela. Elas são constituídas também da minha leitura a partir das interpretações que a autora nos fornece em sua vasta produção escrita.

Trata-se de uma produção literária produzida a partir do olhar de quem experienciou os efeitos que circundam o deslocamento migratório e, nesse sentido, constituída de uma sensibilidade subjetiva capaz de estabelecer um vínculo mais admissível com a realidade dos fatos. Em que território se encontra? É possível um território? É possível um não território? Ou melhor: é possível desterritorializar, multiterritorializar?

Essas são questões que foram desenvolvidas ao longo deste trabalho. Vidal problematiza em *Mais ao Sul* a condição do imigrante, a hibridação cultural, o sentimento de não pertencimento, o processo de desterritorialização do sujeito em sua formação identitária e os aspectos da memória do sujeito imigrante.

Esta pesquisa foi estruturada no solo de teorias críticas para retomar um pouco a história do imigrante com foco em três eixos: a imigração, a linguagem e a memória. Com Paloma Vidal, compreendemos modos plurais de se perceber em territórios que não são fixos, mas são cambiantes. Daí, a multiterritorialidade como uma bela e complexa teia que envolve muitos fios.

Alguns desses fios ficaram bem evidentes, tais como vivências linguísticas, sociais e culturais – três grandes eixos que sustentam uma narrativa que não se fixa, mas que se constrói em tempo, memória e espaço, sem se desvincular da marcha temporal.

Para tanto, utilizamos como *corpus* teórico no tocante às questões relacionadas ao processo migratório que as personagens das narrativas de *Mais ao Sul* atravessam.

A desterritorialização que perpassa as obras em estudo foi analisada mediante o conceito de território e variantes da própria Paloma Vidal, do estudioso Rogério Haesbaert, entre outros.

Desse modo, ressaltamos que, nas narrativas de Vidal, o imigrante é um sujeito desterritorializado e se sente não pertencente ao local em que se encontra. Os sentimentos desse sujeito são marcados por solidão e deslocamento em uma sociedade delineada por identidades culturais, permeadas tanto por seu lugar de origem quanto por seus lugares de passagem.

Nesse complexo processo, observamos que emergiu uma cultura híbrida resultante de uma mescla de “ser” e “tornar-se” nas vivências dos entre-lugares em que há misturas de línguas, memórias, costumes e todos os modos de manifestações culturais.

Notamos também que as consequências dos deslocamentos vividos conduziram os imigrantes a uma feição identitária estabelecida através do processo – consciente ou não – de desterritorialização e reterritorialização dos espaços físico e imaginário.

Nesse sentido, podemos considerar a narrativa de Paloma Vidal como referência para a análise dos fenômenos que incorporam identidades de herdeiros do processo de imigração. Percebemos a imersão dos sujeitos multiterritorializados em múltiplos aspectos proporcionados a partir do movimento migratório que ultrapassa as fronteiras culturais, marcados por trocas, tensões, desvios, significações e ressignificações. Além disso, constituem-se produtores de um ambiente rico por sua condição híbrida e, ao mesmo tempo, fragmentada. Essa dispersão sempre existiu, seja por catástrofe natural, política ou social.

Em suma, as reflexões iniciadas aqui nos permitem reconhecer a importância de análises sobre as literaturas migrantes e considerar a inegável necessidade de compreensão de um dos fenômenos mais importante da contemporaneidade: a interdependência cultural. Debater sobre isso é abrir uma janela – entre tantas outras – que possibilite à sociedade um melhor esclarecimento sobre a caótica situação à qual estão imersos os indivíduos que se encontram em processo migratório.

REFERÊNCIAS

AMATI-MEHLER, Jacqueline et al. **A Babel do inconsciente**: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica. Tradução. Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2005.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARRIZO, Silvina L.; NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Orgs). **Relações Literárias Interamericanas**: território e cultura. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

EDWARDS, John. **Foundations of Bilingualism**. In: Bhatia, Tej K; Ritchie, William C. *The Handbook of Bilingualis*. Maiden, MA.: Blackwell, 2006, p. 7-31.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética: literatura e pintura, música e cinema (Vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264 -298.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a leitura de segunda mão. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de letras/UFMG, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização à multiterritorialização**. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América latina - 20 a 26 de março de 2005* - Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf. Acesso em: 12 de junho, 2016.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. In: _____. A Memória Coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. p. 29-70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro –3ª ed.–Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias**: sobre o esquecimento das línguas. Tradução: Fabio Akcelrud Durão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: De Rousseau à Internet. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a.

NETO, Godofredo de Oliveira; CHIARELLI, Stefania. (Org.). **Falando com estranhos**: o estrangeiro e a literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. **Literaturas Migrantes**. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Conceitos de Literatura e Cultura. Juiz de Fora: Editora UFJF / Niterói: EdUFF, 2005, p. 225- 260.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da Literatura Brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008, p.107 a 112.

REVISTA PARALELOS (v. 1). **17 contos da nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

RUFFATO, Luiz. (Org.). **25**: mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

STEINER, George. **Extraterritorial** (A literatura e a revolução da linguagem). São Paulo, Companhia das Letras / Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

VÁRIOS AUTORES. **A visita**: antologia temática de prosa brasileira. São Paulo: Editora Barracuda, 2005.

VIDAL, Paloma, Elisa Pessoa. **Dupla Exposição**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2016.

VIDAL, Paloma. **A história em seus restos**: literatura e exílio no cone sul. São Paulo: Annablume, 2004.

VIDAL, Paloma. **Escrever de Fora**: viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea. São Paulo: Lumme Editora, 2011.

VIDAL, Paloma. **Mais ao Sul**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora; Ed. UFJF, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Babel ou o inacabamento**: reflexão sobre o mito de Babel. Título original: Babel ou L'Inachèvement. Tradução: Gemeniano Cascais Franco. Lisboa, 1998.

ANEXOS

Anexo I

Cabeças inclinadas - Sebastião Uchoa Leite

Das cavernas do passado
vem de volta o grito
WOLLT IHR DEN TOTALEN KRIEG?
do líder da propaganda
do Terceiro Império
Hoje o Senhor global
diz: "Este é um país que reza"
São três os contritos de joelhos:
o da Defesa
o do Estado
e Ele no meio
Dois só com as cabeças inclinadas
Ele com as mãos cruzadas em frente
Todos querendo a guerra total
Contritamente
SEM PRESSA PARA AVANÇAR
4 mil mártires a postos!
Asseguram a passagem
Bombas de fragmentação explodem no ar em Bagdá
"Só o uso decisivo da força
poderá encurtar a guerra"
Diz Ele
Guerra é teste para a Doutrina
A cidade fundada no século 8
tinha um milhão de habitantes em 1200
Era a MAIOR do mundo
Um iraquiano senta sobre os escombros
Razzaq Kazen Al-Kafaj sofre entre os caixões
às margens do Eufrates
onde ficava a antiga Babilônia

Sebastião Uchoa Leite é poeta, tradutor e ensaísta, autor de "A Regra Secreta" (ed. Landy), "A Espreita" (ed. Perspectiva) e "A Uma Incógnita" (ed. Iluminuras), entre outros.
Paulo Pasta é artista plástico. Parte de sua obra está catalogada no livro "Paulo Pasta" (Edusp).

Anexo II

Arquivo na íntegra de entrevista com a escritora Paloma Vidal

I- Primeira Entrevista.

Memória e origens voltam a tematizar obra de Paloma Vidal

Por Bruno Ghetti - <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/46502>

A procura pela própria identidade de uma pessoa confusa com as suas origens. A voz incisiva de uma mulher em um mundo ainda dominado pela força masculina. Eis o cerne (e o vigor) da obra da escritora Paloma Vidal, uma das mais expressivas vozes da literatura brasileira desde o início do milênio e uma das convidadas da Flip deste ano.

Nascida na capital argentina, em 1975, mas criada no Brasil desde os dois anos de idade, Paloma sempre teve dificuldades para se definir: argentina ou brasileira? Carioca (viveu no Rio a maior parte da vida) ou paulistana (mora em São Paulo há alguns anos)? Um pouco de cada, mas jamais só uma coisa ou outra. Ou talvez tudo ao mesmo tempo – e enquanto a autora não se decidir, quem sairá ganhando são seus leitores: suas dúvidas e reflexões sobre o tema são a principal força-motriz de sua criação literária.

Em 2003, Paloma lançou seu primeiro livro, *A Duas Mãos*, com contos que já mostravam as bases do seu projeto literário. Cinco anos mais tarde, voltou a publicar uma obra de contos, *Mais ao Sul*, bastante elogiado – o livro a consolidou como jovem autora de destaque. Sua publicação mais recente é *Algum Lugar* (2009), sua estréia como romancista.

Em setembro, deve chegar ao mercado seu segundo romance, *Mar Azul*. A história, mais uma vez, tem ecos autobiográficos – mostra a relação entre uma mulher e seu pai, um argentino radicado em Brasília. Depois que ele morre, ela lê seus cadernos de memórias, enquanto se dedica a escrever seus próprios diários. Mais uma vez, a questão do peso do passado e das origens de uma pessoa em sua vida vem à tona com grande força. Paloma lerá um trecho do novo livro na Flip, onde participará também de uma mesa com Teju Cole, que terá por tema a experiência, a memória e o deslocamento (sexta, às 15h).

Além de escritora, Paloma é hoje professora de Teoria Literária na Unifesp. É também tradutora (do espanhol para o português e do português para o espanhol) e editora da Revista Grumo (www.salagrumo.org), publicação existente há dez anos que se propõe a manter vivo o diálogo entre as literaturas argentina e brasileira. A autora falou ao SaraivaConteúdo sobre suas diversas atividades, sua criação literária e sua participação na Flip.

Em suas obras, você explora recorrentemente o tema da busca de uma origem e de uma identidade, que é uma questão com a qual precisou lidar desde muito jovem. A literatura é uma espécie de terapia/catarse para você?

Paloma Vidal. A escrita tem a capacidade de trazer à tona coisas sobre nós mesmos. Vivi essa experiência diversas vezes enquanto escrevia meus livros. Faço questão de deixar o texto me levar quando estou trabalhando e, de repente, aparecem coisas esquecidas, ocultadas, desconhecidas até. É muito impressionante. Mas não sei se isso é terapêutico ou catártico, porque nos dois casos há uma série de definições e métodos que circunscrevem os efeitos dessas experiências e, na escrita, é algo bastante randômico, que pode acontecer de diversas maneiras, que pode inclusive simplesmente não acontecer. Não é algo procurado, como quando se entra num consultório de um analista em busca de uma cura.

Você acredita que, se a sua família jamais tivesse deixado a Argentina, você teria se tornado uma escritora? Ou o fato de você escrever tem relação direta e indissociável com essa sua condição de “displaced”?

Paloma Vidal. Essa é uma pergunta impossível de responder, mas que atravessa toda minha ficção. Ela é subliminar a tudo o que escrevo. Como eu seria se não estivesse no Brasil? Se não falasse português? Se meus pais não fossem estrangeiros num outro país? E elas são tão importantes, pelo menos por enquanto, que efetivamente meu trabalho seria outro se essa vivência de deslocamento não tivesse me marcado tão profundamente.

Como vai ser a sua participação na Flip?

Paloma Vidal. Estou muito feliz com o convite. Vejo-o como um reconhecimento de um trabalho de vários anos já. Porque é preciso insistir muito para levar adiante a escrita; sempre há outros trabalhos, outras tarefas, a vida

familiar, e, se a gente continua, é por causa de um desejo muito grande. Então, espero poder falar desse desejo lá. E me parece que tudo é muito favorável: meu companheiro de mesa, o Teju Cole, a mediação do João Paulo Cuenca, o tema que nos foi proposto, a curadoria do Miguel Conde. Enfim, acho que vai ser ótimo.

A trama de *Mar Azul* tem semelhanças com a sua história de vida? Em que medida é um livro autobiográfico?

Paloma Vidal. Este livro tem menos a ver com a minha história do que os anteriores, porque se trata de uma narradora que está entrando na velhice e relembra acontecimentos de sua juventude enquanto lê os cadernos deixados pelo pai após sua morte. Mas o que é autobiográfico ou não deve ser sempre colocado como questão. Para mim, um livro não faz sentido se, de alguma forma, não fala de uma experiência que me diz respeito, o que é muito diferente de falar de mim diretamente. Neste livro, a personagem não sou eu, nem o pai dela é meu pai, mas há perguntas que ela se faz que são perguntas minhas; há problemas, impasses, fantasias que são meus.

Que autores você mais tem lido recentemente?

Paloma Vidal. Leio principalmente escritores contemporâneos e latino-americanos. Fico sempre com uma certa nostalgia dos clássicos, mas a verdade é que gosto de participar da cena literária também como leitora. E inclusive isso faz parte do meu trabalho de professora e crítica. Li recentemente excelentes livros de Mario Levrero, Fabian Casas, Alejandro Zambra, Michel Laub, Carola Asavedra, para dar alguns exemplos.

Que escritores mais a influenciaram no seu período de formação cultural?

Paloma Vidal. Há um escritor que me marcou especialmente: André Gide. Foi um encontro mais ou menos tardio porque me dediquei à obra dele quando já estava na faculdade de Letras. Antes, na adolescência, eu lia o que me pediam na escola, com prazer, mas principalmente com disciplina. Como um dever. Acho que com o Gide foi que a literatura se ligou à vida para mim, porque ele era um autor em que tudo ficava misturado: diários, ficção, autobiografia. E essa mistura foi uma aprendizagem que mudou minha maneira de ver a escrita.

Como tem sido a experiência na Revista Grumo?

Paloma Vidal. Para mim, é uma experiência fundamental em muitos sentidos: é a retomada de um laço com a Argentina para além das relações estritamente familiares; é um projeto cultural, afetivo, teórico e principalmente literário. Começamos há 10 anos, e acho que é uma façanha essa continuidade se a gente vê como os projetos normalmente se desfazem por causa da distância, das precariedades materiais, mas também das rivalidades, das diferenças de diversas ordens. A gente já fez nove números da revista em papel e estamos preparando o décimo, temos um site, uma coleção de tradução de poesia junto com a editora argentina Vox, temos também uma editora nossa, fizemos vários eventos entre Brasil e Argentina, além de muitos desdobramentos individuais que já nem têm a ver diretamente com a revista.

Você também é tradutora, tanto do português para o espanhol quanto do espanhol para o português. Em qual idioma se sente mais à vontade?

Paloma Vidal. Para escrever, certamente em português. Assumi a tarefa de traduzir meu próprio livro para o espanhol no ano passado e consegui levá-la adiante, mas tive bastante certeza de que o português é a minha língua literária. Agora, por outro lado, me sinto muito bem falando em espanhol. Me sinto mais leve, menos séria. Me ocorre agora que talvez isso tenha a ver com o fato de ser uma língua que me liga diretamente à infância e à condição de filha, pois falo com meus pais nela até hoje.

A literatura é escolha de palavras – qualquer alteração no texto original, por menor que seja, pode mudar completamente o sentido (e os efeitos) pretendidos pelo autor. Como um tradutor lida com esse tipo de pressão? E como evitar essa “traição” do sentido original em uma tradução?

Paloma Vidal. Minha relação com a tradução é mais de prazer do que de pressão. A melhor experiência que tive nos últimos tempos foi com [A Legião Estrangeira](#), de Clarice Lispector. Foi estar muito perto de algo único, que tem a ver com uma dicção, uma pontuação, uma adjetivação, enfim, com os aspectos que fazem a linguagem dela. Acho que quando se estabelece uma relação dessas com a escrita de um autor, a questão da traição se torna secundária. Há uma recriação, mas ela se dá a partir desses aspectos muito concretos que tornam um texto singular.

Hoje em dia, você se sente mais argentina ou brasileira? Carioca ou paulistana?

Paloma Vidal. Essa é uma outra pergunta que eu não tenho como responder. Acho que nunca terei. Eu sou argentina e brasileira, ou brasileira e argentina, e acho que posso ser de muitas cidades, posso me sentir bem em muitas cidades, encontrar uma cotidianidade minha nelas, mas, ao mesmo tempo, sempre estou pensando em me mudar, em como seria morar em outro lugar, porque também sempre tenho a impressão de não pertencer completamente a cidade nenhuma.

Anexo III-

PALOMA VIDAL NAS FRONTEIRAS DA ESCRITA

Por Ramon Mello [Blog Click(IN)Versos – 2008]

“Paloma significa pomba em espanhol”, explica Paloma Vidal. Nada mais apropriado para uma escritora cujo trabalho é marcado pela liberdade. A capa do seu novo livro de contos, *Mais ao Sul* (Língua Geral), é uma bela metáfora da sua escrita: aves migratórias no céu azul.

“Quando escrevi o conto, eu não tinha consciência da ideia do pássaro como viagem, liberdade ou migração. E nem sabia que isso se relacionava com meu nome, com minha vida. Quando meus pais colocaram um nome de origem espanhola, não era nada comum na Argentina. No segundo livro, decidi trabalhar com a ideia de suspensão, de não dizer tudo”.

Filha de imigrantes argentinos, Paloma vive em São Paulo numa constante busca pelo seu espaço na literatura. Na fronteira entre o ficcional e o biográfico resgata fragmentos de memória para transformá-los em palavras. Acompanhando os pares da literatura, ela promove um diálogo com as idiosincrasias do nosso tempo.

“A relação com o Brasil é forte, é a minha língua. No meu primeiro trabalho, enviei meu livro para tentar uma bolsa de obras em fase de conclusão junto a Biblioteca Nacional. E ganhei a bolsa. Mas só depois de ver o nome do prêmio é que me dei conta de que poderia haver um problema. Estava escrito: ‘bolsa para escritores brasileiros com obras em fase de conclusão’. Bom, tecnicamente eu não sou uma escritora brasileira, porque não sou naturalizada. Então, não pude receber o prêmio. Na época, escrevi uma carta para eles e disse: Eu sou uma escritora brasileira, minha língua é o português.”

A nossa conversa aconteceu no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, durante a passagem da escritora para lançamento do livro. O encontro tranquilo na Confeitaria Colombo não existiu, o lugar estava lotado – devido à apresentação do Projeto Aquarius. Mas depois da espera por uma mesa, o bate-papo fluiu, sem pressa, ao som de clássicos da Bossa Nova.

Além de ter uma escrita sedutora, Paloma Vidal é extremamente bem-humorada.

Em seu último livro, Mais ao Sul (Língua Geral), você fala muito dos pássaros como metáfora de liberdade. Por que a relação?

Paloma Vidal – Essa metáfora surgiu no primeiro livro *A Duas Mãos* (7 Letras), num conto chamado “Quem Tem Asas”. Depois fiz um blog com o mesmo nome e comecei a trabalhar a questão das viagens, até porque eu estava morando fora do Brasil. O blog era uma espécie de diário de viagem. E com o tempo essa imagem foi ficando mais forte para mim, de alguma forma ela foi me guiando. Fui explorando essas imagens como registro e, em seguida, como metáfora. Há a questão do meu nome, Paloma quer dizer “pomba” em espanhol. Quando escrevi o conto, eu não tinha consciência da ideia do pássaro como viagem, liberdade ou migração. E nem sabia que isso se relacionava com meu nome, com minha vida. Quando meus pais colocaram um nome de origem espanhola, não era nada comum na Argentina. No segundo livro, decidi trabalhar com a ideia de suspensão, de não dizer tudo.

Por que o primeiro livro chama-se *A Duas Mãos*?

PV – Porque “A Duas Mãos” condensava de forma fundamental a relação com a tentativa de chegar ao outro. Esse nome foi muito importante para o livro. Até pensei em chamar de “Quem Tem Asas”, mas achei estranho. “A Duas Mãos” também é estranho, mas ficou. Eu gosto da sonoridade, me lembra *A Teus Pés*, da Ana Cristina César. O blog deu origem a parte do livro e a meu primeiro romance: *Algum Lugar* – estou escrevendo graças a Petrobras! (Risos.)

E você conseguiu receber o dinheiro?

PV – Sim (risos). Recebi. É importante ter um incentivo para escrever. Principalmente um romance em que se precisa de mais dedicação.

Você teve dois blogs: Escritos Geográficos e Quem Tem Asas. Como é essa relação com a Internet?

PV – Sim tive dois blogs. Foi uma ótima experiência. Encerrei o primeiro porque não tive mais nada a dizer. O blog é um diário aberto, trabalhamos com o biográfico e o ficcional. É um meio eficaz para exercitar a escrita.

Mais ao Sul seria o seu livro mais autobiográfico?

PV – Na primeira parte, que trabalho muito a memória familiar, fragmentos de memória. Trata-se do exílio, comecei com uma pergunta: “Como meus pais vieram para o Brasil?” Na segunda parte, trabalhei a questão cultural, o idioma.

Como os seus pais vieram para o Brasil?

PV – Nunca perguntei.

Por quê?

PV – Porque há certas coisas difíceis de serem ditas. Assim que comecei o livro, pensei em entrevistar meu pai. Mas logo considerei a ideia um absurdo. Eu não tinha a menor condição de colocar um gravador para o meu pai. Nós falamos sobre o assunto, não é um tabu. Mas são memórias dolorosas. Preferi trabalhar com meu distanciamento.

Nos livros de contos, você trabalha de uma forma muito intensa sua relação com a Argentina. No romance também será assim?

PV – Na verdade, agora estou tentando me distanciar. Porque já mergulhei demais nesta questão: o que é pertencer a um lugar? O que é falar duas línguas? Como isso define a subjetividade? Esses dois livros deram essa possibilidade. De alguma forma, esse lugar entre a Argentina e o Brasil é o meu espaço. A primeira coisa em que pensei foi escrever um romance. Mas não deu muito certo. Eu queria escrever *A Paixão Segundo GH*, só que alguém já havia escrito... (Risos.) Foi uma questão que ficou travada. Mas depois que escrevi o conto “*Contra-Dança*”, que acontece num baile de tango no Rio de Janeiro, achei meu lugar.

Você dança tango?

PV – Sim, danço tango. Foi importante para me encontrar. Eu tive um professor que virou um personagem. No segundo livro tem um conto chamado *Aula de Tango* que tem muito a ver com a relação dele com essa cultura. É impressionante alguém se dedicar tanto a uma outra cultura: viajar, conhecer o idioma... Embora a personagem não seja eu, mas tem algo de mim. Pelo menos na tentativa de ficar confortável nesse lugar que não é nem de lá e nem de cá; o que me permite escrever.

Você tem um livro chamado *A história em seus restos*?

PV – Sim. É o resultado de minha dissertação de mestrado sobre o exílio. São quatro escritoras latino-americanas que foram exiladas e escreveram sobre essa experiência. O título é um trecho do romance do Ricardo Piglia que diz: “o exílio permite aprender a história em seus restos”. O século XX é o século das migrações. E na Argentina esse problema é permanente: migrações no início do século; migrações por causa da Guerra Civil Espanhola; a recente diáspora econômica... Eu tento fazer esse diálogo entre a Literatura Argentina e a Literatura Brasileira. Embora já haja pessoas trabalhando muito bem esse cruzamento de culturas, como o Milton Hatoum, o Raduan Nassar... Minha pesquisa de pós-doutorado é sobre literatura e viagem, Literatura Argentina.

Você viaja muito para Argentina?

PV – Sempre vou. Tenho uma revista de Literatura Argentina e Brasileira, chama-se *Revista Grumo*. Somos quatro editores, na verdade. A revista surgiu num momento de crise financeira na Argentina.

Como você enxerga o Brasil a partir do seu trabalho?

PV – É curioso. Eu me sinto um pouco deslocada, mas não muito. A relação com o Brasil é forte, é a minha língua. No meu primeiro trabalho, enviei meu livro para tentar uma bolsa de obras em fase de conclusão junto a Biblioteca Nacional. E ganhei a bolsa. Mas só depois de ver o nome do prêmio é que me dei conta de que poderia haver um problema. Estava escrito: “bolsa para escritores brasileiros com obras em fase de conclusão”. Bom, tecnicamente eu não sou uma escritora brasileira, porque não sou naturalizada. Então, não pude receber o prêmio. Na época, escrevi uma carta para eles e disse: “Eu sou uma escritora brasileira, minha língua é o português”. No livro, faço algumas perguntas sobre essa situação. Como seria a minha vida se eu não falasse espanhol? Essa pergunta dá conta de uma divisão permanente, mas sou uma escritora brasileira. Faço tudo o que está ao meu alcance.

Há pessoas que acreditam que a academia bloqueia o processo de criação. O que pensa sobre isso?

PV – Tenho vários amigos que têm vontade de escrever e não escrevem, talvez por conta do “superego acadêmico”. Tem de poder escrever com a intuição. Adoro o trânsito com a academia, não renego nem um pouco. Acredito que pode haver um trânsito entre uma coisa e outra. Confesso que tenho mais prazer escrevendo

ficção. Sofro muito para escrever um ensaio porque a linguagem argumentativa é penosa. É uma relação tensa, mas pode ser prazerosa.

Como é a relação de sua família com a literatura?

PV – Meus pais são clássicos: psicanalistas argentinos. Figuras folclóricas: psicanalistas lacanianos. E meu avô era tradutor e teve uma relação de amizade com o Cortázar. Meu avô exerceu uma influência grande na minha vida.

E você é casada com um filósofo?

PV – Sim, um filósofo analítico, o Pedro (risos).

Você morou mais de 20 anos no Rio de Janeiro. E agora mora em São Paulo. De que maneira isso influencia sua escrita?

PV – Penso muito sobre isso. Num certo sentido, estou repetindo a trajetória de meus pais: levei meu filho, o Antônio, para longe dos avós. Mas eu precisava desse distanciamento do Rio de Janeiro. Mas não vou escrever sobre São Paulo, sobre concreto. Tem gente mais autorizada para escrever sobre.

Como funciona processo de criação com a escrita?

PV – Eu tenho filho. E isso acaba com o ritual da escrita. Se tenho 15 minutos, sento e escrevo. Há o horário para a escrita: de manhã, trabalho a pesquisa, e de tarde trabalho o romance.

A crítica literária Beatriz Resende escreveu o seguinte sobre a sua estreia na ficção: "Finalmente, trata-se da escrita de uma jovem mulher." Cometo aqui a heresia de dizer: trata-se de literatura feminina. O que você pensa sobre 'literatura feminina'?

PV – "Literatura feminina" não é um termo muito feliz. Esse termo teve valor quando as mulheres lutavam para se legitimar como escritoras numa determinada época. A Beatriz diz isso na resenha.

Os contistas são menos valorizados pelas editoras?

PV – Existe uma resistência forte no mercado editorial. Na Argentina, por exemplo, é muito difícil um escritor começar publicando um livro de contos. No Brasil, ainda bem que não foi assim... (Risos.) Isso acontece porque o romance é mais comercial. Mas há contistas maravilhosos, como o Sérgio Sant'Anna.

Sua escrita não é tão fragmentada como a dos escritores contemporâneos. Saberria explicar o motivo?

PV – Desde que meu filho nasceu, fiquei seletiva com a cultura contemporânea. Por exemplo, no computador em que escrevo não há Internet. Mas acho que a minha escrita incorpora o contemporâneo. E, também, explora a herança, a memória, o passado. Talvez eu não seja uma pessoa muito contemporânea, eu comprei um Ipod há um mês (risos).

Quais são suas influências?

PV – Minhas influências são completamente literárias: Virginia Woolf, Kafka, Clarice, João Gilberto Noll... E leio muito meus pares: (João Paulo) Cuenca, Cecília Giannetti, Marçal Aquino, André Sant'Anna, (Marcelo) Mirisola... Não quer dizer que são minhas preferências, mas já li e pensei sobre o trabalho deles. E ouço: jazz, MPB, tango...

Que livros marcaram a sua vida?

PV – *Paixão Segundo GH*. Quando li esse livro, fiquei baratinada. É um livro que engole a literatura. Eu pensava que não daria para escrever depois desse livro. A literatura da Clarice Lispector tem a potência do mínimo. E, depois, os livros João Gilberto Noll.

O que a motiva escrever?

PV – Sempre escrevi. A escrita é uma forma de organização do pensamento. Não consigo viver sem escrever. O que me motiva? Não sei. Eu não saberia como não fazer. Mas isso não quer dizer que tudo que eu escreva vire literatura.

O que você diria para alguém que deseja ser escritor?

PV – Leia muito, escreva sempre.

ANEXO IV

ROCCO ENTREVISTA - PALOMA VIDAL

Autora que coloca o deslocamento e o desenraizamento no centro de sua obra literária, Paloma Vidal retorna, nesta obra, a temas que lhe são caros como a condição de estar entre línguas e os modos como os lugares definem a subjetividade.

1 - Exílio, deslocamento, as zonas pardas da memória, a experiência tátil da vida numa cidade: elementos de seus outros livros ressurgem com vigor em Mar azul. Como você enfrentou o desafio de acentuar, numa nova história, essa dicção tão característica?

Escrever Mar azul me fez ver algo que para mim não era tão óbvio: cada livro é um livro. Embora haja ambientes, memórias, afetos em comum com os livros anteriores, eu me deixei guiar pela personagem deste romance cuja voz foi algo novo para mim. Pois é a voz de alguém velho, de alguém que viveu a infância, a adolescência e parte da juventude na Argentina, e escreve submersa na lembrança dessa época, entre meados dos anos 50 e meados dos anos 70, e por sua vez para quem o português é uma língua adquirida tardiamente, mas que ela adota porque inclusive é isso que a fixa no presente e no lugar em que está.

2 – Seu livro se divide em duas partes de estilos distintos. A primeira é tomada pelo diálogo direto entre duas adolescentes. A segunda apresenta o diário de uma dessas meninas, quando já idosa. Por que dois fios narrativos tão marcantes?

O uso do diálogo sem narrador no início está relacionado a experiências que tenho tido recentemente escrevendo para teatro. Nesse trabalho me dei conta de que há um tipo de intimidade muito singular que se pode criar através dessa forma, sem mediação, e quis experimentar isso no livro, justamente no momento em que aparece um fragmento da história vivida na adolescência entre a protagonista e sua melhor amiga. Eu queria criar uma relação de muita proximidade que de alguma maneira contrasta com a vivência de solidão da personagem na velhice, ao mesmo tempo que em vários sentidos a antecipa; queria que a conversa entre essas duas meninas ficasse como eco para os leitores durante a leitura das lembranças da protagonista.

3 – A história da protagonista de Mar azul nunca se dá a ver por inteiro. Apenas nesgas de fatos e ações aparecem salpicadas, frutos de uma memória um tanto indecisa. O leitor, em seus livros, apenas “suspeita” de uma história. O quanto essa espécie de penumbra é cara à sua obra?

A verdade é que escrevo na penumbra. Sei muito pouco do que vai acontecer. E neste livro isso se acentuou muito: foi uma experiência de me sentar, escrever o número do capítulo e me deixar levar pelo cotidiano da personagem. É a partir desse cotidiano, pautadas nas pequenas ações diárias, que as lembranças emergem numa reconstrução do passado que é muito frágil, porque ela não sabe se quer lembrar, tem medo de lembrar, mas no final das contas a escrita acaba sendo uma maneira de preencher os dias e se torna assim fundamental para ela.

4 – É sua segunda empreitada no romance, após ter se destacado no cenário da literatura contemporânea com os contos. O quanto a experiência com as histórias longas é diferente daquela com os textos curtos?

Um livro de contos se escreve numa temporalidade muito diferente de um romance. Em geral, de maneira mais descontínua e mais aleatória. Nem sempre dizemos: vou escrever um livro de contos. Os contos vão aparecendo, quando se está disponível para eles. Com o romance parece que há sempre uma obsessão maior em jogo – um projeto, por assim dizer. No caso de Mar azul, houve realmente um processo muito intenso de seguir a voz da personagem, e quando comecei a escrever fui com ela até o final, interrompendo o trabalho apenas quando não havia outro jeito.

5 – Em Mar azul, a escrita representa um beco sem saída da memória. A protagonista e o seu pai escrevem para não esquecer – e, apesar disso, compõem diários repletos de elipses. Você também escreve para, de alguma forma, não esquecer?

Desenvolvi uma relação muito vital com a escrita. Em algum momento me dei conta de que isso efetivamente dava um sentido para as coisas, não só para as lembranças, mas para a vida cotidiana mesma; quer dizer, a escrita serve para guardar, e nesse sentido está ligada a uma tarefa bastante melancólica, mas serve também para se livrar das coisas, para ir adiante, para colocar em movimento. Nesse aspecto sou muito próxima da personagem de Mar azul, porque acho que ela escreve para lembrar, mas também para fazer passar os dias.

Anexo V

Leitora distraída, escritora atenta

rascunho.com.br/leitora-distraida-escritora-atenta/

Nascida em Buenos Aires, na Argentina, em 1975, Paloma Vidal mudou-se para o Rio de Janeiro aos dois anos de idade. Escritora, tradutora e crítica, é autora dos romances *Mar azul* (2012) e *Algum lugar* (2010), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, e teve trabalhos incluídos nas antologias *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004) e *Paralelos* (2004). Na breve entrevista a seguir, Paloma não generaliza sobre os aspectos que podem fazer bem (ou mal) a um livro, preferindo lembrar o bom leitor segundo Roland Barthes e apostar no próprio trabalho como fonte de aprendizado. E se os contos de *As duas mãos* (2003) e *Mais ao sul* (2008) são marcados pela investigação das próprias razões da escrita, Paloma abre este *Inquérito* colocando em questão seu ofício de escritora, para engatar uma seqüência de respostas certeiras sobre seus hábitos de leitora e o trabalho com literatura — mesmo que para duvidar mais uma vez.

- **Quando se deu conta de que queria ser escritora?**
Ainda tenho minhas dúvidas.
- **Quais são suas manias e obsessões literárias?**
Não tenho.
- **Que leitura é imprescindível no seu dia-a-dia?**
Algumas páginas de qualquer coisa antes de dormir.
- **Se pudesse recomendar um livro à presidente Dilma, qual seria?**
Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto.
- **Quais são as circunstâncias ideais para escrever?**
Quando meus filhos estão sossegados.
- **Quais são as circunstâncias ideais de leitura?**
Idem.
- **O que considera um dia de trabalho produtivo?**
Duas horas de dedicação.
- **O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?**
A liberdade.
- **Qual o maior inimigo de um escritor?**
Ele mesmo.
- **O que mais lhe incomoda no meio literário?**



Paloma Vidal, autora de "Mar azul"

1/2

O que mais lhe incomoda no meio literário?

A presunção.

Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Julio Moravsik.

Um livro imprescindível e um descartável.

El discurso vacío, de Mario Levrero. Descartável, não sei.

Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Qualquer defeito pode ser usado a favor de um livro.

Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Qualquer assunto pode servir.

Qual foi o canto mais inusitado de onde tirou inspiração?

Não tiro inspiração de cantos inusitados.

Quando a inspiração não vem...

É melhor trabalhar.

Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

André Gide, meu primeiro amor.

O que é um bom leitor?

Como diria Roland Barthes, aquele que se distrai durante a leitura.

O que te dá medo? Tudo.

ANEXO VI - Outros trabalhos de Paloma Vidal em parceria com Elisa Pessoa.



COMENTÁRIOS DOS TEXTOS DE DUPLA EXPOSIÇÃO DA ESCRITORA PALOMA VIDAL E ARTISTA PLÁSTICA ELIANA PESSOA.

EXPERIMENTOS EM DUPLA EXPOSIÇÃO Por Krishnamurti Góes dos Anjos.

<https://www.facebook.com/events/576404265892465/permalink/585325705000321/>

E Editora Rocco acaba de lançar pelo seu Selo Anfiteatro, a Coleção Duplex que se propõe a abrir espaço para livros que promovam o diálogo entre diferentes linguagens. “Dupla exposição” de Paloma Vidal e Elisa Pessoa foi o título escolhido para iniciar a Série. Uma edição de fino acabamento que conta com capa dura plastificada e cuidadoso projeto gráfico. Seu formato quadrado permite melhor apreciação estética das imagens internas e traz ainda sobrecapa em papel vegetal onde se estampa a mesma fotografia impressa na capa, de tal forma que as imagens, uma vez sobrepostas, transmitem uma sensação de movimento que enfatiza e amplia o efeito sensorial da técnica de dupla exposição fotográfica. Trata-se, portanto, de caprichosa edição que aposta fundo na proposta da obra. A de constituir um experimento artístico integrando texto e imagem.

As autoras Paloma Vidal (escritora argentina radicada no Brasil), e a artista Elisa Pessoa, ambas com expressivo currículo de realizações, já de algum tempo vêm trabalhando conjuntamente na combinação de textos e imagens. Não se trata, portanto, de livro ilustrado, mas um diálogo artístico narrativo-visual no qual as nove ficções curtas de Paloma interagem com fotografias tipo “dupla exposição” de Elisa. Esta técnica consiste em duas ou mais cenas diferentes mostradas numa mesma fotografia, isto é, de forma superposta. Tal efeito, utilizado artisticamente tem o condão de inclinar-nos a interpretações que estão contidas em vivências sugeridas ao imaginário aberto por Paloma Vidal em seus textos. Na prática acabam por tornarem-se personagens que propõem ao leitor idealizar, conceber e projetar imagens.

Já os textos de Paloma são de uma criatividade vigorosa. O texto “Please come flying” funciona como uma colagem a partir da leitura de um depoimento da poeta Elizabeth Bishop sobre a também poeta Marianne Moore. Ali uma voz narrativa lê, comenta e cria sentidos outros no texto base (que é uma tradução). Como que se dirigindo ao leitor, afirma a determinada altura: “Quero tentar te explicar o que exatamente me fascina neste relato feito por Elizabeth Bishop”. A leitura prossegue com intervenções da narradora: “O que aconteceu é importante. O que se condensa nesses acontecimentos, e que a escrita procura transmitir, também.” Será que a tradução interfere na apreensão de sentidos? O que se diz é mais do que o que não se diz? Ela pergunta-se ao tempo em que se dá conta que o trabalho de construção de uma amizade pode ser tão laborioso quanto a construção de um poema. Ambigüidades do dito, do insinuado, do implícito no texto que lê. Genial a sugestão que nos fica.

Em dois outros textos uma representação recorrente. Em “Sun in an empty room”, uma criança de apenas sete anos afirma: “... a gente pode imaginar o que quiser”, em “Sempre a partida” um casal de adolescentes conversa.

Um deles diz: “– Eu nunca entendi muito bem pra que serve a imaginação”. E, em outro texto, “Venice”, há um ancião filho de japoneses, professor de poesia que escreveu sobre Fernando Pessoa, toma vinho durante as aulas e recita poemas de cor. O texto não diz, mas imaginamos que o velho professor Akira é fundamentalmente um imaginativo. Portanto, a imaginação é força-motriz em Paloma Vidal.

Os dois últimos contos do volume são absolutamente magistrais quanto à criação literária propriamente dita, e quanto à adequação na proposta de diálogo com a linguagem fotográfica, (ou será que o contrário aconteceu?). Em “Un petit noir comme celui-là” é narrada a história do garoto Fabiano, um brasileiro que mora com a mãe em Paris. Fabiano sente saudades do pai (que está preso), e sonha em receber uma cartinha dele pelo correio. Com essa esperança vive a cercar diariamente o carteiro que poderia lhe trazer as tão desejadas notícias. Fabiano tem um amiguinho de colégio, Engelbert, um camaronês que fala bem o francês, e que, para inveja de Fabiano, enviava cartões postais para sua avó no Camarões, como o fez precisamente no dia 4 de março de 1969. Dois garotos imigrantes pobres, deslocados, a viver em um país que lhes era estranho. Um certamente premido pela pobreza, o outro (talvez), por questões políticas. Lembramos que em 1969 o Brasil vivia tempos sombrios de feroz ditadura. E, finalmente, a dura e monstruosa face do racismo acaba por se abater sobre eles. Ver o desfecho formidável dessa narrativa.

Muito bem. Uma proposta artística como a dessa obra merece considerações adicionais que ajudem nas percepções (sem spoiler). Bem antes da leitura seqüencial que levará ao texto de Fabiano (que está na p.76). Entre as páginas 60/61 há uma fotografia encartada no conto “Tavistock square”. Nela aparece um casal de adolescentes, e entre eles, como que os separando, está a imagem de uma plaquinha com o nome de uma rua. Rue de Tolbiac que é justamente o endereço onde mora o Fabiano. Já a imagem dos adolescentes remete à outro texto: “Sempre a partida”. Resultado. A plaquinha com o nome da rua termina por se afigurar, no conjunto da obra, numa metáfora dos temas tratados por Paloma Vidal: as fronteiras, o sentimento de ser estrangeiro, as diferenças culturais, os deslocamentos, as ditaduras e o diabo a quatro que se interpõe entre os homens a dividi-los. Há vários outros simbolismos no livro.

Fica-nos também a dúvida: o que a literatura ainda pode realizar? Que caminhos iremos afinal trilhar nessa ambiência de encruzilhada em que estamos? São questões. “Dupla exposição” se constitui em um experimento artístico onde texto e fotografia, imaginação e signo imagético se aliaram na busca de um dos temas mais caros à arte da decifração do ser no seu ideal utópico, aqui entendido não no significado mais comum (aquela ideia de civilização ideal, imaginária, fantástica), mas como um sonho ainda não realizado, uma esperança muito forte. Utopia no sentido de um projeto humanista e humanizador. Como o disse Eduardo Galeano: “La utopía está en el horizonte. Camino dos pasos, ella se aleja dos pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. ¿Entonces para que sirve la utopía? Para eso, sirve para avanzar.”, ou, por outro lado, acrescentamos nós em bom e claro português: continuemos a caminhada.

Anexo VII-

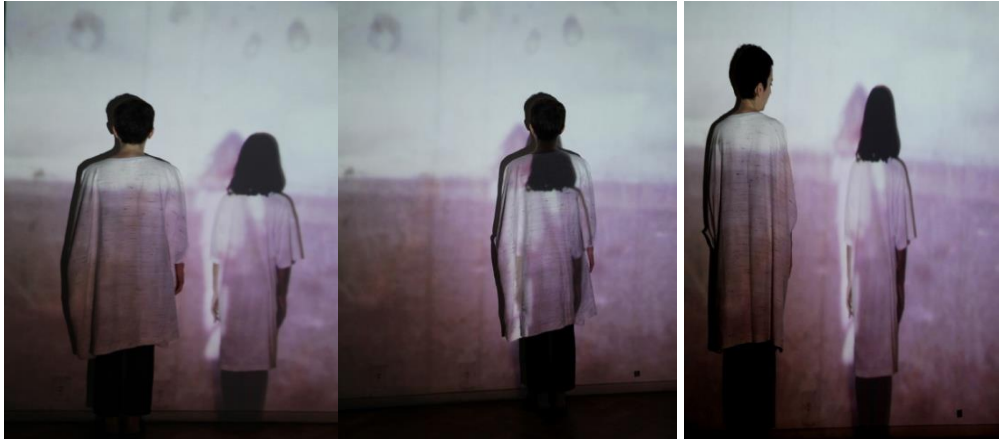
**IMAGEM DE TEXTOS DA OBRA DUPLA EXPOSIÇÃO DA ESCRITORA PALOMA VIDAL
E DA FOTOGRAFA ELIANA PESSOA**

MEMÓRIAS_LM_E



MEMORIAS_L







Anexo VIII-

Textos de Paloma Vidal que compõem o livro *Mais ao Sul* que foram publicados em outras obras.

“A espectadora” publicada na antologia *A visita* (São Paulo: Barracuda, 2005) foi publicado em *Mais ao Sul* anos mais tarde como “Desassossego”.

A espectadora

PALOMA VIDAL

(Mais ao Sul)

Naquela noite, sem medo, decidi pôr a mesa para seu fantasma. Tirou o jogo americano listrado da gaveta e, nas cabeceiras da mesa retangular, arrumou-os com seus respectivos pratos, talheres, copos e guardanapos. Há dias não dormia mais de duas horas seguidas. Cochilava entre as idas e vindas à porta da rua e sempre já era tarde demais quando acordava, em pé, diante do corredor vazio do prédio. Chegou a pensar que fosse um pressentimento: será ele que retorna? Era uma ponta de desejo e uma explicação possível — revivendo do mundo dos mortos, brincou. Seria um castigo pelas vezes que o chamara de “o falecido”, quando na verdade ele devia estar num samba da Lapa bebendo até as tantas e terminando a noite no Nova Capela, enquanto ela acordava pela terceira, quarta, quinta vez na soleira da porta? A mesa posta, esperaria o sono chegar e com ele seu fantasma. Estava finalmente disposta a enfrentá-lo. Nunca antes se achara medrosa, ao contrário do que ele gostava de dizer para disfarçar que tinha muito mais medo da morte do que ela. Se disso se tratasse, ela a receberia como Bandeira, “a mesa posta, com cada coisa em seu lugar”. Essa era a segunda hipótese: a morte a assombrava. Lembrou-se daquela mulher que, segurando sua mão com desconcerto e meio pasma, lhe dissera solenemente: você precisa aceitar o seu dom. Tinha rido muito daquela cena e sempre que se lembrava da tal espírita dizia com voz cavernosa: *I see*

dead people. Agora, não, já não estava para brincadeiras. Ela, a indesejada, talvez estivesse mesmo querendo atormentá-la. Ela, a indesejada, riu do possível trocadilho (ela, ela mesma, ali, sozinha, na sala vazia). Pensara em consultar médicos, mas o máximo que fez foi sondar o ginecologista numa das consultas de rotina e ele lhe receitou um calmante fitoterápico que nos primeiros dias funcionou, talvez por sugestão, mas há muito não saía da gaveta. Sabia que não era nada localizável — ali, ali, acabamos de achar seu fantasma, está vendo na tela, neste cantinho aqui, este ponto. Não. Ela o enfrentaria corpo a corpo e a sós, nessa noite chuvosa do dia 29 de agosto de 2001. Até que gostaria de acreditar que era por causa dele, do ex. Essa era a primeira hipótese: ia até a porta para ver se era ele que voltava. Mas a verdade, (sem mais subterfúgios), é que ela abria a porta para fugir, em pânico, chegando algumas vezes a se machucar na correria do quarto até a sala. Fugia, sim, apavorada, de algo mortal e invisível prestes a aniquilá-la. Fugia desesperada da casa transformada em jazigo. Uma cena se repetia: ela deitada na cama, dormindo, cercada pelos móveis mais do que conhecidos, tudo no seu devido lugar; algo a acordava, uma presença real que ocupa todo o espaço à sua volta, algo indefinido, mas fatal. Outra cena: alguém empacotou tudo, está tudo pronto para a viagem, mas ela não quer ir, ela não quer estar morta, ela precisa sair

correndo antes que seja tarde, precisa sentir as paredes para ter certeza de que não está morta — morta. Não é um sonho. Os sonhos são como fantasias. Isso é real, como uma imagem antiga de pessoas que já morreram. No romance que está lendo, há uma foto de uma família de imigrantes judeus no Bronx, em 1939. Todas essas pessoas já devem estar mortas. Aproxima a foto e observa com curiosidade os objetos: a mesa posta com louça de porcelana fina, a família em volta; atrás, uma pintura a óleo da cidade natal do narrador. Talvez essa louça, um fragmento dessa porcelana, tenha sobrevivido num antiquário de Nova Iorque. É essa possibilidade de sobrevivência dos objetos que a faz respeitá-los, qualquer que seja o seu valor, como relíquias. Materialismo, diz ele, ou dizia, diante do seu cuidado excessivo com as coisas. Elas teriam uma vida muito mais longa. Mas talvez ele estivesse certo, não exatamente em chamá-la de materialista, mas em recriminar o que considerava uma mania, sim, era uma mania de não deixar nada ir, nada se perder, nada seguir seu rumo de aniquilamento só para se poupar, um pouco ao menos, do desassossego. Havia uma cronologia, embora obscura. Primeiro aquele ônibus que se foi sem que nada na sua vida se modificasse. Bem que ele tinha dito: depois disso, qualquer coisa. Por puro desleixo, por simples deixar-se estar como se nada mais importasse, por indolência, perdeu o ônibus naquela

tarde, e por isso, em parte, acabou perdendo-o também. Viu como as horas passavam e chegou a pensar que o tempo não era tão elástico assim. Mas estava indolente e não via nenhum motivo para sair correndo, deixando roupas espalhadas por todo canto, livros abertos, a cama desarrumada, quem sabe até a cafeteira ligada ou as luzes do apartamento acesas. Fez tudo com extrema calma, pautando suas ações num rigor que desconhecia em si mesma. E assim foi como, sabendo que o ônibus partia às 18:00, saiu de casa às 17:30 numa sexta-feira, véspera de Natal. Sentia uma pontada de angústia, mas nem sequer vontade de roer as unhas. Será que tinha alguma esperança de evitar o desfecho evidente? De que, justo naquele dia, o túnel Santa Bárbara estivesse vazio, de que o trânsito fluísse tranquilo apesar da sexta-feira e da histeria de fim de ano? Era impossível e nunca chegou a acreditar no contrário; simplesmente não conseguia sentir nada, uma pontada, sim, mas uma pontada de nada. Depois disso, todos os prazos venceriam, deixaria alunos esperando, perderia palestras, sessões de cinema, consultas marcadas. Foi o que pensou: depois disso, o apocalipse. Não encontraria mais sentido em horários, compromissos, prazos, todo esse arcabouço de responsabilidades que constituía sua vida até ali. De agora em diante, precisaria ser guiada por alguém, mas quem (se ele, que talvez até quisesse guiá-la, estaria esperando em vão

no outro extremo da Dutra)? Sentia-se novamente uma criança de colo. Tinha se deixado estar com a esperança de que alguém a acudisse; nenhum gesto, nenhuma palavra e percebia então que estava só, que o mundo girava sem que ninguém, além de si mesma, se importasse com seu papel na gigante engrenagem. Um golpe duro, um golpe muito duro, repetiu com alguma auto-ironia, sentada à mesa agora já posta para receber sua visita. Aquela perda sem dor tinha sido um presságio. Foi um momento de ausência de sentido e de abandono de si. Dois meses depois, no início do novo ano, a primeira figura apareceu. Nada tinha mudado com a virada, o apocalipse tinha sido adiado, embora ela sentisse que as coisas tinham uma continuidade irreal. Estava impassível e por indiferença punha-se a chorar, por nada. Aquele monte de desmotivos só confirmava que possivelmente não havia nada a temer, mas também nada a esperar. Talvez sua indiferença mesma tivesse precipitado os acontecimentos daquela madrugada (a madrugada que deveria ter representado um grande choque na sua vida e que, no entanto, transcorreria sem tragicidade e fora sepultada sob outros acontecimentos). Ela entrou no carro e disse com delicadeza ao rapaz: coloca o cinto de segurança. Hoje não seria capaz de reconhecê-lo. Lembra-se de ter percebido isso logo que tudo terminou, quando teve que responder à pergunta inquisidora: por que não chamou a polícia?

As pessoas faziam perguntas que ela era incapaz de responder. Perguntavam sobre seu medo, esperando uma resposta precisa: sim/não. Queriam ação e queriam medo. Como foi? Onde? A que horas? E queriam nomes de ruas, dados, horários, detalhes. O medo estava por trás de tudo. Mas seu medo não ganhava uma forma precisa — era difuso, plano, líquido, voraz. Na escuridão, o medo a vencia sem chegar a dar forma ao sobressalto sem alvo, sem destino, sem imagem. Em torno dele, sim, vidas, lugares, enredos, desenhos virtuais do que só no escuro se vê. Curiosamente, constatou, no momento do encontro não teve medo. Disse com tranquilidade: coloca o cinto de segurança, e engrenou a primeira, depois a segunda, parou na esquina, olhou para os dois lados da rua, certificando-se de que era seguro passar, e continuou. Seguiu pela rua das Laranjeiras e quando entrou no túnel Santa Bárbara chegou a dizer ao rapaz ao seu lado: fica calmo, vou te levar aonde você quiser. Disse isso ao rapaz enquanto ele revirava as coisas na sua bolsa. Nem celular você tem, ele notou num tom mais de ameaça do que de gozação. Ela respondeu ironicamente: ser professora dá nisso. Esse intervalo entre o que ele dizia e o que ela fingia entender, respondendo como se quem estivesse ali não fosse ele, mas algum amigo um pouco distante que fosse preciso tratar com uma certa cerimônia, mas não muita, esse intervalo teve o efeito inesperado de separá-los dos outros dois no banco

de trás, como se houvesse um vidro interceptando a passagem do som. As ameaças dos outros se tornaram um murmúrio ininteligível e ela ficou apenas com a voz do rapaz ao seu lado, tentando capturar uma história, uma vida, naquela conversa desencontrada, ao mesmo tempo em que mantinha uma distância temerosa por medo de que o fio se rompesse e ficasse em evidência a distância real que os separava. Pouco depois disso, veio a primeira aparição: era um rosto indefinido na janela, quase uma sombra, mas mais espesso, mais consistente, tentou descrever. No início, as aparições lhe provocaram apenas curiosidade. Só depois de um ano e meio de visitas quase diárias, conseguia finalmente se render, naquela noite, à necessidade de não ser mais a espectadora. Ao cair o sol, saiu de casa e andou, aberta a cada gesto, cada olhar, mas sem medo. Chovia, e mesmo assim andou — precisava ir além das fronteiras demarcadas, achar seu rastro na cidade. Andou por várias horas, e só voltou para casa quando seus pés o exigiram. Naquela noite, esperaria seu fantasma como se espera um convidado, uma visita desejada.

Anexo IX

A narrativa “Mundos paralelos” publicado em *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Record, 2004), se transformou em “O retorno” no livro *Mais ao Sul*

Paloma Vidal (Buenos Aires, 1975) — Doutoranda em Estudos de Literatura na PUC-RJ. Mora no Rio de Janeiro (RJ).

Bibliografia:

A duas mãos (contos) — 2003

O retorno (mais ao sul)

Uma parte do aeroporto tinha sido reformada. Ao atravessar as portas de vidro automáticas, reconheceu à sua esquerda o velho terminal por onde tinha partido. Não era a primeira vez que voltava e provavelmente não seria a última (sempre acabava voltando para aquela cidade). Com a brisa da rua, veio o cheiro familiar que tantas vezes, estando em outros lugares, lhe trouxera a lembrança da sua cidade natal. Sentiu-se em casa. Por um instante sentiu-se feliz, em paz. Mas imediatamente o motivo da viagem lhe devolveu a amargura à boca: seu pai tinha morrido. Pela última vez, muito provavelmente pela última vez, visitaria aquele bairro, entraria naquela casa, encontraria aquelas pessoas (que chegaram a ser muito próximas numa outra época da sua vida). Pela última vez, veria seu pai. Sua garganta se fechou, escondeu o rosto entre as mãos e permaneceu assim até que uma pessoa se aproximou. Obrigada, quis dizer ao desconhecido que encostou a mão no seu ombro, muito obrigada, mas se limitou a sorrir em silêncio e acenar para o ponto de táxi, querendo indicar que estava tudo bem (mesmo sabendo que não era verdade e que seu corpo gelava só de imaginar a viagem que tinha pela frente, mais uma, mais uma espera). Por que devo fazer isso sozinha? E se revoltou contra uma ausência indefinida, contra alguém

fosse estrangeira, o homem comentou, enquanto descia do carro uma mala enorme (todo o exagero, a desmedida, as dúvidas sobre quantos dias, qual o clima, qual a moda, que ela via refletidas ali). E arrastando aquele volume desproporcional, dirigiu-se até o portão de ferro. Tocou o 1°C no interfone e esperou. Reconheceu a sombra oscilante da sua tia, caminhando lentamente na sua direção. A porta se abriu e, à sua frente, o longo corredor escuro. Deu um passo adiante entreguendo a mala e equilibrou-se na soleira da porta, no limiar entre dois mundos.

Uma parte do aeroporto tinha sido reformada. Ao atravessar as portas de vidro automáticas, reconheceu à sua esquerda o velho terminal por onde tinha partido. Não era a primeira vez que voltava e provavelmente não seria a última (sempre acabava voltando para aquela cidade). Sentiu aquele cheiro familiar, uma brisa que tantas vezes, estando em outros lugares, lhe trouxera a lembrança de sua cidade natal. Sentiu-se em casa. Por um instante sentiu-se feliz, em paz. Mas imediatamente o motivo da viagem lhe devolveu a amargura à boca: seu pai tinha morrido. Pela última vez, muito provavelmente pela última vez, visitaria aquele bairro, entraria naquela casa, encontraria aquelas pessoas (que chegaram a ser muito próximas numa outra época da sua vida). Pela última vez, veria seu pai. Sua garganta se fechou, escondeu o rosto entre as mãos e permaneceu assim até que alguém se aproximou. Obrigada, quis dizer ao descolhido que encostou a mão no seu ombro, muito obrigada, mas se limitou a sorrir em silêncio e acenar para o ponto de táxi, querendo indicar que estava tudo bem (mesmo sabendo que não era verdade e que seu corpo gelava só de imaginar a viagem que tinha pela frente, mais uma, mais uma esperal). Por que devo fazer isso sozinha? E se revoltou contra uma ausência indefinida, contra alguém que deveria estar ali, do seu lado, naquela hora. Pouco importa, disse a si mesma

em voz alta. Pouco importa, disse de novo, buscando se converter. Lembrou-se da primeira vez que voltou e sorriu de novo (sorriu pela segunda vez naquele dia em que sorrir parecia tão improvável); portas do aeroporto se abriram e aquela brisa, a mesma brisa, uma onda de felicidade na sua direção. Buscou (e daquela vez achou) olhos do seu pai. Sorriu pela terceira vez. As portas se abriram e durante as horas seguintes preocupou-se apenas em respirar. Respira a companhia dele, o cheiro da rua e seu movimento, o tempo que tinha passado, o outono chegando. Viajaram em silêncio até sua antiga casa. O táxi demorava uma hora para percorrer o trajeto. Precisava não pensar. Apoiou a cabeça na janela e fechou os olhos. Lembrou-se de infância retornavam como uma ladainha. Em outros momentos da sua vida, ela as havia cultivado com muita ternura, mas agora não podia suportar nada que viesse do passado. Um quinto um balanço, umas mãos quentes e suaves empurrando suas costas um sorriso quase ao seu alcance. Uma porta, uma brecha de luz, um cama, um rosto sob o abajur. Um longo corredor úmido, as cerâmicas geladas sob seus pés, uma voz ao fundo chamando seu nome. motorista fez alguns comentários sobre o clima e, diante do seu silêncio, ligou o rádio. Não pôde deixar de ouvir a notícia de um estupro que ocorrera naquela manhã mesmo nos arredores da capital. As acusações, os acusados, o local do crime, o estado do corpo. estado do corpo: encontrado à beira do rio, nu da cintura para baixo o rosto inchado, marcas arroxeadas nos braços e nas pernas, um corte na vagina. Sentiu um calafrio e apertou uma coxa contra a outra. Um fedor enorme, cheiro de mijo e vômito, a camisa suada. Foi levada só com a roupa do corpo. Esperou vários dias que alguém telefonasse para explicar que tudo não passava de um engano. Tinha medo de fraquejar, de precipitar-se na angústia, ou pior, na loucura. Palzinho, me tira daqui, me tira daqui, paizinho. Ela definhava e contava Contava carneirinhos, contava as gotas que caíam do teto, contava

os passos do policial (um, dois, feição com arroz, um, dois, feição com arroz). O estado do corpo, do seu corpo, decrépito e irreconhecível, mantinha-a ocupada. Sentia uma dor horrível na bacia e no pescoço, também na sola dos pés e na raiz do cabelo, uma azia nauseante e uma pontada do lado esquerdo do abdômen. Embarralhavam-se na sua cabeça imagens de um balanço no quintal, de um corredor interminável, uma mulher deitada do seu lado, sussurrando alguma coisa no seu ouvido. Abandonava-se naqueles devaneios semiconscientes e deixava-se estar ali, esperando morrer. Não morreu. Ainda não foi dessa vez, disse a seu pai quando o viu do lado de fora da delegacia. Seguiriam-se dias de silêncio e desamparo, incapaz de falar sobre aquilo. Não queria que ninguém sentisse pena. Ou tinha medo de que não sentissem nada? Tinha medo do silêncio que se seguiria ao seu relato monótono, todos à espera de um desfecho que viria sem emoção, sem a dramaticidade necessária. Então não contou. Inscreveu-se numa pós-graduação no estrangeiro e dois meses depois estava morando à beira-mar. Assim foi. Voltou pela primeira vez depois de dez anos e agora voltava mais uma, para enterrar seu pai. Tentou objetivar as coisas: pão, pão, queijo, queijo. O táxi estava quase chegando. Algumas esquinas conhecidas, outras que a surpreendiam com lojas novas ou simplesmente fechadas, o bairro, como sempre, muito vazio, idosos sentados na calçada vendo a tarde passar, o tempo quase parado, a vida transcorrendo sem sentido e sem atrito, entre uma conversa e outra com o vizinho. O que seria daquele bairro? O que seria dele quando outros, como seu pai, também morassem? Seria habitado por fantasmas. Que vida haveria atrás daqueles portões de ferro, daquelas paredes descascadas? O dia estava esplêndido, iluminado, o que tornava muito mais nítidos os contornos das casas, das árvores, dos carros. Abriu um pouco mais a janela do táxi e respirou profundamente aquele ar. Não estava sendo nada objetiva, afinal de contas, os olhos novamente embaçados, uma sau-

dade indefinida de tudo e uma sensação de estranhamento, de alheamento, de não fazer parte daquele mundo. E de qual? Aludou o taxista a achar a rua da casa. Pensei que você fosse estrangeira, o homem comentou, enquanto descia do carro uma mala enorme (todo o exagero, a desmedida, as dúvidas sobre quantos dias, qual o clima, qual a moda, que ela via refletidas ali). E arrastando aquele volume desproporcional, dirigiu-se até o portão de ferro. Tocou o 1º C e esperou. Reconheceu a sombra oscilante de sua tia, caminhando lentamente na sua direção. A porta se abriu e, à sua frente, o longo corredor escuro. Deu um passo adiante erguendo a mala e equilibrou-se na soleira da porta, no limiar entre dois mundos.

Anexo X

“Viagens”, mesmo continuando com o mesmo nome sofreu grandes mudanças depois de sua primeira publicação no livro *Paralelos - 17 contos da nova literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Agir, 2004);

(destacado)
VIAGENS
Paloma Vidal

I

O HOMEM QUE EU VISITAVA SEMANALMENTE ERA BARBUDO, CALVO E FINHA UM LEVE SOTAQUE ESTRANGEIRO. Havia perto de sua casa um parque grande demais para aquele bairro, e talvez por isso abandonado, crianças jogando futebol num campinho debaixo do viaduto e as demais ruas vazias. Eu pegava um ônibus azul e branco para chegar até lá.

Era minha viagem ao passado: um longo corredor e as histórias por trás das paredes úmidas e já descascadas; a decadência dessa família e de muitas outras; a depressão pela partida, o choro das crianças e a avareza dos velhos. Nada disso tinha realmente a ver comigo, mas sobrevivia em mim um resto desse pântano.

Ele acabou morrendo naquela mesma cama em que o vi pela última vez. Sobre ela, um quadro oval com a imagem de Jesus Cristo, seu coração de fogo, a mão direita erguida num gesto solene de bênção. Sentada a seus pés, sentia os minutos passarem, o som do rádio baixinho entre nós dois e para além dele o silêncio, nada a dizer depois de tudo.

Estoy cansado, mijita – Cuéntame de tus viajes. Então sempre que eu viajava mandava cartões-postais para o meu avô moribundo, o homem que viera de longe para uma terra de promessas e voltara apenas uma vez para dizer adeus ao que mal conhecia. De volta a seu país natal, num ritual silencioso de despedida, jogara ao oceano as cinzas dela: Mercedes, mulher de cabelos negros e nariz curvo, Mercedes, Mercedita, amor mio.

Meu avô nasceu em 1904 num vilarejo da Catalunha chamado Poble de Segur. Um século depois aqui estou eu, tentando refazer sua partida do porto de Barcelona, aos 10 anos, alguns meses antes do início da Primeira

Vinte anos antes, ele começara a trabalhar numa ótica no centro da cidade, a ótica Boston, que mais tarde compraria, no ano de 1954. Deixome levar pelo desenho dessas cifras: trilho uma cronologia gravada em mim pelos poucos acontecimentos que conheço: um nascimento, uma viagem, uma morte. Na imagem espacial de um tempo que não vivi, inscrevo minhas marcas.

*est. em
outro
narrativa
no futuro
meu
sól.*

Imagino aquele mês de março de 1976, em que eles completaram cinco décadas juntos. Me sinto tan vieja, ela lhe disse. Foi no meio de um filme, sem olhar para ele e na escuridão da sala, sabendo que ele poderia optar por responder ou não, já que o álibi estava dado: afinal de contas estavam no cinema, e não era hora para um pensamento daqueles. Embora o filme fosse lento, muito lento, e os dois soubessem que num dia como aquele, depois da notícia no rádio, era impossível prestar atenção em qualquer outra coisa. Me sinto tan vieja. E era como dizer: não sei se vou agüentar.

Ela fazia 70 anos naquele dia. Por que não uma festa para comemorar os dois aniversários? Agora, depois da notícia, quem poderia pensar nisso. Hay que esperar, ele disse, sabendo que as cartas já estavam dadas, sabendo que ela sabia que era só uma forma de acalmá-la. Falaram pelo telefone com os filhos e decidiram que era melhor não se reunirem naquele dia, mas a festa sim, talvez. Uma coisa dessas deixa tudo em suspenso.

Quando antes de sair para o cinema foi até o banheiro se maquiar, viu que seu rosto estava coberto de manchas rosadas, uma irritação espalhada que o pó-de-arroz não conseguiu disfarçar. Maldita piel. O médico provavelmente lhe diria que era psicológico, lhe receitaria uma pomada e encerraria a consulta com um olhar sem horizonte: hay que esperar.

II

deslocamento

Eu, criança, meu pai, minha mãe, partindo mais uma vez. Não consigo imaginar como fizeram. Por onde começaram? Escolheram um lugar e depois empacotaram as coisas? Em que momento a pura ficção da partida se torna realidade? Se eu fosse partir agora? Se neste momento mesmo tivesse que juntar todas as minhas coisas numa mala e partir? Todas as minhas coisas, repito, flertando com essa impossibilidade – a tão desejada completude, cada coisa em seu lugar, todas as coisas devidamente guardadas.

Guerra Mundial, e seu retorno mais de sessenta anos depois para uma cidade que lhe pareceu deslumbrante, mas que não lhe pertencia.

Tentando refazer sua viagem com a mãe, o pai e um irmão ainda bebê, Manuel, sobrevivente por muito pouco de uma viagem cuja precariedade nunca chegará a se revelar inteiramente para mim. Dessa precariedade, e levando como um amuleto a carta do primo que partira dois anos antes dele, o garrancho com promessas de uma outra vida, alimentava-se o sonho do meu bisavô.

Conta-se que Manuel, com seis meses apenas, ficou vivo graças à mãe: que, determinada a vê-lo crescer do outro lado do Atlântico, ela o abraçou contra seu peito e fazendo dele uma extensão do seu próprio corpo, do seu próprio alento, não se separou do menino até que o barco por fim ancorou na cidade de Buenos Aires nos primeiros dias do mês de junho.

Ele tinha 16 anos e morava com a família no bairro de Parque Patrícios, quando numa manhã de abril, logo depois de acordar, viu projetada na parede uma série de imagens de sombras e de luz, espécie de decalque incolor, um claro-escuro formando um desenho pouco definido no fundo branco. Talvez uma cabeça com ombros, uma figura vaga que lhe pareceu familiar e lhe sugeriu a pergunta: irmão morto?

As imagens nunca mais apareceram, mas em seguida vieram os terrores noturnos, o mesmo enredo repetido após escuridão: que lugar é este? o que faço aqui? quem é você? Acudiam então a mãe e o pai, em resposta aos gritos de Manuel, apavorado com a cena: seu irmão de olhos abertos e cravados nele, mas incapaz de reconhecê-lo.

Seis anos depois, esse rapaz, meu avô, casou-se na igreja de San Miguel com Mercedes, nascida em Buenos Aires, filha de espanhóis. Para mim, que não a conheci, essa mulher foi primeiro um nome capaz de evocar uma inalcançável beatitude e, mais tarde, uma imagem quase irreal estampada numa foto colorida à mão pelo meu avô e descoberta numa velha caixa de papelão entre as coisas do meu pai.

O guia do imigrante espanhol aconselhava: ao chegar à idade de se casar, se for possível, se estiver apaixonado, é melhor fazê-lo com uma mulher argentina. Seus amigos estão aqui, seus hábitos e costumes foram adquiridos aqui, e seus filhos devem ser argentinos, porque a esta altura você já é quase um deles. Em 1945, no ano em que nasceu seu filho caçula, meu avô decidiu que chegara o tempo de se naturalizar.

Olho à minha volta: todas as minhas coisas são quase nada neste momento, vivendo há um mês numa cidade estrangeira. Os móveis (um sofá, uma mesa com quatro cadeiras, uma escrivaninha, uma cama), herdados do inquilino anterior, ficariam. No fundo da mala iriam os livros, uma dúzia deles, e em cima as roupas. Partir de repente, se fosse agora, seria até fácil. E a gata? Teria que abandonar a gata? Nem cinco minutos sobrevivo a essa ficção. Então como fizeram?

Lembro-me de ter aberto os olhos com uma pergunta: o que estou fazendo aqui? Vejo meu pai e minha mãe arrumando objetos no espaço do apartamento novo que na minha lembrança é imenso, o nono andar de um prédio em frente à Praça do Lido. Lembro ou imagino? A chegada num aeroporto desconhecido e a pergunta desconcertante, seguida de um silêncio: qué lengua hablan?

Pergunto também pelo meu primo, com quem brincava de polícia-e-ladrão no antigo apartamento. Saíam daí com as mãos para o alto. Vocês estão cercados. A casa está cercada. Enquanto brincamos, minha mãe nos observa debruçada sobre um monte de papéis espalhados pela mesa da sala. Gostava de tê-la ali, ao alcance dos olhos. Por que está chorando, mãe? É só uma brincadeira – pára de chorar, mãe.

De um lado para o outro eles carregam as coisas em silêncio. Vou inspecionar meu novo quarto, onde há uma bicama que logo aprenderei a chamar de “beliche”. Estranha essa palavra com sotaque francês, diz minha mãe quando lhe conto a novidade. Todos os dias, após uma tarde de aula com a professora Felisa, chego em casa com novas palavras que ensino à minha mãe.

Volto para a sala e me sento numa das cadeiras da mesa de jantar. Sinto-me hipnotizada pelo movimento dos dois. Não consigo me mexer. Os olhos arregalados. Não adianta resistir – vocês estão cercados. Encolhida debaixo da cama, ouço as ameaças com um frio na barriga. Mais cedo ou mais tarde, vão me achar. Por isso detesto ser o bandido; acuada como a ratazana que o amigo do meu primo matou a pedradas. A ratazana não morre! A ratazana não morre! Mãos ao alto. Silêncio. O apartamento novo é grande demais para nós três, avalio.

Naquele outono de 1977, nossa primeira escala foi Porto Alegre, cidade que inesperadamente reencontrei nas páginas de um livro muitos anos depois. O personagem do romance que estou lendo se senta à beira do rio Guaíba numa tarde de verão. Ou melhor, ele se lembra de uma tarde de verão à beira do rio Guaíba. Porque o personagem está num país estran-

O que se pode afirmar, continua o jornal, é que, comparada com o vizinho Uruguai, que chegou a ter 11% de sua população no exterior, a Argentina, cujo nível de expatriados seria de pouco mais de 2%, não deveria se sentir perturbada pelo fenômeno.

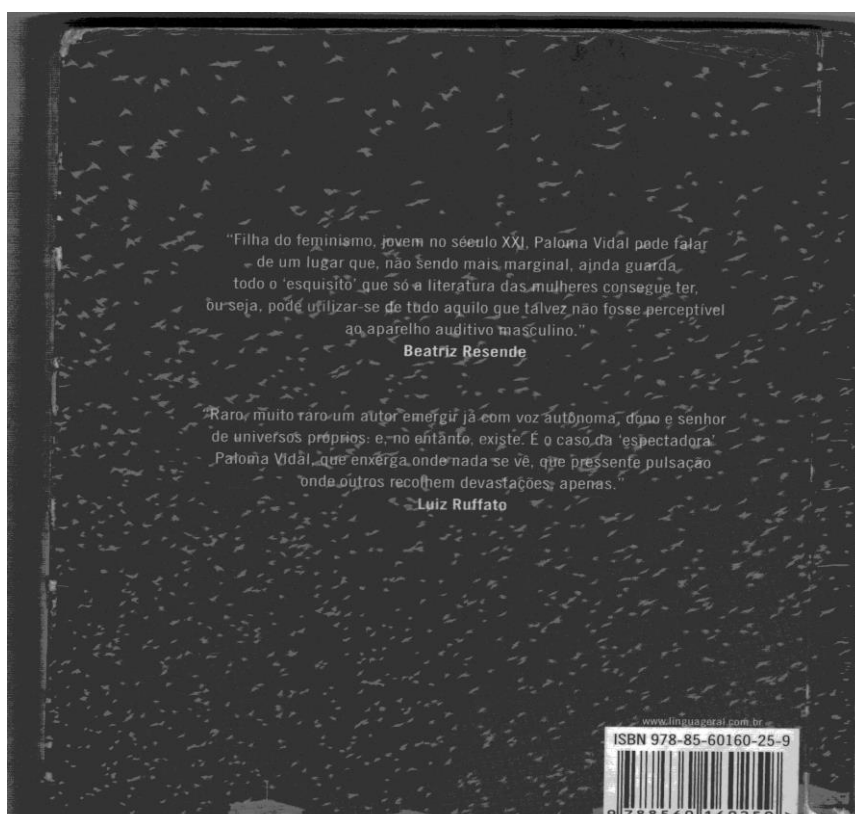
Como se conta esta história? Começo por uma frase que, caminhando à beira da baía de Guanabara, me fisga os ouvidos. É fim de tarde e estou indo em direção ao MAM. As árvores me protegem do ir-e-vir dos carros nas pistas do Aterro. Duas vezes me seguem, uma mulher e um rapaz, conversando a uns dois metros de mim. Si un día te volvés a la Argentina, diz a mulher. A língua perfura a paisagem. Contraio os músculos do rosto e sinto se definir imediatamente aquela ruga familiar entre os olhos. Com a ponta dos dedos, aliso-a num exercício inútil de apagamento.

Ao chegar em casa, sento-me diante do computador e escrevo: partindo mais uma vez. Procuro me lembrar da primeira vez que voltei à Argentina e me dou conta de que não guardei nenhuma imagem desse retorno. É possível que tenha se apagado por completo da minha memória? Eu não era tão nova no natal de 1983. A memória, uma engrenagem gasta, lenta, falha, engolindo o resto dos dias, as palavras, os dizeres, as palavras, as palavras – Como era mesmo que se dizia? Mas nesse mesmo oco, de sua insondável profundidade, emergem as imagens mais inusitadas de uma viagem, uma partida e um barco ancorado no porto de uma nova cidade.

Leio que a migração dos pássaros continua sendo um mistério. Algumas teorias sustentam que as impressões que eles carregam de seu local de nascimento que resultam numa persistente urgência de voltar para lá na primavera. Uma das coisas enigmáticas e admiráveis sobre essas longas viagens é que alguns deles se separam dos pais e sem nenhum guia podem se orientar na direção certa sobrevoando vastas extensões de água. São inúmeros os perigos que se enfrentam nessas jornadas e os que conseguem chegar a seu destino trazem as cicatrizes de muitas tempestades.

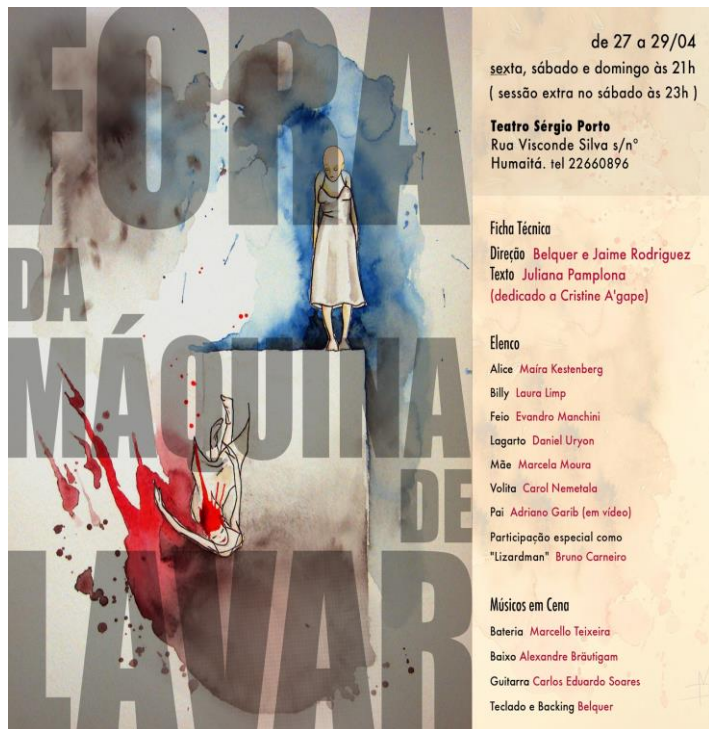
Imagino uma trama de partidas e dela começo a desentranhar minha ficção. Partindo mais uma vez, escrevo, e me dou conta de que a pura fantasia, com suas infinitas possibilidades, fica aquém desta história. Ela terá de ser real: escavada nos livros e nos relatos familiares. Escrevo: carreguei marcas através das décadas, acumulei signos, resíduos de memória, e os desagüei na geografia desta cidade. Do mar ao rio e de novo ao mar, aqui cheguei. As viagens se escrevem do momento em que me deixo levar por uma voz quase perdida, pulsação secreta, fantasma.

Anexo XI



Anexo XII –

“Tempo de Partir” Vidal inspirou-se na peça teatral *Fora da máquina de lavar* de Juliana Pamplona.



A PEÇA SINOPSE

Após incidente traumático durante uma performance, Alice, em crise, volta para a casa de sua família. Ao mesmo tempo em que retoma o contato com eles e seus comportamentos absurdos, ela vive uma espécie de transe entre realidade e sonho. Entre os escombros dessa estrutura familiar desconexa, ela se esforça para entender e assimilar o trauma, colocando em questão suas motivações de viver e fazer arte.

Fora da Máquina de Lavar expõe o convívio de uma família nada comum, como quem vasculha o cesto de roupa suja alheia. É sobre a colisão de universos: o familiar, o social, o artístico, a vida, a morte e ainda, o universo interior de cada um. A máquina de lavar surge como metáfora da família e do encontro. É a intersecção, o ponto de contato. É dentro dela que as roupas se misturam. Mas fora da máquina as coisas são mais complicadas: a comunicação

não se completa, os afetos se atritam e a busca de si no outro resulta quase sempre em solidão compartilhada. **Fora da Máquina de Lavar** gira, principalmente, sobre a questão da perda e da falta que sentimos daquilo que não nos pertence, mas que ainda assim nos define.

PERSONAGENS

ALICE é uma jovem artista. Tendo feito um pacto para uma performance suicida com sua melhor amiga **BILLY**, arrepende-se por ter desistido na última hora e a amiga não. Em seu delírio, Alice encontra-se com Billy e elas conversam sobre o que aconteceu. A presença de Billy tanto perturba e provoca quanto conforta, o que obriga Alice a confrontar a perda acarretada pelas suas escolhas no momento decisivo. Esses *encontros* com sua amiga, acontecem enquanto Alice está na casa de sua família.

O PAI é tão distante que mal reconhece os filhos. Sua existência se dá através de sua constante ausência. Sua participação só se torna possível sob a pressão de sua mulher. **A MÃE** busca incessantemente a normalidade da família sem conseguir enxergar o que, de fato, acontece ao seu redor. Parece não saber mais como sentir prazer na vida e dedica-se à lavagem das roupas como quem se agarra ao último fio de sanidade possível. Ao invés de agregar, separa os familiares como separa as peças de roupa para lavar.

O FEIO é um dos irmãos de Alice. Filho do meio. Um jovem agressivo, metódico e vingativo, cuja feiúra reside mais nos atos e pensamentos do que na aparência propriamente dita. Ocupa-se com culinária quando não está torturando o outro irmão, o **LAGARTO**. Este é o caçula, que através do processo de *body modification* pretende transformar-se num iguana. Para isso, recorre a todo tipo de recurso enquanto vai vivendo, integralmente, sua ideologia. Já a avó, **VOLITA**, parece sempre estar situada num lugar “entre”: entre idiomas (pois apesar de morar no Brasil há décadas, não fala bem o português), entre épocas, entre os outros familiares. É a única que parece notar o que se passa ao redor e com Alice. Tem uma relação problemática com a Nora. Apesar disso, Volita nutre um carinho especial pelo Lagarto, talvez por este estar se afirmando num mundo do qual o resto da família não participa, talvez por este também estar num lugar “entre”... o humano e o animal.